

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

BRUNA FLORENCIO RASMUSSEN
MARINA PRANKE CIOATO
PRISCILA CAMARGO BORTOLOZZO

*UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO EPISÓDIO DE REALENGO NA
REVISTA VEJA SOB A PERSPECTIVA DA ÉTICA JORNALÍSTICA*

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2013

BRUNA FLORENCIO RASMUSSEN
MARINA PRANKE CIOATO
PRISCILA CAMARGO BORTOLOZZO

*UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO EPISÓDIO DE REALENGO NA
REVISTA VEJA SOB A PERSPECTIVA DA ÉTICA JORNALÍSTICA*

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão-DACEX - da Universidade Tecnológica Federal do Paraná- UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo.

Orientador: Prof. Msc. Zama Caixeta Nascentes

CURITIBA

2013

AGRADECIMENTOS

Não basta que sejamos gratas, que prestemos homenagens ou que façamos menções honrosas àqueles, que muitas vezes sem se darem conta ou sem esperarem nada em troca, fizeram muito mais por nós do que merecíamos, para que chegássemos até aqui.

É necessário registrar, para o que chamamos de eternidade, o quanto fez diferença a presença de nossos pais e irmãos nessa caminhada. Aqueles que ouviram nossas queixas, nossas lamentações, que nos abraçaram em nossas primeiras conquistas e que acima de tudo nos deram forças quando tudo parecia perdido e que pensamos em desistir.

Aos nossos amigos, que entenderam algumas ausências, que acolheram nossas opções profissionais, que acreditaram e também nos deram apoio para seguirmos adiante, mas que, principalmente, não saíram do nosso lado, mesmo quando tentávamos analisar eticamente todas as coisas que ouvíamos, fossem elas de notícias a piadas.

Aos nossos professores, em especial ao nosso orientador, por nos terem ajudado a desenvolver nossas competências como comunicadores, mas também por nos terem feito aprender verdadeiramente. Agradecemos por todas as correções, pela paciência, pelos ensinamentos. Agradecemos por nos ter feito aprender mais que conceitos éticos, por nos ter feito entender a diferença entre quem aponta o caminho e quem ensina a encontrar o caminho.

Não menos importante, agradecemos à Deus e à fé que nos fez acreditar que chegaríamos até aqui e que nos motiva a confiar que chegaremos ainda mais longe.

Por fim, agradecemos pela nossa equipe, umas às outras, por termos conseguido distanciar nossa amizade de nossos conflitos referentes ao trabalho. Por termos levado tão seriamente a construção desse material sem nos esquecermos da confiança e do sentimento que nos fez formarmos esta equipe.

um código pretende relacionar atitudes a serem propostas ou proibidas, enquanto que a ética trabalha com sujeitos, chamados a decidir, a escolher, a pesar entre as regras, a interrogar-se sobre seus deveres, além do simples enunciado proposto. (CORNU 1998, p. 107).

RESUMO

BORTOLOZZO, Priscila C.; CIOATO, Marina P.; RASMUSSEN, Bruna F. **Uma análise da cobertura do episódio de Realengo na revista VEJA sob a perspectiva da ética jornalística.** 2013. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Tecnologia em Comunicação Institucional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

Este Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional analisa, sob a ótica da ética jornalística, os textos da reportagem da revista VEJA de 13 de abril de 2011, referentes ao massacre de Realengo. Tratando-se de um caso trágico envolvendo a morte de crianças e adolescentes, o trabalho examina a abordagem jornalística de acordo com os conceitos éticos levantados pelos estudiosos Eugênio Bucci e Daniel Cornu e usa como um de seus pontos de apoio o massacre escolar de Columbine, episódio semelhante ao que ocorreu no Brasil, na escola Realengo, conforme retrata a revista norte-americana TIME de 03 de maio de 1999.

Palavras-chave: Comunicação. Ética jornalística. Revista VEJA. Revista TIME. Realengo. Columbine.

ABSTRACT

BORTOLOZZO, Priscila C.; CIOATO, Marina P.; RASMUSSEN, Bruna F. **Analysis of the covering from Realengo episode at VEJA magazine under the journalistic ethical perspective.** 2013. Completion course work - Graduation in institutional communication, Federal Technological University in Paraná. Curitiba, 2013.

This is a work of completion in the course on Communication Technological Institutional analyses, under a journalistic sight, the texts of the reports of VEJA magazine from April, 13, 2011, concerning the so called "Realengo massacre". It is about a tragic case involving the death of children and teenagers with the analyses of a journalistic approach according the ethical concepts raised by the scholars Eugênio Bucci and Daniel Cornu. The work uses as a support tool the massacre of Columbine, an episode similar to the one that happened in the school in Realengo, Brazil, as covered in the north-american magazine TIME, on May, 3, 1999.

Key-words: Communication. Journalistic ethics. VEJA magazine. TIME magazine. Realengo. Columbine.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 ÉTICA, MORAL, TELEOLOGIA E DEONTOLOGIA	09
3 ÉTICA NO JORNALISMO: UM QUESTIONAMENTO NECESSÁRIO?	11
4 DEONTOLOGIA JORNALÍSTICA E OS CÓDIGOS DE ÉTICA	13
5 DILEMAS ÉTICOS NO JORNALISMO	14
5.1 A INFORMAÇÃO DO PÚBLICO	14
5.2 A LIBERDADE DE IMPRENSA COMO CONDIÇÃO	15
5.3 A VERDADE COMO DEVER FUNDAMENTAL	16
5.4 O RESPEITO PELA DIGNIDADE HUMANA COMO LIMITE	18
6 O MASSACRE DE REALENGO	22
7 ANÁLISE ÉTICA DO "ESPECIAL" DA REVISTA VEJA	23
7.1 "CRUEL, ATERRADOR E INEXPLICÁVEL"	23
7.2 "SÓ O DEVER CUMPRIDO"	26
7.3 "O QUE ESTES ASSASSINOS TÊM EM COMUM"	28
7.4 " O ALVO ERRADO, MAIS UMA VEZ"	31
7.5 "O EFEITO VIRAL DAS MATANÇAS"	31
7.6 "VIDAS ABREVIADAS"	33
7.7 "VIDAS A SER RECONSTRUÍDAS"	35
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	45

1 INTRODUÇÃO

Os processos de industrialização, urbanização e o acelerado desenvolvimento tecnológico das últimas décadas influenciaram diretamente no modo de fazer comunicação, tornando crescente a quantidade de informações disponíveis, de forma mais imediata e de longo alcance, superando barreiras físicas e geográficas através de novas formas de publicações - as versões *online*, por exemplo.

Seguindo esse ritmo, os estudos na área jornalística, o compromisso com o público e o respeito ao direito à informação ganharam espaço para discussão na sociedade. Ampliaram-se os debates em torno das permissões e obrigações da profissão, consolidaram-se normas e códigos para regulamentação e controle das milhões de notícias publicadas diariamente e estabeleceram princípios éticos aceitáveis.

Utilizando-se dos conceitos e parâmetros éticos apontados pelos estudiosos Eugênio Bucci e Daniel Cornu, este trabalho concentra-se em reconhecer os princípios éticos levados em consideração pela Revista VEJA, na edição de 13 de abril de 2011, nas reportagens destinadas ao "Especial" da cobertura do massacre escolar de Realengo, no Rio de Janeiro. O presente trabalho também utiliza como ferramenta a revista norte-americana TIME, edição de 03 de maio de 1999, em relação à matéria sobre o caso de Columbine, massacre escolar com aspectos semelhantes ao de Realengo - e que é tido como o principal deste tipo. As duas revistas são publicadas semanalmente e possuem as maiores tiragens dos Estados Unidos e do Brasil em seus segmentos, sendo, portanto, de considerável audiência e respectiva influência.

Como objeto de análise são considerados apenas os textos das matérias do "Especial" da revista VEJA, excluindo-se quaisquer elementos visuais, tais como fotos, desenhos ou gráficos. Diante disso, o trabalho propõe levantar e analisar, através de teorias e da observância crítica, a cobertura da Chacina de Realengo. O método utilizado foi a observância e análise qualitativa para identificar os conceitos da ética jornalística nas reportagens, levantando elementos textuais que instiguem o debate ético. Embora o foco esteja em Realengo e nos textos da VEJA, o caso Columbine se mostrou imprescindível para que o universo dos massacres escolares fosse compreendido.

A escolha de discutir ética baseia-se na relevância do tema tanto para os profissionais quanto para a sociedade. "Diferentes aspectos da comunicação comumente são temas de estudos: emissor, receptor, meio e mensagem, ou mesmo o grau de influência que ela possui.

Entretanto, questionamentos éticos devem ser levantados: com que finalidade? Em nome de quê?" (CORNU, 1994. p. 22). Este Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Institucional optou por discutir ética, aspecto fundamental na formação tanto prática quanto teórica para todos profissionais de comunicação. Além disso, tratando-se da análise da cobertura jornalística do caso do massacre de Realengo, a relevância do estudo estende-se não só para os profissionais da área, como também para toda a sociedade, diretamente envolvida com o caso.

Entre os motivos pelos quais a ética na comunicação muitas vezes é deixada à margem das discussões está a dificuldade de enquadrá-la em uma metodologia e a grande quantidade de publicações pouco precisas. A ética na comunicação enfrenta um grande obstáculo: a competitividade mercadológica e a questão econômica que tem, em muitos casos, prevalecido em detrimento da postura ética. Debates e críticas podem ser o princípio de formas de resistência e retaliação às pressões exercidas nos veículos de comunicação, algo que se agravou com a popularização da comunicação online, exigindo ainda mais rapidez por parte do profissional.

Os objetos de análise, as matérias da VEJA sobre o caso de Realengo, foram escolhidos por serem de representatividade no âmbito nacional. Segundo o Instituto Verificador Nacional, a tiragem da VEJA é de 1.198.884 exemplares (julho de 2011). Como os casos envolvem crianças e adolescentes, os quais são excepcionalmente protegidos por lei (Estatuto da Criança e do Adolescente), os massacres tiveram uma grande repercussão na sociedade, tornando-se merecida a realização de estudos das coberturas sob a perspectiva da ética jornalística.

Os massacres de Realengo e Columbine tiveram repercussão internacional, sendo cobertos praticamente em tempo real pelas impressas de todo mundo. A escolha pela publicação em revistas deveu-se, sobretudo, pelo fato de permitirem uma relação mais próxima com seus públicos, direcionada e pontual.

Massacres escolares têm sido registrados desde o começo do século XX. Contudo, foi com o acesso a novas mídias, a partir da década de 90, que a repercussão desses casos cresceu. O episódio de Columbine pode ser considerado, até hoje, o caso de violência escolar mais conhecido internacionalmente. Nele foram inspirados filmes, músicas e livros. Para recontá-lo, por exemplo, há o documentário intitulado "Tiros em Columbine", de Michael Moore, e o livro "Columbine", de Dave Cullen. Já o massacre escolar em Realengo foi o primeiro caso de chacina escolar no Brasil.

Tendo em vista a pertinência do debate ético nos caso da cobertura jornalística, o presente projeto primeiramente levanta as questões éticas que serão a base da análise da revista VEJA e, por conseguinte, as considerações de cada matéria relacionadas ao massacre de Realengo contidas na edição em questão. Os critérios de análise assumidos no presente trabalho são os eixos éticos apontados por Daniel Cornu, sendo eles: a informação do público; a liberdade de imprensa como condição; a verdade como dever fundamental; e o respeito pela dignidade humana como limite. A partir de cada um desses eixos são levantadas outras questões éticas, como a objetividade e a utilização de narrativa em vez de jornalística.

2 ÉTICA, MORAL, TELEOLOGIA E DEONTOLOGIA

O debate ético de cada profissão é relevante. Tendo em vista a repercussão social que o jornalismo implica e o conflito de interesses que o envolve, torna-se ainda mais necessário abordar a ética jornalística. A cada dia surgem novos desafios e decisões precisam ser tomadas, além das decisões tanto institucionais de cada rede de comunicação, como com as decisões individuais de cada jornalista. Para iniciar o questionamento da ética jornalística aqui proposto, é preciso buscar definições para o termo.

A ética é uma parte da filosofia que se dedica aos aspectos referentes ao caráter e a conduta dos indivíduos. Na sua etimologia, a palavra "ética" é procedente do grego, e significa "aquilo que pertence ao caráter"¹. Segundo Daniel Cornu, a ética é muitas vezes confundida com a moral e o autor explica: "a moral cumpre uma tarefa de regulação, facilitada pela publicidade dada às suas normas, enquanto a ética cumpre uma função de legitimação ao interrogar essas próprias normas." (CORNU, 1994, p. 37). Ou seja, a moral é o conjunto de regras sociais admitidas por um determinado grupo e determinado tempo e a ética é o estudo que tem como objetivo criticar e sistematizar as normas sociais vigentes. Cornu aponta que são os direitos do homem, como instância fundadora e crítica, que orientam a reflexão ética, a qual, é reflexiva e interrogativa antes de ser normativa, enquanto a moral é prescritiva (CORNU 1994, p. 38). O autor (1998) define a moral como a primeira instância, "ponto de referência de um conjunto de preceitos que fundamenta o ato do homem e as relações humanas, ao qual o indivíduo aceita submeter-se para poder viver em sociedade", já a ética, nesse mesmo raciocínio, fica definida como a aplicação pessoal de um conjunto de valores livremente eleitos pelo indivíduo (CORNU, 1998, p. 8).

O autor Eugênio Bucci aborda duas faces éticas: uma que atua no indivíduo e outra na sociedade. Embora a consciência ética seja própria de cada um, a ação ética legitima-se no coletivo. "Cada um, agindo eticamente, constrói o próprio caráter em direção à virtude; no mesmo movimento, constrói o bem comum tal como ele é entendido em sua comunidade" (BUCCI, 2000, p. 16).

A ética faz-se necessária, segundo os autores, para servir de parâmetro em decisões que não estão prescritas na lei - apesar desta estar pautada muitas vezes na ética - e está em busca do bem e da virtude aceitas coletivamente, mantendo a liberdade individual e também

¹<http://www.significados.com.br/etica-na-filosofia/>

com influência do externo em que garante a liberdade dos outros também. A ética localiza-se na práxis, ou seja, na ação, no conjunto das atividades práticas, e como afirma Bucci, o desafio ético é encontrar nos costumes as pistas para o Bem (BUCCI, 2000, p.17). Aplicadas ao jornalismo, o Bem proposto é a reflexão sobre como ser melhor do que é. O autor ressalta que, apesar do convite a um discurso prescritivo, marcado pelo dever - ser, a ética não se esgota em uma série de normas e deveres finalizados e estanques, que respondem a todas as questões, principalmente na área jornalística. Diferentemente, a ética serve para orientar e fundamentar as decisões que não estão regulamentadas. (BUCCI, 2000, p. 17) A maioria delas, tratando-se do jornalismo, não são questões entre "certo e errado", cujo comportamento refere-se ao lícito e ilícito, entretanto os maiores desafios éticos da profissão são casos em que é preciso decidir entre dois valores que, a princípio, ambos são bons. Como por exemplo, o compromisso de informar e questões relativas à privacidade, as quais serão abordadas mais profundamente no decorrer deste trabalho.

Eugênio Bucci discorre sobre a distinção de duas vertentes filosóficas que podem servir como base das decisões a serem tomadas no jornalismo: a teleológica e a deontológica. A teleologia leva em conta as consequências dos seus atos, ou seja, é preciso refletir quais das suas ações trarão maiores benefícios às pessoas, sem a prerrogativa de que uma "má atitude" seja justificada por uma "boa causa". Já a deontologia aproxima-se do imperativo categórico do filósofo Immanuel Kant, que defende que se deve agir de acordo com o que gostaria de que todos agissem da mesma forma, ou seja, "para que uma regra de conduta só pode ser eticamente aceita se for universal, isto é, se tiver validade tanto para o agente como para todos os outros seres racionais." (BUCCI, 2000, p. 22). Para ambas as vertentes, Bucci apresenta suas fragilidades quando se trata da prática jornalística. A ética teleológica exige uma ilusória habilidade de previsão do jornalista, o qual não possui esse "poder" de prever com exatidão as repercussões de seus atos, comprometendo assim tal vertente. Já a ética deontológica não ajuda a decidir entre dois valores equivalentes, o que comumente acontece no jornalismo e, com sua tendência exata e inflexível.

3 ÉTICA NO JORNALISMO: UM QUESTIONAMENTO NECESSÁRIO?

Um dos pontos que precisa ser ressaltado pela dificuldade ética do jornalismo são as múltiplas funções e atribuições que caracterizam a categoria profissional. Os próprios jornalistas dão uma imagem pouco homogênea, com diferentes abordagens, diferentes funções - repórter, editor, fotógrafo - que são responsáveis por determinado público ou segmento. A cada editoria são diferentes princípios e posturas exigidas do profissional. Como reforça Cornu ao colocar se tivesse que encontrar um denominador comum às diversas vias de acesso ao jornalismo "poder-se-ia afirmar que o jornalista não se define nem por um diploma, nem por competências reconhecidas e controladas, mas simplesmente pelo próprio exercício do seu ofício que, nas condições próprias de cada país, lhe permite dispor de uma carteira profissional." (CORNU, 1994, p. 41).

A falta de interesse em debater a ética profissional, para muitos jornalistas, torna-se uma ameaça à autonomia e à maneira que é realizado o atual exercício da profissão, o que é explicável quando se traça um histórico da imprensa, em que foi marcada por dominações autoritárias e pela censura, sendo que o papel do jornalismo é justamente de lutar pela liberdade e por oferecer as informações pertinentes à população. Marcados pela censura, a atual liberdade de expressão e de atuação do jornalismo, como instrumento da democracia, fazem com que se perca o sentido de tal postura de rejeição e não debater publicamente a ética. "É como se a imprensa proclamasse: minha função é informar o público, mas meus valores não estão em discussão, os meus métodos não são da conta de mais ninguém - eles são bons, corretos e justos por definição." (BUCCI, 2000, p. 39).

Mesmo assim, o jornalismo exige o debate ético por sua representatividade e sua relevância social. Primeiramente por envolver o direito do cidadão a informação, o que será tratado mais adiante, e em segundo por estar em uma zona de conflito de interesses. O jornalista necessita manter sua postura ética para evitar que o conflito de interesses, real ou aparente, prejudique a apuração dos fatos e a sua publicação com autonomia (BUCCI, 2000, p. 43). Além disso, o jornalismo é constante de escolhas, as quais possuem grande influência e responsabilidade como consequência, não se tratando, como já foi dito, de decisões óbvias entre o "certo" e o "errado", mas questões que equiparam, aumentando-se assim, a relevância da ética, pois "sua matéria-prima, porém, não é essa [do que é lícito ou ilícito], mas é fornecer ao profissional alguns parâmetros que o ajudem a tomar uma decisão entre duas alternativas igualmente lícitas, ou entre o certo - e o certo." (BUCCI 2000, p. 21).

A velocidade exigida pelos veículos de comunicação de suas publicações e notícias também colabora com a falta de interesse pelo debate ético, o que é explicável tendo em vista que a cada decisão a ser tomada em um tempo que não permite que a questão seja debatida e analisada. A questão deve ser resolvida com motivos sólidos e fundamentados, porém silenciosos. (BUCC, 2000, p. 44). Entretanto, essa recusa em se envolver em discussões éticas e levantar questões que influenciam e estão presentes na relação entre o jornalismo e o público, enfraquece o jornalismo diante de seu principal objetivo. A razão de ser do jornalista não é a empresa que paga seu salário, mas a existência do direito à informação, o qual pertence ao cidadão,

ora, quando a imprensa se recusa a debater ética com esse cidadão, está se recusando a prestar contas com quem a sustenta. (...) A imprensa é a materialização de uma relação de confiança e o que sedimenta a confiança é uma prática ética. (BUCCI, 2000, p. 47)

Diante disso, apesar das dificuldades e empecilhos que envolvem o debate ético do jornalismo, este se faz necessário não apenas em seus códigos e deontologia, mas intrínseca na maneira de pensar e agir do profissional, estando ligado à técnica e à missão do jornalismo, como o próprio Manual de Redação e Estilo de O Globo aponta:

as exigências éticas não prejudicam a prática do jornalismo; ao contrário, elevam a qualidade da informação pois o exercício do jornalismo já em si a realização de uma ética, que consistem em publicar o que os outros querem esconder, mas que o cidadão tem o direito de saber (BUCCI, 2000, p. 42)

A ética jornalística, diferentemente de seus códigos e normas, não está finalizada e acabada, assim como seus conflitos, que constantemente se transformam e exigem uma nova postura do jornalista, com uma nova situação que não está prescrita em seu manual de ética. Ela é, na verdade, "o campo em que se estabelece o sentido comum - social - de um fazer específico; é o campo em que se definem os benefícios comuns que devem ser promovidos por esse fazer específico e os limites além dos quais esse fazer não está autorizado" (BUCCI, 2000, p. 48).

4 DEONTOLOGIA JORNALÍSTICA E OS CÓDIGOS DE ÉTICA

Daniel Cornu apresenta uma deontologia profissional do dever em geral, a teoria dos deveres, que são as normatizações e códigos deontológicos que "remetem a uma abordagem empírica dos diversos deveres relativos a uma situação social ou a uma profissão determinada" (CORNU, 1994, p. 38). Este caráter instrumental, presente em todas as profissões, manifesta-se através dos códigos de ética, passando por uma formulação codificada, sob aspectos de preceitos ou artigos. A restrição dessa normatização é evidente: enquanto a ética intervém como força de questionamento, a deontologia apresenta-se como um limitado conjunto de regras convencionado pelo grupo da profissão, como endossa Cornu "um código pretende relacionar atitudes a serem propostas ou proibidas, enquanto que a ética trabalha com sujeitos, chamados a decidir, a escolher, a pesar entre as regras, a interrogar-se sobre seus deveres, além do simples enunciado proposto." (CORNU 1998, p. 107).

Os códigos de ética servem para oficializar e sacramentar os princípios que regem a tomada de decisão, mas, como confirma Bucci (1998), os princípios, os valores e a conduta do jornalismo se sedimentam mais pelos costumes do que pelas normas convencionadas. Ou seja, a ética não está restrita a um conjunto de deveres e nem a normas que são formuladas e convencionadas pela deontologia profissional, mas a prática jornalística ética deve ser estimulada na própria formação acadêmica e no ambiente de trabalho "há ambientes profissionais onde nada há escrito e, não obstante os melhores valores do jornalismo são vivamente cultivados, cimentando a cultura dos que ali trabalham." (BUCCI, 2000, p. 207).

Ainda assim, admitindo suas limitações, os códigos deontológicos reproduzem os embates éticos e as questões que implicam na execução da profissão. A formulação dos códigos é a manifestação da consciência da profissão e expressam um comprometimento voluntário com um padrão de comportamento, "a validade dos códigos de ética está no compromisso prévio que eles contêm e no acúmulo de sabedoria ética que representam" (BUCCI, 2000, p. 206). Portanto, os códigos em si não garantem o cumprimento do mesmo, não abrangem todas as questões éticas envolvidas no cotidiano de um profissional do jornalismo, mas ainda assim é válida a partir da discussão e percepção que lhe é anterior.

5 DILEMAS ÉTICOS NO JORNALISMO

Os principais dilemas éticos envolvidos no jornalismo assumidos no presente trabalho para a análise realizada estão na divisão adotada por Daniel Cornu (1994), em que ele analisa os conteúdos dos principais códigos deontológicos através de quatro eixos traçados por ele: a informação do público; a liberdade de imprensa como condição; a verdade como dever fundamental; e o respeito pela dignidade humana como limite.

5.1 A INFORMAÇÃO DO PÚBLICO

O direito à informação do público é o que fundamenta a existência do jornalismo. É um direito garantido em todo mundo democrático, inclusive está na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) que estabelece no artigo XIX: "Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.". O direito de informação está ligado à democracia, a qual exige o debate público em que se formam as opiniões entre os cidadãos, "a imprensa tem por função informá-lo, tanto sobre os fatos como sobre as correntes de ideias, a fim de se criar uma opinião pública cuja expressão há de ser organizada pela democracia." (CORNU, 1994, p. 58). Entretanto, o conflito ético surge quando as relações comerciais começam a ganhar prioridade em detrimento do único e exclusivo papel do jornalista que é fazer cumprir esse direito do cidadão. Assim como a Declaração da Unesco sobre os *media* (meios e formas que permitem aos jornalistas tornarem uma informação pública) - destinada a orientar as formulações deontológicas, em seu princípio III denominado A Responsabilidade Social do Jornalista, que diz:

No jornalismo, a informação é compreendida como um bem social e não como um simples produto. Isto significa que o jornalista partilha a responsabilidade da informação transmitida. Por isso é responsável, não só perante os que dominam os *media* mas, em última análise, perante o grande público, tendo em conta a diversidade dos interesses sociais. A responsabilidade social do jornalista exige que ele aja, em todas as circunstâncias, em conformidade com a sua própria consciência ética. (Declaração da Unesco sobre os media - 1983 - Princípio III)

Uma expressão que merece destaque é a informação, que deve ser tratada como bem social, e não como um simples produto, o que confirma que, ao dar prioridade ao lucro, o jornalismo está em seu embate ético perante o seu principal objetivo.

No entanto, nem sempre tratar a informação como um produto caracteriza um problema, desde que para isso haja reconhecimento de que o então "produto" existe para uma função de bem social. Um exemplo disso está no programa de rádio a Voz do Brasil, que nos anos de 2003 e 2004 passou por um processo de reformulação. Basicamente o sucesso das novas mudanças se deu na percepção de que o produto que a emissora oferecia era a informação e que essa mesma informação existia com o propósito de servir a sua função social, atender às demandas dos públicos, nesse caso, seus ouvintes. Foi a partir da ciência de que a informação era o produto que a Voz vendia, que o cliente era o público e que sua função era atender as demandas de seus clientes que o programa atingiu de maneira eficaz seu maior objetivo, alinhar as características do produto com sua função social, sendo inclusive reconhecido por órgãos competentes.

5.2 A LIBERDADE DE IMPRENSA COMO CONDIÇÃO

Para que a imprensa cumpra seu papel como parte da democracia e possa assegurar a veiculação de notícias e informações verídicas e que não acobertem pessoas, empresas ou o poder público, a liberdade de imprensa e a autonomia são imprescindíveis. Normalmente, liberdade de imprensa é associada à censura de governos totalitários, o que realmente impede e tira qualquer condição de exercer o seu papel. No entanto, atualmente o relacionamento entre os veículos de comunicação e seu lado comercial - anunciantes, patrocinadores - acaba comprometendo também a liberdade da imprensa, a qual deixa de publicar certos assuntos por questão de interesses diversos, os quais não são os interesses dos cidadãos. Ou ainda, levado a publicar algumas matérias para favorecer alguém ou uma instituição. A independência seria, portanto "manter a autonomia para apurar, investigar, editar e difundir toda informação que seja de interesse público, o interesse do cidadão e não permitir que nenhum outro interesse prejudique essa missão" (BUCCI, 2000, p. 56).

A liberdade editorial aparece nos códigos deontológicos brasileiros da área, como no Código de Ética da Associação Nacional de Jornais (ANJ), como também no Código de Ética da Associação Nacional dos Editores de Revistas (ANER), e aparece também como o

primeiro artigo no Código de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), no qual é defendido que "O acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse." Essa ênfase dada à liberdade editorial e a "outros interesses" assume a existência no jornalismo de um conflito de interesses - como entre servir ao direito à informação do cidadão ou obter vantagens pessoais ou favorecer a terceiros - "embora o direito à informação seja uma garantia legal mantida pelos Estados democráticos, uma garantia cujo lugar é a esfera pública, os procedimentos práticos do jornalismo moderno foram também conformados nas relações capitalistas de produção de consumo" (BUCCI, 2000, p. 60).

Teoricamente, não deveria haver contradição entre o lucro da empresa de comunicação e seu comprometimento com o cidadão, pois a credibilidade gera confiança em seu público - que deveria ser o único "cliente". Entretanto, as conflito de interesses toma forma quando o veículo de comunicação trata como "cliente" tanto o público quanto os seus anunciantes. Para isso, uma solução é a separação entre a parte comercial e a parte editorial do veículo de comunicação, "jornalismo de um lado, comércio de outro" (BUCCI, 2000, p. 62).

5.3 A VERDADE COMO DEVER FUNDAMENTAL

Um aspecto consensual entre os códigos deontológicos é que o primeiro dever do jornalista é informar compromissado com a verdade dos fatos, o que aparentemente é simples, mas carrega uma séria questão ética. "Em síntese: onde há conflitos de interesse não se gera informação de qualidade. É elementar. A ética jornalística poderia se resumir a um simples mandamento: não mentir." (BUCCI, 2000, p. 88). Além disso, é função do jornalista não apenas respeitar a verdade, como buscá-la. O segundo princípio da Declaração da Unesco, com o Princípio II - O RESPEITO DO JORNALISTA PELA REALIDADE OBJETIVA:

A tarefa primordial do jornalista é servir o direito do povo a uma informação verídica e autêntica, respeitando com honestidade a realidade objetiva, colocando conscientemente os fatos no seu contexto adequado, salientando os seus elos essenciais, sem provocar distorções, desenvolvendo toda a capacidade criativa do jornalista, para que o público receba um material apropriado que lhe permita formar uma imagem precisa e coerente do mundo, na qual a origem, a natureza e a essência dos acontecimentos, processos e situações sejam compreendidas de uma forma tão objetiva quanto possível. (Declaração da Unesco sobre os media- 1983 - Princípio II)

A concorrência e a necessidade de publicar uma notícia rapidamente fazem com que, muitas vezes, os veículos de comunicação se precipitem com informações não verídicas, as quais não foram apuradas devidamente pela urgência, ou então, não necessariamente mentiras, mas incompletas, ou seja, apenas parcialmente verdadeiras, mas sem assumir essa precariedade da informação. "A vontade de chegar a todo custo em primeiro lugar ao mercado da informação, o receio de que um concorrente na mesma pista lhes passe a frente, fazem com que incitem os seus jornalistas a contentarem-se muitas vezes com confirmações apressadas." (CORNU, 1994, p. 78). A pressa em publicar as notícias é legítima da profissão, contanto que haja a preocupação em deixar claro para o público as circunstâncias do relato e a precariedade da apuração, ou seja, não "prometer" toda a verdade.

Entretanto, o dilema ético envolvendo a verdade jornalística vai além das notícias mal apuradas e a distorção intencional, a grande questão é: existe uma verdade? "Na prática, o jornalismo sabe, a objetividade é redondamente impossível. Também, na prática, contudo, continuam acreditando nela - e ela está no fundamento do pacto de confiança que a imprensa mantém com a sociedade." (BUCCI, 2000, p. 92). A objetividade que se busca seria o distanciamento entre o sujeito - jornalista - e seu "objeto" de análise, o que, na realidade não é possível acontecer, pois na relação do jornalista, não existe objeto, e sim dois sujeitos. Todo relato acontece a partir das experiências pessoais e envolvimento de cada um, sendo assim, impossível haver um discurso completamente neutro. O conflito ético está presente justamente nessa impossibilidade, "como o jornalismo tem por meta a objetividade, muitas vezes esses aspectos da personalidade de cada um - repita-se, humanos - atrapalham o distanciamento requerido pela pretensão à objetividade" (BUCCI, 2000, p. 90).

Essa questão ética acaba sendo muito particular, buscando sua solução na consciência de cada profissional, o qual deve ter noção de suas convicções e dos assuntos e editoriais que não seriam propícios a relatar, quando há envolvimento emocional em algum tema. Como é, então, que podem descrevê-los [os fatos] objetivamente? A única resposta possível é subjetiva: depende de quem for o jornalista e de qual for a história a ser investigada e contada. "A melhor objetividade no jornalismo é então uma justa, transparente e equilibrada apresentação da intersubjetividade." (BUCCI, 2000, p. 97). Outro aspecto é deixar o discurso de imparcialidade e neutralidade e discutir abertamente com o público. "O ideal ético para superar esses dilemas de consciência requer a derrubada da impostura da neutralidade e, em lugar dela, a busca de um equilíbrio, de uma pacificação entre as convicções e crenças pessoais do jornalista e o nível de objetividade requerido pelo público." (BUCCI, 2000, p.

101). Ou seja, o grande problema é assumir a postura de neutralidade, e não assumir perante o público e para si mesmo suas convicções pessoais.

Outra questão é a confusão entre o que é opinião e o que é informação. Os meios de comunicação precisam ajudar o público a distinguir os dois, o que normalmente é feito com uma parte destacada - editorial, ou carta ao leitor. Já em revistas semanais - como a VEJA, no Brasil, é comum que a opinião do editor pontue todo o conteúdo noticioso, confundindo-se com a informação objetiva. "Diz-se que o texto das revistas é 'editorizado' (...), o que não é defeito ético. Isso é apenas da natureza do veículo." (BUCCI, 2000, p. 109). Não se torna um problema ético a partir do momento em que seu público percebe, se dá conta de que o componente "opinião" está indissociável do texto.

5.4 O RESPEITO PELA DIGNIDADE HUMANA COMO LIMITE

A dignidade humana, assim como o direito à informação, é um direito de todos, explicitado na Declaração Universal de Direitos Humanos, e, como tal, o jornalismo não está alheio a isso e deve submeter-se a manter a dignidade de quem noticia e também dos que irão ler ou assistir a ele. Entretanto, existe uma dificuldade assumida tanto nos debates éticos como nos códigos deontológicos em traçar essa linha limite, de até onde os meios de comunicação podem ir. "A deontologia profissional, sobre este ponto, não vai além de uma premente, mas vaga recomendação. Apesar das exceções motivadas pelo interesse público e pela notoriedade, nem tudo pode ser dito" (CORNU, 1994, p. 94).

Normalmente, dois imperativos são confrontados: o direito à informação e à privacidade, recorrendo assim, a cada caso: há celebridades que se mantêm das "invasões de privacidade" e há os cargos ocupados que a privacidade é sim de interesse do público, mas ainda assim, "há de existir um limite, onde não há limite não existe ética" (BUCCI, 2000, p.149). O que se aconselha é ponderação, ou seja, a questão não está em invadir ou não a privacidade, mas sim nos critérios claros e socialmente justificáveis para abordá-la e também para a maneira acertada de fazer isso. Eugênio Bucci aconselha elegância, ainda que não possa ser definida em termos universais (BUCCI, 2000, p. 153).

Dentro do respeito pela dignidade humana também entra a exploração do sofrimento e "espetacularização" de tragédias.

A necessidade jornalística de conferir aos acontecimentos um toque humano em nada justifica a exploração infame do sofrimento alheio. Ela impõe o respeito às vítimas, às pessoas traumatizadas, tanto na cena dos acontecimentos como pelo reflexo da notícia divulgada nos meios de comunicação. (CORNU, 1998, p. 76)

A deontologia profissional ainda tem um longo caminho a percorrer para conseguir normatizar essa questão. Alguns códigos mais recentes "prestam uma atenção especial às responsabilidades do jornalista perante pessoas em situação de fragilidade ou infortúnio" (CORNU, 1994, p. 99).

Nessas situações, alguns jornalistas lançam mão de estratégias de narrativas literárias para conduzir à emoção do público. Vale ressaltar a diferença entre as narrativas do gênero literário e do jornalístico. O artigo de Paula Cristina Lopes (2010) caracteriza ambos os gêneros em suas divergências e em suas aproximações. Dentre as diferenças apontadas pela autora, estão a missão e o estilo de cada gênero. A missão do jornalismo é informar com compromisso com a verdade, e segundo o artigo, o seu estilo é:

os textos jornalísticos informativos concordam com valores como a simplicidade, a concisão e a vivacidade, respondem a um imperativo de clareza, de eficácia (...) A linguagem jornalística (informativa) é predominantemente substantiva: evita a complexidade gramatical e de vocabulário, recusando a utilização de adjetivos, advérbios, metáforas e outras figuras de estilo. (LOPES, 2010. p. 2)

Já o propósito do gênero literário é a arte, sem compromisso com a verdade no qual se encontra a subjetividade dos autores, com a construção de seus personagens e "o texto literário emprega as palavras da língua com liberdade, recorrendo ao seu sentido conotativo ou metafórico." (LOPES, 2010, p. 1). O artigo assume que, apesar das diferenças, os dois gêneros misturam-se e que muitos jornalistas utilizam características da literatura.

De acordo com o ponto de vista ético de Eugênio Bucci, o jornalismo lançar mão de estratégias de narrativas literárias é legítimo, entretanto, o que se vem observando é a aproximação do jornalismo com o entretenimento, com o mero intuito de emocionar o leitor "A aproximação com o entretenimento não é apenas econômica - é cultural. (...) Hoje, é o entretenimento que influencia as narrativas jornalísticas". (BUCCI, 2000, p. 142).

A realidade construída é aquela confeccionada para seduzir e emocionar a plateia, "e a consequência dessa realidade construída não é apenas no sensacionalismo; ela redundando em egocentrismo, em fetichismo, em sexismo e se materializa no culto das falsas imagens" (BUCCI, 2000, p. 142) que são os personagens reais, porque existem, porém falsos - pois o que é mostrado é uma construção maniqueísta, construída para haver o "vilão" e "santo" - o bem e o mal. Quando o jornalismo se dispõe em apenas entreter e emocionar, perde, pois o

seu caráter informativo e crítico em prol ao emocional. "Quando o jornalismo emociona mais do que informa, tem-se aí um problema ético, que é a negação de promover o debate das ideias no espaço público." (BUCCI 2000, p. 145).

A discussão ética propõe justamente pensar tais limites. Não a divulgação das informações em si: mas como a mídia as explora. O estudioso Daniel Cornu (1998) aborda em justamente o que é interesse público e o que apenas serve para levar a emoção em situações de violência:

Desta perspectiva surge a questão, delicada e controvertida, da violência: quais os limites daquilo que deve ser dito e mostrado ao público? (...) A resposta é difícil por causa do caráter ambíguo da violência, que é um fato da realidade sobre o qual o público tem o direito de ser informado, mas que apresenta um forte conteúdo emocional. As cenas de violência nos telejornais e revistas de informação criam conhecimento. E criam também emoções. Ora, as formas de sensibilidade do público são extremamente variáveis. (CORNU, 2000, p. 176)

Nos outros dilemas éticos, como a verdade, a liberdade de imprensa, o público facilmente posiciona-se contrário ao comportamento que transgrida tais preceitos, no entanto, quando se trata deste tipo de questão ética - exploração do sofrimento - alega-se que é o que a população quer saber. "Quando a receita é simplesmente dar ao público o que o público deseja, os meios de comunicação perdem as medidas. (...) o mais preciso seria distinguir o interesse público da curiosidade perversa do público." (BUCCI, 2000, p. 159). Entretanto, a opinião pública - termo com origem no Iluminismo que se referia como instância suprema da sabedoria democrática - já não serve de parâmetro para o que é certo ou errado no jornalismo.

Na época, a imprensa era a voz da opinião pública; a soberania popular estava acima de tudo. Era em nome dela que as transformações urgiam. Atualmente, a ideia (...) foi englobada pelo mercado de consumo, e a velha sabedoria democrática, cidadã por definição, parece dar lugar a manifestação dos desejos dos consumidores. (BUCCI, 2000, p. 167)

Ou seja, evocar a opinião pública não justifica mais os exageros midiáticos. É aí que entra a ética jornalística para encontrar maneiras de informar e orientar o público com informações de qualidade, enquanto a opinião pública não é mais parâmetro entre o certo e o errado. "O jornalismo, por definição, deve continuar trabalhar para o público - e isso é bom. Mas não deve confundir o público-cidadão com o público articulado em torno das demandas de consumo" (BUCCI, 2000, p. 174).

Como solução, Eugênio Bucci (2000) aponta que é preciso aguçar a visão crítica dos profissionais de comunicação e investir na autonomia da narrativa em oposição às formas de

narrativa já desgastadas pelo entretenimento, e tornar-se atraente com a informação exclusiva, clara e inteligentemente articulada, e não pelos efeitos midiáticos incorporados (BUCCI, 2000, p. 146), além da busca pelo bom senso e zelar pela qualidade jornalística.

6 O MASSACRE DE REALENGO

Em 7 de abril de 2011, Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, entrou na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, e matou doze alunos. Wellington havia sido aluno na escola enquanto cursava o ensino fundamental, até 2006. Ele entrou na escola usando o argumento de que iria dar uma palestra às crianças, conforme narra a revista VEJA (edição de 13 de abril de 2011), mas assim que chegou à classe, pegou dois revólveres de uma mala e começou a atirar.

Segundo relatos de parentes e ex-colegas de turma à revista, Wellington não se encaixava no padrão dos demais garotos, na época em que estudou na Escola Municipal Tasso da Silveira, tendo sido alvo de brincadeiras e gozações por parte dos colegas. A VEJA também relata que as pessoas próximas ao atirador começaram a senti-lo estranho cerca de dois anos antes do incidente, quando ele se tornou obcecado por armas e mudou de religião - antes Testemunha de Jeová, Wellington começou a se identificar como muçulmano.

Durante a ação, que foi pensada e organizada, Wellington selecionou como alvo principal as meninas, que receberam tiros na cabeça e na região do tórax. Durante a ação, um dos garotos da escola conseguiu fugir e pedir ajuda a um policial, que chegou a confrontar o atirador nas escadarias do prédio, acertando um tiro em sua perna. Percebendo que estava rendido, Wellington deferiu um tiro contra a própria cabeça, cometendo suicídio. Na mala de onde tirou as armas, Wellington deixou uma carta de suicídio.

De acordo com a revista VEJA, o atirador, vindo de uma família de classe média-baixa, sempre foi uma pessoa reservada e calada, passando boa parte do tempo com sua mãe. O rapaz teria mostrado uma certa identificação com homens bomba e com muçulmanos radicais, mas o elo da religião com o massacre teria sido descartado pela polícia, conforme cita a reportagem.

7 ANÁLISE ÉTICA DO "ESPECIAL" DA REVISTA VEJA

7.1 "CRUEL, ATERRADOR E INEXPLICÁVEL"

A edição da revista VEJA de 13 de abril de 2011 dedicou, além da capa, 19 páginas para tratar exclusivamente do massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira. A primeira matéria da cobertura intitulada "Cruel, Aterrador e Inexplicável" traz um resumo do massacre, narrado em passos, um breve histórico do assassino, com intervenções para entrevistas com vítimas e outros personagens que conhecerem Wellington Menezes, revelação de provas e dados obtidos pela VEJA sobre o crime e a vida de Wellington, trechos de entrevistas com pessoas envolvidas em desvendar as motivações do crime, como é o caso de autoridades religiosas, e também recortes de falas e escritos deixados pelo próprio protagonista da chacina. Apesar do título da matéria concentrar a atenção para características do atirador Wellington Menezes - defendidas pela revista, o texto se preocupa em apresentar características gerais do massacre, não se limitando à figura do assassino.

O resumo do massacre é a informação central da matéria e é feito de forma objetiva, apresentando fatos narrados pelos presentes no momento do massacre, não envolvendo nenhuma característica própria da opinião da VEJA, como adjetivos ou contextualizações que não possam ser devidamente comprovados.

"O passo a passo do massacre", assim descreve o acontecido: "Em nove minutos, o ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira invadiu a escola municipal Tasso da Silveira, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, matou doze alunos, feriu outros doze e cometeu suicídio." (VEJA, 2011, p. 82). Essa forma impessoal para apresentação dos fatos permanece por toda a descrição, que é separada das demais características textuais usando-se de elementos visuais como desenhos e cores, os quais servem apenas de reverência para o estudo, não fazendo parte integrante da análise.

A opção pela objetividade na descrição dos fatos segue um dos princípios éticos deontológicos básicos defendidos por Cornu, que afirma que "a imprensa tem a função de informá-lo [o público], tanto sobre os fatos como sobre as correntes de ideias" (CORNU, 1994, p. 58), alinhando-se assim também com direitos da esfera democrática incluso na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 que firma através do artigo XIX a garantia de que todo cidadão tenha o direito "(...) a liberdade de, sem interferência, ter

opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras". A VEJA garante ao público o direito a informação tal qual a sequência dos fatos, permitindo a livre interpretação e a garantia de bases para o debate público.

A opção pelo discurso objetivo também garantiu à VEJA o critério ético da neutralidade, ou como denomina Cornu, o princípio da liberdade de imprensa como condição. Segundo Bucci, o jornalista precisa "manter a autonomia para apurar, investigar, editar e difundir toda a informação de interesse público(...)" (BUCCI, 2000, p. 56). Não foi negado aos leitores o acesso a nenhum critério de informação. A narração dos fatos permitiu que o público tivesse consciência do massacre na íntegra. Informações como o discurso do assassino no momento do crime "Fica tranquilo, gordinho, que eu não vou fazer isso", informações sobre suas atitudes e até mesmo a reação de professores e alunos, como no caso do aluno que pediu a Wellington que não o matasse, que poderiam ser suprimidas por não serem essenciais para a compreensão do acontecido, foram apresentadas e podem ser consideradas uma forma da revista se mostrar disposta a não omitir nenhuma informação, independente de sua relevância ao público leitor.

Os outros dois critérios apontados por Cornu para a deontologia ética, o respeito pela dignidade humana e a verdade como dever fundamental, também são considerados e pontuados pela VEJA na descrição dos passos do massacre. A concordância com estes princípios transpassa pelo distanciamento entre o jornalista e o massacre, pela "(...) pacificação entre as convicções e crenças pessoais do jornalista e a objetividade requerida pelo público." (BUCCI, 2000, p. 101), pelo claro distanciamento por parte do público de que o posicionamento opinativo apesar de presenteno texto em expressões como "monstro", "monstruosa" e "cruel" não compromete a informação objetiva que se transmite e pelo respeito e reconhecimento do caráter informativo e não de entretenimento da matéria que exige o "respeito às vítimas, às pessoas traumatizadas, tanto na cena dos acontecimentos com pelo reflexo da notícia divulgada nos meios de comunicação." (BUCCI 2000, p. 142).

Os demais pontos principais da matéria são apresentados em texto, sequência de parágrafos. A partir deste momento, a VEJA começa a empregar mais argumentos para justificar os fatos que apresenta, utiliza-se do discurso direto de entrevistados, vozes de autoridades, provas materiais obtivas e estudo do perfil psicológico de Wellington.

Rompendo com a sequência objetiva e impessoal do "Passo a passo do massacre", a nova sequência textual, sob a mesma manchete, apresenta características mais subjetivas, como nos trechos "Faceta **monstruosa** (...)", "Outras **estranhas** facetas (...)", "(...) uma

tentativa de desvendar a mente **perturbada** de Wellington - e assim ajudar a compreender um pouco o que parece apenas **cruel, aterrador e inexplicável**" (VEJA, 2011, p. 83 e 84) - (Destaque pessoal). Apesar de apresentar características que explicitam o posicionamento da VEJA diante da chacina e, sobretudo, do atirador, isso não denota completa falta de comprometimento ético por parte do veículo, principalmente, porque o objetivo não é convencer o leitor a compartilhar da mesma opinião da revista, nem mesmo entreter ou emocionar o público. Apesar desses argumentos forçarem a posição do leitor, a maior preocupação da matéria continua sendo a informação e não o entretenimento, não comprometendo assim a total postura ética da VEJA. Segundo Bucci, a falta ética está presente "Quando o jornalismo emociona mais do que informa, tem-se aí um problema ético, que é a negação de promover o debate das ideias no espaço público." (BUCCI 2000, p. 145). As características são apresentadas com um carácter subjetivo, do qual o jornalista não consegue abster-se, uma vez que nenhuma matéria é completamente neutra, no entanto não se constitui de uma tentativa de emocionar ou seduzir o público. Bucci ainda afirma que essa prática é aceitável uma vez que "O ideal ético para superar esses dilemas de consciência requer a derrubada da impostura da neutralidade e, em lugar dela, a busca de um equilíbrio, de uma pacificação entre as convicções e crenças pessoais do jornalista e o nível de objetividade requerido pelo público." (BUCCI, 2000, p. 101).

O jornalismo em sua concepção busca a extrema objetividade e neutralidade. Busca-se o distanciamento entre a opinião do jornalista e o fato. Entretanto, por se tratar de humanos produzindo (jornalistas) para humanos (público), sobre humanos (vítimas) essa busca pode ser configurada com aspectos de distanciamento. Bucci já afirmava que "a melhor objetividade no jornalismo é então uma justa, transparente e equilibrada apresentação da intersubjetividade." (BUCCI, 2000, p. 97). É preciso ter a meta da objetividade, mas a apresentação de elementos subjetivos desde que não prejudiquem a apresentação clara dos fatos, dando ao leitor espaço e meios para o debate independente, não compromete os conceitos do agir ético, como é o caso da VEJA.

Outra característica relevante para a análise, a partir de então, é a inserção de fatos e comentários sem referência a fontes ou a formas de comprovação dos acontecimentos. Alguns trechos importantes nesse aspecto são "Wellington **escolheu a dedo** o cenário da matança." e "**Suspeita-se** que ele selecionou suas vítimas pelo sexo." (VEJA, 2011, p. 84) - (Destaque pessoal).

É necessário observar também que a VEJA refere-se às vítimas da chacina de forma a não explorá-las, nesse texto, em suas intimidades. São pontuados apenas os fatos relevantes e

essenciais para reconstrução do crime. Esse fato demonstra a preocupação da VEJA em não criar um caráter sensacionalista à matéria. A posição assumida nesse caso pela revista vem a reforçar a tendência de não manipular informações ou criar por meio do apelo sentimental a comoção para a opinião defendida pelo meio. Enquanto "para a mídia em princípio tudo pode ser publicado, mesmo os detalhes mais íntimos da vida de uma pessoa, se isso gerar lucro" (ARBEX, 2005, p.60), a VEJA reafirma seu caráter informativo e desvinculado do comercial.

Por fim, mas não menos importante, é preciso considerar a data em que a matéria foi publicada - 13 de abril. A VEJA tomou o cuidado de divulgar a cobertura completa cinco dias após a data do massacre (7 de abril), com direito a destaque de capa, a mais parte mais importante da revista - segundo Marília Scalzo "(...)é ela o primeiro elemento que prenderá a atenção do leitor." (SCALZO, 2004, p. 63). Esse fato comprova a preocupação do veículo com o tema. A quantidade de informações obtidas, depoimentos, materiais e fotos demonstra a apurada atenção dada a chacina. Segundo Cornu "A vontade de chegar a todo custo em primeiro lugar ao mercado da informação, o receio de que um concorrente na mesma pista lhes passe a frente, fazem com que incitem os seus jornalistas a contentarem-se muitas vezes com confirmações apressadas." (CORNU, 1994, p. 78).

A revista VEJA apesar de apresentar a matéria após vários outros veículos, conseguiu trazer informações de caráter exclusivo como é o caso do depoimento do presidente da União Nacional das Entidades Islâmicas, o boletim escolar de Wellington e trechos de depoimentos de vítimas e conhecidos do assassinado concedidos à polícia, como, por exemplo, o primo do atirador. No caso da VEJA, apresentar as informações após outros meios garantiu o acesso a informações mais apuradas, com uma menor possibilidade de erro e consequentemente uma maior garantia de transmissão de informações corretas ao público.

7.2 "SÓ O DEVER CUMPRIDO"

A segunda matéria da revista VEJA sobre o caso Realengo é intitulada "Só o dever cumprido". O texto apresenta a participação do sargento da Polícia Militar Márcio Alexandre Alves no desfecho da chacina.

Após ser chamado por um aluno que havia sido baleado na escola Tasso da Silveira, o policial, juntamente com o cabo Edinei Feliciano, correu até o colégio para deter o atirador.

Alves foi o responsável por conter Wellington com um tiro na perna que, ao cair, suicidou-se com um tiro na cabeça. O oficial é retratado pela revista como um herói, o personagem responsável pelo fim do massacre.

O conceito ético que primeiramente precisa ser explorado nessa matéria está justamente na existência fundamental da ética no jornalismo. Para Bucci "a ética serve para orientar e fundamentar as decisões que não estão regulamentadas" (BUCCI, 2000, p. 17). Sendo assim, é função da ética "fornecer ao profissional alguns parâmetros que o ajudem a tomar uma decisão entre duas alternativas igualmente lícitas" (BUCCI 2000, p. 21). Nesse sentido, a VEJA, ao defender o posicionamento do policial Alves ao atirar contra o Wellington, mesmo após sua reação e sem a intenção de matá-lo (atirando contra a sua perna e não contra o tórax ou cabeça), teve de escolher entre defender a ação do policial, justificando-a como sendo legítima diante do cenário encontrado, ou condená-la por ser uma atitude precipitada uma vez que ao chegar na cena do crime, o policial ainda não tinha acesso a informações precisas do que ocorria, nem mesmo de quem eram os responsáveis. A opção da VEJA foi tratar a ação como sendo heroica, denominando o policial como "Pai e Herói" e trazendo o depoimento do Coronel Djalma, responsável pelas investigações iniciais, que diz que "o que sargento Alves fez foi extraordinário".

Em outros casos similares, nos quais policiais fizeram uso da força armada para deter outros assassinos ou assaltantes, eles chegaram a serem acusados pela imprensa inclusive por repressão. No entanto, neste caso, a postura assumida pelo policial não foi debatida, sendo tomada como correta mediante ao fato de se tratar de um massacre. Aparentemente legítima diante de uma pessoa que já havia tirado a vida de várias crianças, a ação de Alves deveria ter sido questionada, ou ser apresentada sem a glorificação que foi dada pela VEJA. A ética profissional do veículo diante desse cenário optou por uma exaltação a uma ação que poderia também ser condenada. Sem regras ou normas devidamente prescritas para como esses assuntos devem ser tratados, a opção da revista perpassou pela defesa das vítimas e daqueles que os defenderam em detrimento de qualquer defesa ao atirador, postura assumida também em outras matérias da revista. Essa opção da VEJA está de acordo com o eixo que defende "A verdade como dever fundamental", uma vez que se afirma que nenhum jornalista consegue ser totalmente neutro, no entanto transgride a liberdade do leitor a debater e tomar sua própria opinião com relação ao assunto, ao não conseguir distinguir claramente os elementos opinativos dos descritivos.

Outro aspecto ético importante nessa matéria diz respeito ao tom sensacionalista. A revista tenta por meio da exploração de sentimentos conquistar a comoção e a partilha do mesmo posicionamento nos leitores. Ao escrever no último parágrafo

O sargento recebeu uma ligação do filho de 12 anos, que reconheceu a voz do pai na televisão. "Ele ficou preocupado. Ao ouvir sua voz, eu me dei conta da gravidade do que havia passado. Choramos juntos." Casado com uma enfermeira, Alves tem ainda uma menina de 4 anos. Ganha cerca de 2500 reais por mês na PM e seu único patrimônio é uma casa em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio. "Gosto do que faço e de ajudar os outros. Só isso." Na quinta-feira, "só isso" foi o bastante para evitar que, pelas escadas da escola de Realengo, corresse ainda mais sangue. (VEJA. 2011, p. 90)

o veículo deixa de lado o compromisso com o objetivo de informar ao público o acontecimento em si e passa através da aproximação da representação de "herói" com a imagem do pai e do trabalhador, acriar a figura do "super-herói", sensibilizando o leitor a ação de Alves. Segundo Bucci, "quando o jornalismo emociona mais do que informa, tem se aí um problema ético, que é a negação de promover o debate das ideias no espaço público" (BUCCI 2000, p. 145).

Como apelo emocional, a VEJA fez uso de informações irrelevantes para que o leitor tomasse conhecimento do massacre, como é o caso da afirmação de que o Alves é pai de uma menina de 4 anos. Uma vez que o foco dado por Wellington durante a chacina foi a meninas e que isso é por várias vezes enfatizado na série de matérias "Especial", essa informação não se torna desvinculada do caso e do propósito de comover o leitor. Mesmo sem muito destaque, a informação procura fazer com que o policial seja novamente visto como um super-herói, uma espécie de representante de todos os outros pais, que não puderam fazer nada para conter o atirador na ação contra suas filhas.

7.3 "O QUE ESTES ASSASSINOS TÊM EM COMUM"

Junto à informação sobre uma chacina escolar, é comum que informações acerca dos assassinos venham à tona. Wellington Menezes, de acordo com depoimentos de colegas e parentes dados a VEJA, era reservado, pouco popular e tinha um distinto fascínio por armas. A partir disso, é natural que pais que percebem características semelhantes em seus filhos sintam-se preocupados, questionando-se se o adolescente, por ser, nestes pontos, similar ao

assassino, seria capaz de causar tragédia do tipo. Sendo assim, a terceira das reportagens que fazem parte do "Especial" da VEJA sobre a chacina de Realengo aborda o comportamento apresentado por alguns dos adolescentes que provocaram episódios de massacre escolar, fundamentando-se em conceitos científicos e, ao se ater a estas informações, mantém-se dentro dos eixos éticos, sem ferir nenhum preceito.

Nesta matéria, as características de Wellington Menezes não são abordadas e o texto toma como base o episódio de Columbine, quando, em 20 de abril de 1999, Eric Harris e Dylan Klebold atiraram contra alunos e professores da escola de Columbine, em Littleton, nos Estados Unidos, deixando 13 mortos e 3 feridos. O texto utiliza o psicólogo norte-americano Peter Langman, especialista no estudo de jovens criminosos, como voz de a fim de expor a preocupação de pais de jovens que apresentavam comportamento semelhante ao dos assassinos na época. Isso respalda o próprio objetivo da revista com a matéria: informar pais e a sociedade em geral sobre quais aspectos sociais e psicológicos constituem um assassino - afinal, frente a uma situação como esta, é inevitável comparar Wellington aos demais autores de massacres escolares, bem como listar seus comportamentos em comum.

Langman (2009 apud VEJA, 2011, p. 95), afirma que "o que faz de um jovem um assassino em massa é uma complexa combinação de fatores, como ambiente, predisposição genética e características individuais.". Para exemplificar a citação, a revista VEJA utiliza ainda o caso de Evan Ramsey, responsável pelo massacre no colégio Bethel, no Alasca, nos EUA, em 1997, com o objetivo de comparar sua situação com a de Dylan Klebold, um dos autores do massacre de Columbine. Enquanto o primeiro "morava em um apartamento sem aquecimento", Klebold "tinha seu próprio BWM, morava numa casa com piscina e quadra de tênis". Assim, o texto prova a ideia da própria chamada, apresentada no topo da página impressa: "Os autores de chacinas em escolas têm perfis diferentes, mas partilham de um mesmo sentimento, manifestado em doses brutais - a raiva de si próprios e do mundo." (VEJA, 2011, p. 95)

Para sustentar esta informação, enriquecendo o texto, é utilizada ainda de uma segunda voz de autoridade, um estudo realizado pelo serviço secreto norte-americano, que contou com o apoio do psicólogo Randy Borum, da Universidade do Sul da Flórida, com jovens autores de assassinatos em escolas. São apresentados os resultados da pesquisa em questão, com a característica psicossocial e a porcentagem de incidência no grupo observado.

Os homens são maioria absoluta. Dois terços pertencem a famílias bem estruturadas. Mais de 50% nunca tiveram mau comportamento na escola. Quase metade tirava notas altas e participava de atividades sociais dentro e fora da escola. Do ponto de vista

psicológico, a pesquisa revela que 61% têm histórico de depressão, sede de vingança e tendência suicida. Pouco mais de 80% têm dificuldades em lidar com perdas e frustrações e relatavam ter sofrido perseguições. (VEJA, 2011, p. 95).

No último parágrafo do texto, a revista VEJA permanece com seu objetivo inicial de informar e acalmar possíveis familiares que estejam preocupados com o comportamento seus adolescentes próximos. É comentado que, embora a identificação de um possível assassino escolar seja difícil, uma das formas de identificar ataques é prestando atenção a sinais sutis. "Indícios de uma tragédia sempre pairam no ar. Ou na Internet." (VEJA, 2011, p. 95).

A temática e a intenção do texto se encaixam nas diretrizes propostas por Cornu, trazendo informação que é de interesse público dentro de uma liberdade de imprensa. Todo o texto é pautado em vozes de autoridade e a grande maioria das informações provém de citações de Peter Langman ou do resultado da pesquisa realizada pelo serviço secreto norte-americano, conferindo objetividade ao texto e mantendo-o dentro dos eixos éticos propostos. Apesar de serem usados como exemplos, Dylan Klebold e Evan Ramsey não chegam a ser expostos, já que somente algumas características de seus estilos de vida são abordadas, não ferindo, por exemplo, o princípio de respeito pela dignidade humana proposto por Cornu. O texto aborda os sintomas psiquiátricos dos assassinos de forma bastante superficial, mencionando o fato de sofrerem com depressão e terem tendências suicidas com um dos principais sintomas. No livro de Langman, contudo, os perfis psicológicos traçados vão além, apresentando distúrbios mais graves e enumerando outros comportamentos que podem identificar potenciais assassinos, o que invalida crenças de que vídeo games violentos e o *bullying*, toda forma de agressão física, verbal ou psicológica entre crianças e adolescentes, possam levar a atos brutais como o que se vê em massacres.

Isso pode parecer óbvio, mas precisa ser dito: assassinos escolares são indivíduos problemáticos. Estas não são crianças normais que sofreram *bullying*. Estas não são crianças normais que jogaram vídeo game demais. Estas não são crianças normais que apenas queriam ser famosas. Estas simplesmente não são crianças normais. Estas crianças têm problemas psicológicos sérios. Esse fato geralmente é esquecido ou minimizado em discussões sobre assassinos escolares. (LANGMAN, 2010, p. 21)

A superficialidade das informações apresentadas no texto, no entanto, não pode ser encarada como um aspecto negativo. Afinal, a função social da revista e a proposta do texto é informar e não diagnosticar crianças e adolescente como criminosos em potencial. A informação, neste texto, é dada de forma objetiva, baseando-se em dados de pesquisa e vozes de autoridade, cumprindo seu papel de informar acerca do comportamento dos assassinos de massacres escolares sem transgredir a moral ou a ética.

7.4 "O ALVO ERRADO, MAIS UMA VEZ"

"Diante de uma tragédia como a que ocorreu no Rio de Janeiro, é natural que se tente imaginar inúmeras maneiras de evitar que uma brutalidade possa repetir-se" (VEJA, 2011, p.95). Assim inicia-se o quarto texto da série "Especial" da revista VEJA sobre o massacre de Realengo, que tem como objetivo traçar uma reflexão sobre a eficácia de projetos de desarmamento frente a episódios como este. O texto é opinativo, utilizando o que Bucci defende como sendo uma característica do veículo. "Diz-se que o texto das revistas é 'editorializado' (...), o que não é defeito ético. Isso é apenas da natureza do veículo." (BUCCI, 2000, p. 109).

O texto rebate a fala do Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, que anunciou a intenção de reforçar campanhas como a do desarmamento, a fim de tentar reprimir eventos como o de Realengo. O principal argumento utilizado pelo texto para contrapor a fala do ministro é que, em campanhas como esta, apenas armas de fogo antigas são entregues, e não as armas que de fato podem ser usadas em tragédias assim. A revista diz ainda que proibir armas não impede que massacres sejam feitos com outros recursos. Para exemplificar isso, é usado o caso de Mamoru Takuma, japonês que invadiu uma escola em Osaka e matou oito crianças com uma faca de cozinha. O exemplo chama a atenção por este ser um evento que foge do comum, mas é mal colocado por tratar de situações completamente diferentes. A própria lei em relação a armas no Japão não é próxima do que há no Brasil, sendo bastante forçado utilizar este incidente como argumento contra as campanhas de desarmamento. Embora não seja o foco do trabalho, é válido citar ainda o histórico do veículo Veja em relação ao governo do PT, na época, a Presidente Dilma Rousseff, em que cargas de crítica costumam ser descarregadas nos textos. Sendo assim, embora o texto "O Alvo Errado, Mais uma Vez" tenha o respaldo do texto opinativo, ele utiliza-se de argumentos e manobras nem sempre éticas para defender seu posicionamento.

7.5 "O EFEITO VIRAL DAS MATANÇAS"

Mais de 400 massacres escolares já foram registrados nos últimos 100 anos. Contudo, foi a partir do episódio de Columbine, em 1999, que a mídia passou a dar mais atenção para os crimes e os assassinos passaram a seguir um comportamento comum, utilizando outros massacres para se inspirarem, segundo a revista VEJA. O texto sugere que, nas últimas

décadas, um crime tem copiado outros, causando uma onda de massacres. Um dos fatores que estão levando a isso, segundo o texto, é a popularização da internet, ferramenta que permite a troca de informações sobre armamentos e o fomento de ideias criminosas.

Para provar este ponto, o texto recorre a três argumentos de peso. O primeiro deles é a citação de Jonathan Fast (apud VEJA, 2011, p. 97), especialista em violência escolar: "Esta é

a regra: sempre que o FBI apreende o computador de um desses criminosos para analisar o conteúdo, constata-se que eles navegaram em páginas da internet com conteúdos relacionados a Columbine.". Isso mostra como o fácil acesso à informação, graças à internet, dissemina ideias e vem aumentando o número de massacres escolares. Além da citação, o texto traz números referentes ao tiroteio em uma escola em Emsdetten, na Alemanha, que aconteceu em 2006. Segundo a polícia, após o episódio, foram identificados 75 jovens que planejavam ações semelhantes, inspiradas no caso. O efeito cascata provocado pela informação remete a uma conhecida prática ética jornalística: a não menção de episódios de suicídio. O objetivo é justamente não instigar outros jovens a planejarem ações similares.

Ao abordar o suicídio em suas páginas diárias, a imprensa também poderia contribuir oferecendo informações e incentivando um debate sobre como auxiliar pessoas com tendências suicidas, como superar a perda de uma pessoa querida por suicídio, como relações familiares e escolares podem influenciar crianças e adolescentes a pensarem em suicídio em decorrência de uma pressão social vinda dessas instituições que eles não conseguem suportar. (GRANDO apud BARBOSA, 2005).

O terceiro argumento utilizado pela revista VEJA para sustentar a ideia de que a internet estaria viralizando estes episódios está na citação do sociólogo norte-americano Eric Madfis (apud VEJA 2011, p. 98): "Tiroteios em escolas em geral ocorrem em sequência, com pequeno intervalo entre eles, influenciados por eventos anteriores.". A matéria do "Especial" traz na parte de baixo da página um quadro contendo alguns dos principais massacres escolares em todo o mundo. São citados 22 episódios com algumas informações básicas referentes a eles, tais como o local onde o caso ocorreu, a data, a quantidade de mortos e feridos, quem foi o assassino, se ele era aluno ou funcionário da escola, as armas utilizadas e se o ataque foi inspirado em algum anterior. Dos 22 ataques mencionados, 13 teriam sido copiados de eventos anteriores.

O texto da reportagem aborda ainda a relação entre autores de massacres escolares e o fundamentalismo religioso, um dos pontos mais comentados acerca da tragédia de Realengo - Wellington Menezes se dizia muçulmano. Esta é uma questão relevante devido ao estigma herdado pelos muçulmanos principalmente após o episódio de 11 de Setembro, no qual as chamadas Torres Gêmeas, nos Estados Unidos, foram destruídas durante um ataque terrorista liderado por muçulmanos. Embora o fator religião seja comentado, o que poderia caracterizar sensacionalismo, devido ao episódio terrorista já mencionado, a referência é feita de forma sutil e breve, apenas pontuando a opção de Wellington e extinguindo qualquer possibilidade de ligação entre a religião muçulmana e o massacre de Realengo. A VEJA finaliza a questão

da religião afirmando que são raros os casos em que a fé religiosa tem a ver com o motivo da matança. Segundo a revista, "não é o fundamentalismo religioso que leva jovens como Wellington ou Kretschmer a se identificar como os terroristas, mas o fascínio por uma forma de suicídio em que se busca notoriedade da pior maneira: pela violência contra inocentes." (VEJA, 2011, p. 98).

Neste texto, a ideia da viralização dos massacres escolares é sustentada por argumentos válidos e citações de autoridades no assunto. Mesmo no quadro, em que são abordados os 22 casos, não há exposição das vítimas ou dos criminosos, cumprindo-se o preceito de liberdade de imprensa e direito à informação sem ultrapassar, gravemente, os limites da moral e da ética no jornalismo.

7.6 "VIDAS ABREVIADAS"

Integra também a série de reportagens da revista VEJA sobre o caso de Realengo, a matéria especial intitulada "Vidas Abreviadas" - página 86 da revista, a qual apresenta com detalhes a história de 12 adolescentes vítimas do massacre, com a foto de cada um e seus respectivos "sonhos" de vida. Nesta matéria, o principal aspecto ético a ser analisado, de acordo com os quatro eixos traçados por Cornu, é o "respeito pela dignidade humana como limite", sendo que a matéria também distancia-se da objetividade esperada no jornalismo, sobrepondo emoção a informação.

A matéria resume-se em contar as características e os supostos sonhos de vida, como a profissão, preferências, como era visto pelos amigos, e a descrição de como foi assassinado - o que estava fazendo, últimas palavras, onde foi alvejado - por Wellington Menezes de Oliveira dos 12 adolescentes, sendo o título do texto de cada vítima a profissão que cada um seguiria até então, como "A Professora", "A Advogada" e "O Lateral Direito".

O propósito de sensibilizar o leitor fica explícito já no subtítulo da matéria: "Os sonhos que o assassino da escola de Realengo destruiu ao atingir à queima-roupa jovens que apenas se preparavam para começar a viver" o que se pode constatar pela conotação das expressões: *sonhos destruídos, atingidos à queima-roupa, apenas iam começar a viver*. Durante praticamente toda a reportagem, observa-se o distanciamento do texto jornalístico e a aproximação da narrativa literária, ou seja, a construção de personagens, com as suas

características e idealizações, a apresentando no texto partes subjetivas com considerações dos próprios jornalistas e figuras de linguagem, como aparece no trecho:

Na última quinta-feira, os sonhos de doze meninos e meninas - de ser advogado, marinheiro, modelo, jogador de futebol - implodiram junto com os estampidos dos revólveres que Wellington Menezes de Oliveira carregava quando chegou ao colégio Tasso da Silveira. (VEJA, 2011, p. 86)

De acordo com Eugênio Bucci, a proximidade com a narrativa literária propriamente dita não se trata de um problema ético, entretanto, o estudioso condena quando se utiliza dessa estratégia para buscar apenas a emoção e o entretenimento, anulando a função do jornalismo - que é informar, "a aproximação com o entretenimento não é apenas econômica - é cultural. (...) Hoje, é o entretenimento que influencia as narrativas jornalísticas". (BUCCI, 2000, p. 142).

Outra questão a ser analisada e que está presente na matéria é a exposição exagerada das vítimas, explorando o sofrimento causado, o que se enquadra no conceito já apresentado no presente trabalho de "espetacularização" de tragédias, corroborando a afirmação de Cornu

A necessidade jornalística de conferir aos acontecimentos um toque humano em nada justifica a exploração infame do sofrimento alheio. Ela impõe o respeito às vítimas, às pessoas traumatizadas, tanto na cena dos acontecimentos como pelo reflexo da notícia divulgada nos meios de comunicação. (CORNU, 1998, p. 76).

Além da exposição das próprias vítimas, observa-se o envolvimento dos familiares e amigos de cada adolescente. Na página 87, onde a matéria apresenta a história de Igor Moraes da Silva, sob o título "O Lateral Direito", cita-se o irmão caçula da vítima: "O primeiro a dar o alerta à família do adolescente Igor Moraes da Silva, de 14 anos, foi o irmão caçula, Eduardo, de 9 anos que estuda no mesmo colégio. Ao ver o irmão caído no chão, ensanguentado, ele correu pra casa, num condomínio próximo à escola." (VEJA, 2011, p. 87). Outro exemplo é ao expor, na parte de Larissa Silva Martins - "A Navegadora" - a tristeza do pai, "Era justamente o pai, Clóvis Martins, o mais abalado pela morte da menina. 'Não tenho mais razão para viver!' Repetia ele ao enterrar a filha." (VEJA, 2011, p. 87). Dessa forma, a matéria entra em conflito com as considerações de Cornu, quando ressalta a necessidade de respeito às vítimas e as pessoas envolvidas. Assim, sucessivamente, a reportagem se constitui de adjetivos- *estudiosa, festeira, vaidosa, animado*, e expectativas de vida para cada vítima, do sofrimento de pessoas próximas e reações antes de falecer, como em "O Programador" - página 87, em que discorre sobre o aluno Rafael Pereira da Silva:

Ao ver o atirador assassinar a colega que falava ao celular, levantou os dois braços, num gesto de rendição e pediu: 'Pelo amor de Deus, tio, não me mata!' Wellington respondeu: 'Fica calmo. Quero matar o menor número de meninos possível'. Apavorado, Rafael tentou fugir. Acabou alvejado no pescoço. (VEJA, 2011, p. 87).

A principal consideração a ser feita a respeito da matéria especial "Vidas Abreviadas", através da perspectiva ética dos autores Eugênio Bucci e a Daniel Cornu, é a emoção sendo sobreposta à informação. Diferentemente da matéria principal contida nas páginas 82 a 84. Nesta, o foco são as informações e detalhes do massacre, a cujo conhecimento a população tem direito, e foram transmitidos sem explorar o sofrimento causado pela tragédia. Já na matéria especial Vidas Abreviadas, foi escrita apenas para sensibilizar ainda mais aos leitores diante a tragédia, quando a realidade construída é aquela confeccionada para seduzir e emocionar a plateia, "e a consequência dessa realidade construída não é apenas no sensacionalismo; ela redundante em egocentrismo, em fetichismo, em sexismo e se materializa no culto das falsas imagens" (BUCCI, 2000, p. 142).

A intenção de apenas promover a emoção não contribui para o propósito do jornalismo. "Quando o jornalismo emociona mais do que informa, tem-se aí um problema ético, que é a negação de promover o debate das ideias no espaço público." (BUCCI 2000, p. 145). Entretanto, não há consenso quanto a essas questões de como tratar casos trágicos como este, e de acordo com Bucci e Cornu, o bom senso ainda é o melhor direcionamento para cada situação. Nos outros dilemas éticos, como a verdade, a liberdade de imprensa, o público facilmente posiciona-se contrário ao comportamento que transgrida tais preceitos, no entanto, quando se trata deste tipo de questão ética - exploração do sofrimento - alega-se que é o que a população quer saber. "Quando a receita é simplesmente dar ao público o que o público deseja, os meios de comunicação perdem as medidas. (...) o mais preciso seria distinguir o interesse público da curiosidade perversa do público." (BUCCI, 2000, p. 159).

7.7 "VIDAS A SER RECONSTRUÍDAS"

A matéria especial "Vidas a ser Reconstruídas", das páginas 92 e 93 desta edição da revista VEJA, discorre sobre a dificuldade e os problemas enfrentados por quem sobrevive a massacres e a traumas como o de Realengo e assim como a matéria "O que estes assassinos têm em comum", esta se fundamenta mais em conceitos científicos do que em fatos.

Mais uma vez, é citado o famoso episódio de Columbine, em que uma das sobreviventes ao massacre norte-americano, no Colorado, Crystal Woodman Muller explica como foi seu processo de superação do trauma em uma entrevista à revista VEJA. Apesar de contar em detalhes sobre seus pesadelos e da dificuldade que teve para parar de pensar em tudo que havia presenciado na chacina, em nenhum momento a matéria transgride os quatro eixos éticos levantados por Daniel Cornu e utilizados como base desta análise: a informação do público; a liberdade de imprensa como condição; a verdade como dever fundamental; e o respeito pela dignidade humana como limite.

No decorrer da matéria, são apresentadas diversas informações que agregam ao assunto abordado, cumprindo com o papel do jornalismo, mostrando sintomas que podem atingir qualquer pessoa que presencia situações não apenas de atentados em colégios, mas este tipo de trauma, como por exemplo, que "cerca de 30% das pessoas que testemunham ou enfrentam uma situação de ameaça à vida desenvolvem algum tipo de transtorno do stress." (VEJA, 2011, p. 92).

A partir disto, a reportagem discorre sobre os sintomas e tratamentos da doença de stress agudo, o qual é próprio de quem enfrenta esse tipo de situação, trazendo como fonte especialistas, como o psiquiatra Fernando Asbahr, coordenador do Ambulatório de Ansiedade na Infância e Adolescência, do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo e também o psiquiatra Felipe Corchs, do mesmo Instituto.

A matéria utiliza, como exemplificação, o depoimento da adolescente Jade Ramos de Araújo, dado à Rede Globo. Um dos psiquiatras aponta no depoimento de Jade um sintoma de stress agudo: a repetitividade. Entretanto, entrevistar a uma adolescente que acabou de vivenciar uma chacina como a de Realengo, pode ir contra às orientações do Guia criado pela Unicef com o intuito de garantir os direitos das crianças e adolescentes, o Guia Prático para Jornalistas - Cobertura Jornalística sobre violência, abuso sexual e exploração da criança. Entre as orientações práticas do Guia estão a de se evitar realizar perguntas para crianças que possam gerar dor ou relembrar memórias traumáticas, verificar o potencial impacto da matéria sob as crianças envolvidas, entre outras. No entanto, a matéria dá a entender que a entrevista utilizada como exemplo havia sido feita por outro veículo de comunicação, a Rede Globo. "Nas imagens da Rede Globo, Jade apareceu falando ininterruptamente, como se tivesse decorado um texto. (...)" (VEJA, 2011, p. 93). E ainda assim, havia uma justificativa ética para a presença do depoimento da adolescente Jade Ramos de Araújo na presente matéria da revista VEJA.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o século XX, mais de 400 massacres em escolas já foram registrados. No Japão, em países europeus e, principalmente, nos Estados Unidos, as crianças e jovens estão sujeitas a irem para a aula para serem aterrorizadas e até mesmo mortas por colegas, ex-alunos ou funcionários da escola. Em 2011, o Brasil entrou para o circuito das chacinas escolares quando Wellington Menezes matou doze crianças e depois cometeu suicídio, na escola Tasso da Silveira, em Realengo (RJ). Esta foi a primeira tragédia do tipo no Brasil. Com grande repercussão na mídia, devido a seu pioneirismo criminal e à grande quantidade de vítimas, o caso Realengo levantou uma série de questionamentos éticos acerca da forma com que foi tratado pelos veículos nacionais.

As reportagens sobre a chacina podem ser comparadas a coberturas feitas em outros massacres escolares pelo mundo, como o caso Columbine, que aconteceu em 1999, nos Estados Unidos. Tido como a principal chacina escolar dos últimos tempos, o episódio ganhou uma ampla cobertura da mídia e a isso é atribuído o próprio avanço da internet e das telecomunicações. Embora Realengo e Columbine sejam casos diferentes, com assassinos de perfis pouco semelhantes e desfechos únicos, é viável comparar a cobertura que receberam da mídia, sobretudo quando se têm dois veículos semelhantes, como é o caso da revista TIME e da revista VEJA, publicações de grande circulação e de centro-direita. A comparação direta destes dois veículos era o objetivo primário deste trabalho de conclusão de curso. Ao longo das pesquisas e análises, contudo, compreendemos que o trabalho seria demasiadamente extenso e, dado o tempo e recursos que nos cabiam, optamos por manter o foco na análise ética da revista VEJA sobre o caso Realengo, utilizando o episódio de Columbine, narrado pela TIME, como ferramenta de apoio - mesmo que não elemento principal, a cobertura de Columbine é um marco para os casos escolares e é demasiadamente importante para ser deixada de lado por completo; mesmo que minimizada, sua presença no trabalho é extremamente rica para o tema tratado.

A importância do estudo da ética na comunicação, principalmente no jornalismo, é especialmente maior em tempos de comunicação digital. Pelo mesmo motivo que tornou Columbine um marco dos massacres escolares, o debate da ética torna-se essencial: vivemos o avanço das tecnologias de comunicação. O acesso facilitado a informações tem seu viés negativo, entretanto: as histórias hoje repercutem muito mais rapidamente na internet, exigindo do profissional de comunicação uma agilidade ímpar na hora de apurar fatos e

repassá-los por meio dos veículos. Nesta ânsia pela rapidez, muitas vezes a ética fica comprometida e a análise dá vez ao impulso. Este foi um dos motivos pelos quais escolhemos trabalhar a ética na comunicação. Contudo, a rapidez da informação não é um ponto que se destaca na análise da VEJA, uma revista impressa e semanal, o que dá vez a um segundo ponto que foi definitivo em nossa escolha pelo estudo da ética. A partir do momento em que a informação é divulgada em diferentes meios, a sociedade se adapta àquele que lhe é mais prático e completo. No caso, a internet e a televisão tornam-se meios populares de acesso à notícia, causando também uma mescla entre os conceitos de entretenimento e informação. Se o jornal ou a revista precisam ser vendáveis, repassar a notícia de forma agradável e leve é uma estratégia recorrente entre os veículos. "Vivemos num mundo no qual a mídia domina o lazer a cultura. A mídia é, assim, a forma dominante e o lugar da cultura nas sociedades contemporâneas." (KELLNER apud GADINI, 2001, p. 32). Contudo, esta é uma escolha perigosa, já que é preciso saber mensurar os elementos de entretenimento de forma que este não deforme a notícia, deixando a vendabilidade do jornal à frente da ética da informação. É justamente este balanço que procuramos analisar neste trabalho. É clara a transformação do episódio de Realengo em uma espécie de romance policial, em que vítimas deixam de realizar sonhos e em que o policial é coroado como herói. Sem dúvidas, a opção da VEJA ao usar o caso para construir um bloco "Especial" de matérias é altamente vendável - indiscutivelmente, o caso Realengo foi a principal pauta daquela semana em todo o país -, porém são claras as falhas éticas em determinados pontos dos textos, marcando a dificuldade que o veículo teve, em certos trechos, em se ater à ética mais do que a seu lado comercial. Essa percepção, em um cenário onde veículos, principalmente impressos, têm dificuldades em se manter financeiramente, é de extrema relevância para o profissional de comunicação, já que se prova, cada vez mais, um desafio comum na prática do jornalismo.

Além disso, é importante abordar e se aprofundar na discussão ética da comunicação ainda na graduação, pois é neste momento em que os profissionais irão preparar-se para o mercado de trabalho e estarão aptos para decidir eticamente diante das inúmeras questões que surgem e se apresentam na área de Comunicação. Formar um profissional consciente de seus deveres e obrigações é mais funcional do que esperar que códigos e regras rejam suas condutas. O objetivo deste trabalho também foi o de incitar o debate ético em ambiente universitário e, desta forma, que este debate proporcione reflexos no mercado de trabalho dos profissionais de comunicação.

Embora o resultado deste trabalho de conclusão de curso tenha sido adaptado de nossa primeira intenção, o estudo da ética perante casos de massacres em escolas, sobretudo

Realengo, atingiu uma maturidade que consideramos satisfatória, tendo sido possível perceber como a revista VEJA, em sua publicação especial, aborda este crime em específico e quais ferramentas utiliza para construir, sobre os fatos, uma teia em que são mesclados informação e entretenimento. Se por um lado não é possível afirmar que a revista faltou com a ética, por outro é cristalino o uso de técnicas narrativas de construção de um espetáculo mórbido, quando as vítimas e o policial responsável por atirar no assassino são tratados de forma peculiarmente fantasiosas.

A continuidade dos estudos sobre o caso de Realengo seria muito bem complementado, da perspectiva ética, se analisado junto aos textos da revista TIME sobre Columbine. Apesar da tarefa demandar muito mais tempo - pelo próprio idioma que compõe revista, o inglês, seria possível entender melhor as diferenças de veículo (embora não tão enfáticas) e as próprias diferenças culturais no manejo da informação de casos que apresentam pontos em comum e que suscitam discussões éticas tão relevantes para o campo do jornalismo.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Eurípedes. **Ética jornalística: uma reflexão permanente**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/etica-jornalistica-uma-reflexao-permanente>> Acesso em: 02 set. 2012

ANER. **Princípios éticos recomendados pela ANER às editoras associadas**. Disponível em: <<http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo1100-1.asp>> Acesso em: 30 mar. 2013

AZEVEDO, Fernando Antônio. **Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762006000100004&script=sci_arttext> Acesso em: 20 out. 2011

BARBOSA, Ana Carla, OGASAWARA, Rômulo, BENAZZI, Lauriano A. **Jornalismo e Suicídio: ética e noticiabilidade**. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-3072-1.pdf>> Acesso em: 25 mar. 2013

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

BUCCI, Eugênio. **Em Brasília, 19 horas: a guerra entre a chapa-branca e o direito à informação no primeiro governo Lula**. Rio de Janeiro: Record, 2008

BUENO, Eva Paulino. **Tragédias nas escolas americanas: como entendê-las? Como impedir que voltem a acontecer?**. Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewArticle/13229>> Acesso em: 10 out. 2011

CÉSAR, Orlando. **As crianças e os mídia**. Disponível em: <http://www.cnpcejr.pt/Manual_Competencias_Comunicacionais/int_legislacao_media.html> Acesso em: 15 dez. 2012

CHAPARRO, M.C.C. **O uso da técnica jornalística sem os limites da ética**. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1904/7323>> Acesso em: 10 out. 2011.

COHEN, Adam. **The Littleton Massacre: A Curse of Cliques**. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,990871,00.html#ixzz1WHf3YyO9>> Acesso em: 12 set. 2012.

CORLISS, Richard. **The Littleton Massacre: Bang, You're Dead.** Disponível em:
<<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,990878,00.html#ixzz1WLSUoP00>>
Acesso em: 02 set. 2012

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade.** Lisboa: Instituto Piaget, 1999

DICKINSON, Amy. **The Littleton Massacre: WhereweretheParents?** Disponível em:
<<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,990905,00.html#ixzz1WLVq6It9>>
Acesso em: 12 set. 2012

ENRIQUÉZ, E. **Violência, paranóia e perversão nas sociedades ocidentais contemporâneas: reflexões sobre o filme Tiro em Columbine de M. Moore.** Disponível em
<http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5d_Carreteiro_60250903_port.pdf>
Acesso em: 10 out. 2011.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.** Disponível em:
<http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>
> Acesso em: 24 nov. 2012

FERGUSON, Andrew. **The Littleton Massacre: WhatPoliticansCan't Do.** Disponível em:
<<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,990881,00.html#ixzz1WLTiaRRH>>
Acesso em: 02 set. 2012

FILHO, Cloves de Barros. **Ética e habitus na produção da notícia.** Disponível em
<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/contracampo/article/viewArticle/23>>
Acesso em: 10 out. 2011.

GIBBS, Nancy. **The Littleton Massacre:... In SorrowandDisbelief.** Disponível em:
<<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,990870,00.html#ixzz1WHU3u8Ag>>
Acesso em: 12 jan. 2013

GOMES, Anderson Soares. **Entre o papel e o iPad: a tematização das tecno-imagens na literatura e no cinema.** Disponível em
<<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0271-1.pdf>> Acesso em: 10 out. 2011

GROSECLOSE, TIM; MILYO, Jeffrey. **A measure of media bias.** Disponível em:
<<http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/groseclose/pdfs/MediaBias.pdf>>
Acesso em: 10 out. 2011

IFJ. **HumanRights**. Disponível em: <<http://www.ifj.org/en/pages/human-rights>> Acesso em 24 nov. 2012

KOSTINSKY, Spencer; BIXLER, Edward; KETTLE, Paul. **Threats of school violence in Pennsylvania after media coverage of the Columbine high school massacre: examining the role of imitation**. Disponível em < <http://archpedi.ama-assn.org/cgi/content/full/155/9/994> > Acesso em: 10 out. 2011.

LANGMAN, Peter. **Why Kids Kill: Inside the Minds of School Shooters**, Palgrave Macmillan, ISBN978-0230101487. KindleVersion

LEITE, Gisele. **Quando morrem os inocentes**. Disponível em < <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/quando-morrem-os-inocentes/54018/>> Acesso em: 10 out. 2011

LIMA, Raymundo de. **Após o massacre de Realengo**. Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13646/7070>> Acesso em: 10 out. 2011.

LIMA, Raymundo. **Massacre nas escolas**. Disponível em < <http://www.espacoacademico.com.br/096/96lima.pdf>> Acesso em: 10 out. 2011.

LOPES, Paula C. **Linguagem literária e linguagem jornalística: Cumplicidades e distâncias**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lobes-cumplicidade.pdf>> Acesso em: 6 abr. 2013.

MARQUES, R. **Virginia Tech - Anatomia de um massacre à luz da ética da virtude. Revista Interações**. Disponível em < <http://hdl.handle.net/10400.15/255>> Acesso em: 10 out. 2011.

MARTINELLI, João. **A extrema direita na revista VEJA**. Disponível em: <<http://www.capesp.org.br/portal/exec/redacao.print.php?nid=2347> > Acesso em: 10 out. 2011

MATSA, Katerina-Eva; ROSENSTIEL, Tom; MOORE, Paul. **Magazines: By the numbers**. Disponível em <<http://stateofthemedias.org/2011/magazines-essay/data-page-4/>> Acesso em: 10 out. 2011

MORROW, Lance. **The Littleton Massacre: Coming to Clarity About Guns**. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,990879,00.html#ixzz1WLT5inEh>> Acesso em: 02 set. 2012

OBJETHOS. **Códigos**. Disponível em: <<http://objethos.wordpress.com/codigos/>> Acesso em: 09 ago. 2012

PERUZZO, Cicília Maria. **Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania**. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/ojs-2.3.1-2/index.php/revistaintercom/article/view/420>> Acesso em: 10 out. 2011

RIBEIRO, Alex. **Caso escola Base: Os abusos da imprensa**. São Paulo: Editora Ática, 2003

RIBEIRO, J.C. **A ética como fator de resistência no Jornalismo**. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3126/2398>> Acesso em: 10 out. 2011.

SALES, Lilia Maia de Moraes; ALENCAR, Emanuele Cardoso Onofre de. **Mediação de conflitos escolares - uma proposta para a construção de uma nova mentalidade nas escolas**. Disponível em <https://www.unifor.br/joomla/images/pdfs/pdfs_notitia/1681.pdf> Acesso em: 10 out. 2011

SANCHEZ, Anderson. **O assassino e a cumplicidade da imprensa**. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o-assassino-e-a-cumplicidade-da-imprensa>> Acesso em: 10 out. 2011

TAYLOR, Chris. **The Littleton Massacre: Digital Dungeons**. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,990894,00.html#ixzz1WLVF1XGm>> Acesso em: 15 dez. 2012

TAYLOR, Chris. **The Littleton Massacre: We're Goths and Not Monsters**. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,990897,00.html#ixzz1WLVYrDkY>> Acesso em: 15 dez. 2012

TIME WARNER. **Standards of Business Conduct**. Disponível em: <http://www.timewarner.com/our-company/corporate-governance/codes-of-conduct/pdf/2012_SBC_extonline.pdf> Acesso em: 02 set. 2012

UNICEF. **Directrizes de reportage**. Disponível em:
<http://www.unicef.org/french/media/media_tools_guidelines.html> Acesso em: 24 nov. 2012

UNICEF. **Guia Prático para Jornalistas**. Disponível em:
<http://www.unicef.org/mozambique/Guia_para_jornalistas_violencia_contra_crianças_190607.pdf> Acesso em 04 jan. 2013

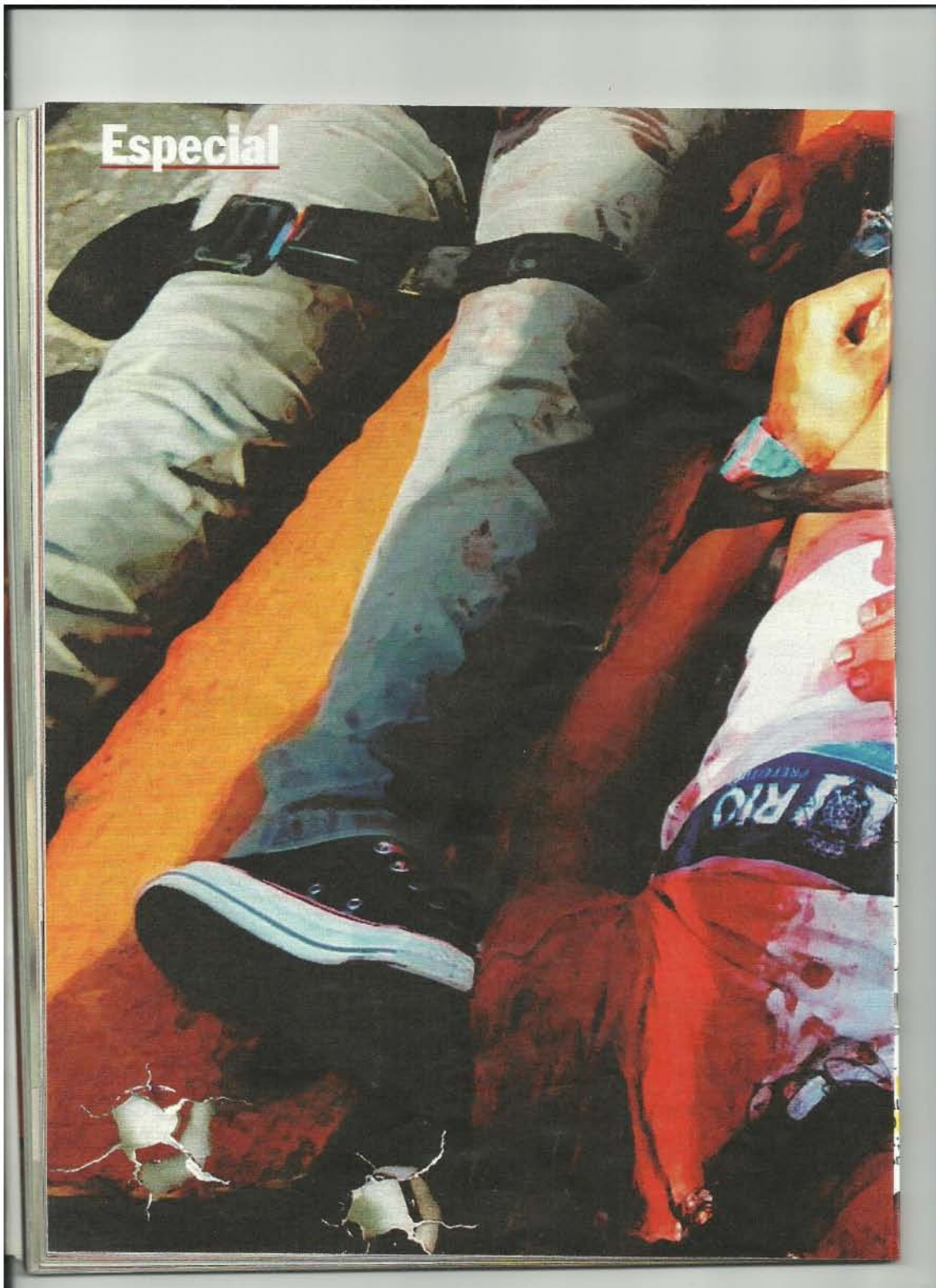
VIEIRA, Timoteo Madaleno; MENDES, Francisco Dyonísio Cardoso; GUIMARAES, Leonardo Conceição. **De columbine à virginia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão**. Disponível em
<<http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n3/v22n3a21.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

ZOEGA, Maria Teresa Silveira; ROSIM, MirivaldoAntonio. **Violência nas escolas: o bullying como forma velada de violência**. Disponível em:
<http://www.fcla.edu.br/unar2007/revista/pdf_V3_2009/4.%20Viol%C3%Aancia%20nas%20escolas.pdf> Acesso em: 10 out. 2011

.**VEJA**. Disponível em:
< <http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais> > Acesso em: 10 out. 2011

ANEXOS

ANEXO A - Matéria principal da Revista VEJA - Cruel, Aterrador e Inexplicável





CRUEL, ATERRADOR E INEXPLICÁVEL

O massacre de doze crianças em uma escola no Rio foi urdido por uma mente doentia que pretendia “jogar um avião contra o Cristo Redentor”

SANDRA BRASIL, LAURA DINIZ E VINICIUS SEGALLA

ÓDIO AO SEXO OPOSTO
As meninas foram dez das vítimas do atirador e receberam tiros na cabeça e no tórax. Na foto, duas das alunas mortas

ARQUIVO/STUDIO A GUTS/GETTY IMAGES

Especial

O passo a passo do massacre

Em nove minutos, o ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira invadiu a escola municipal Tasso da Silveira, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, matou doze estudantes, feriu outros doze e cometeu suicídio.



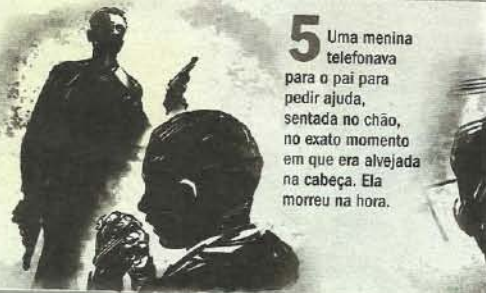
1 Com dois revólveres, um cinto com munição e um equipamento para recarregar armamentos guardados em uma bolsa, Wellington entrou na escola sem dificuldade, por ser ex-aluno. Ao passar pela sala de leitura no 1º andar, cumprimentou a professora de português, que o conhecia. "Espera que já falo com você", ela disse.

2 Ele entrou na sala 1803, onde ocorria uma aula de português do 8º ano. Com um sorriso no rosto, avisou aos estudantes: "Vim dar uma palestra"

3 Ele colocou a bolsa sobre uma mesa, retirou dali um revólver e atingiu duas alunas na cabeça. Elas morreram no ato. Alguns estudantes se lançaram ao chão, outros saíram correndo, gritando por socorro. Por orientação de uma professora, adolescentes colocaram cadeiras, mesas e um armário atrás da porta de uma sala do 3º andar, para impedir a entrada do assassino.



4 Wellington deixou a sala 1803, avançou atirando no corredor e entrou na sala de número 1801. Alguns estudantes que haviam ouvido os tiros estavam escondidos embaixo das carteiras. Um dos alunos suplicou ao matador que poupasse sua vida: "Não me mata, pelo amor de Deus". E ouviu do assassino: "Fica tranquilo, gordinho, que eu não vou fazer isso". Ele saiu vivo.



5 Uma menina telefonava para o pai para pedir ajuda, sentada no chão, no exato momento em que era alvejada na cabeça. Ela morreu na hora.

6 Wellington voltou para o corredor, recarregou a arma e atirou em direção às pernas dos jovens que tentavam escapar pela escada para o andar de cima.

7 Dois alunos, um deles com ferimentos de bala no ombro e no rosto, saíram correndo da escola e, a 400 metros dali, pediram ajuda a dois policiais: o sargento Márcio Alves e o cabo Edinei Feliciano — que se encaminharam para o colégio.



8 Os policiais encontraram Wellington no corredor e o encurralaram perto da escada. Ele preparava-se para subir ao 2º andar. O sargento Alves acertou um tiro no abdômen do assassino, que caiu nos degraus e atirou contra a própria cabeça.



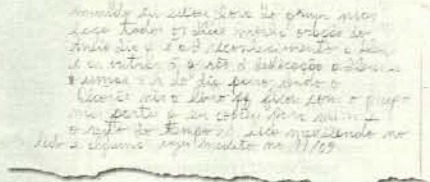
A ESCOLA Sem saber se seus filhos estavam entre os mortos, pais se aglomeram em frente ao colégio Tasso da Silveira

A faceta monstruosa de Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, começou a revelar-se às 8h11 de quinta-feira, quando ele entrou em uma sala de aula, sorriu e avisou aos estudantes: “Vim dar uma palestra”. Em seguida, abriu a sacola que havia depositado sobre a mesa da professora, sacou um revólver calibre 38 e atirou contra a cabeça de uma aluna e depois de outra — as primeiras duas crianças do total de doze que ele matou. Outras estranhas facetas desse rapaz adotado com dias de vida por parentes da mãe esquizofrênica já tinham vindo à tona antes.

Na escola do bairro de Realengo em que cursou o ensino fundamental e onde cometeu o massacre, a Tasso da Silveira, ele era “o esquisitão da turma”, na descrição de uma ex-colega. Em casa, vivia pendurado na barra da saia da mãe, testemunha de Jeová, e usava camisa e calça sociais mesmo nas poucas festas em que aparecia. Mas os traços mais evidentes de seu desequilíbrio mental surgiram há cerca de dois anos. Wellington, relatam parentes, começou a pesquisar obsessivamente sobre armas e organizações terroristas islâmicas na internet. Passou a usar só roupas pretas e deixou crescer a barba. Um dos

colegas da fábrica de embutidos em que ele trabalhou até agosto do ano passado como auxiliar de almoxarifado conta que o atirador costumava rabiscar no papel bonecos que dizia serem homens-bomba. A um primo que prestou depoimento à polícia, chegou a dizer: “Vou jogar um avião contra o Cristo Redentor”.

VEJA obteve cópias de duas de suas fichas de renovação de matrícula no Colégio Estadual Madre Teresa de Calcutá, onde ele cursou o ensino médio. Na ficha de 2004, no espaço reservado à religião do aluno, ele escreveu: “Testemunha de Jeová”. Na ficha de 2006, mudou a resposta para “muçulmano”. O presidente da União Nacional das Entidades Islâmicas, Jamel El Bacha, afirmou em comunicado que Wellington “não é muçulmano e não tem nenhum vínculo com as mesquitas e sociedades beneficentes mantidas pela comunidade no Brasil”. A direção da Polícia Federal chegou a investigar se o criminoso havia aderido a alguma organização islâmica, mas já descartou a



ALCORÃO E 11/9 Delírios do matador

Especial

hipótese. Na bolsa que deixou na escola de Realengo, a polícia encontrou alguns textos escritos por ele. Em um deles, o matador diz que passa "umas 4 horas do dia lendo o *Alcorão*". Em outro trecho, registra: "Algumas vezes, medito no 11/09" — referência ao atentado terrorista nos Estados Unidos em 2001.

Wellington escolheu a dedo o cenário da matança. Mesmo com duas escolas públicas vizinhas à casa para onde ele se mudou depois da morte da mãe adotiva, no bairro de Sepetiba, ele preferiu percorrer 33 quilômetros para transformar em palco da sua carnificina o colégio em que havia estudado — e do qual não guardava boas recordações. Aluno mediano, segundo mostram boletins obtidos por VEJA, ele não tinha amigos e era alvo de piadas e humilhações da classe. Aos 10 anos, foi lançado a uma lixeira pelos colegas. Era apelidado de Sherman, uma referência ao personagem nerd do filme *American Pie*. "A gente o xingava de tudo, zoava até cansar", diz um ex-colega.

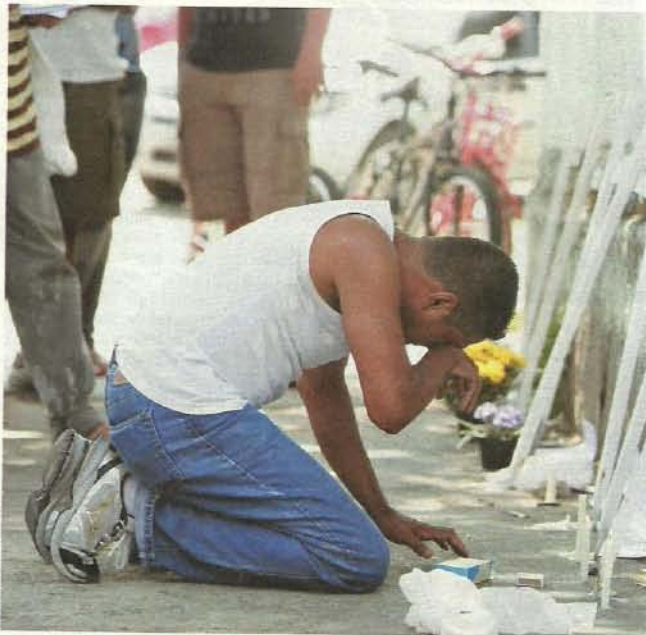
Suspeita-se que ele selecionou suas vítimas pelo sexo. Dez das crianças mortas eram meninas e receberam tiros característicos de execução, na cabeça e no tórax. Um grupo de cinco estudantes disse a VEJA ter ouvido Wellington afirmar em meio ao massacre que não queria matar meninos. Wellington, segundo vizinhos e parentes, nunca teve um envolvimento amoroso com quem quer que fosse. "Acho realmente que era virgem", diz um vizinho. Sobre a destreza com que alvejou suas vítimas, a polícia acredita que, nos últimos meses, quando ficou sem trabalho, ele tenha praticado pontaria numa mata próxima à sua casa. No momento em que entrou na escola, Wellington já havia planejado cada detalhe da matança. Antes de sair de casa, destruiu móveis e queimou o computador. Agora, a expectativa da polícia é recuperar o HD da máquina, uma tentativa de desvendar a mente perturbada de Wellington — e assim ajudar a compreender um pouco o que parece apenas cruel, atroz e inexplicável.

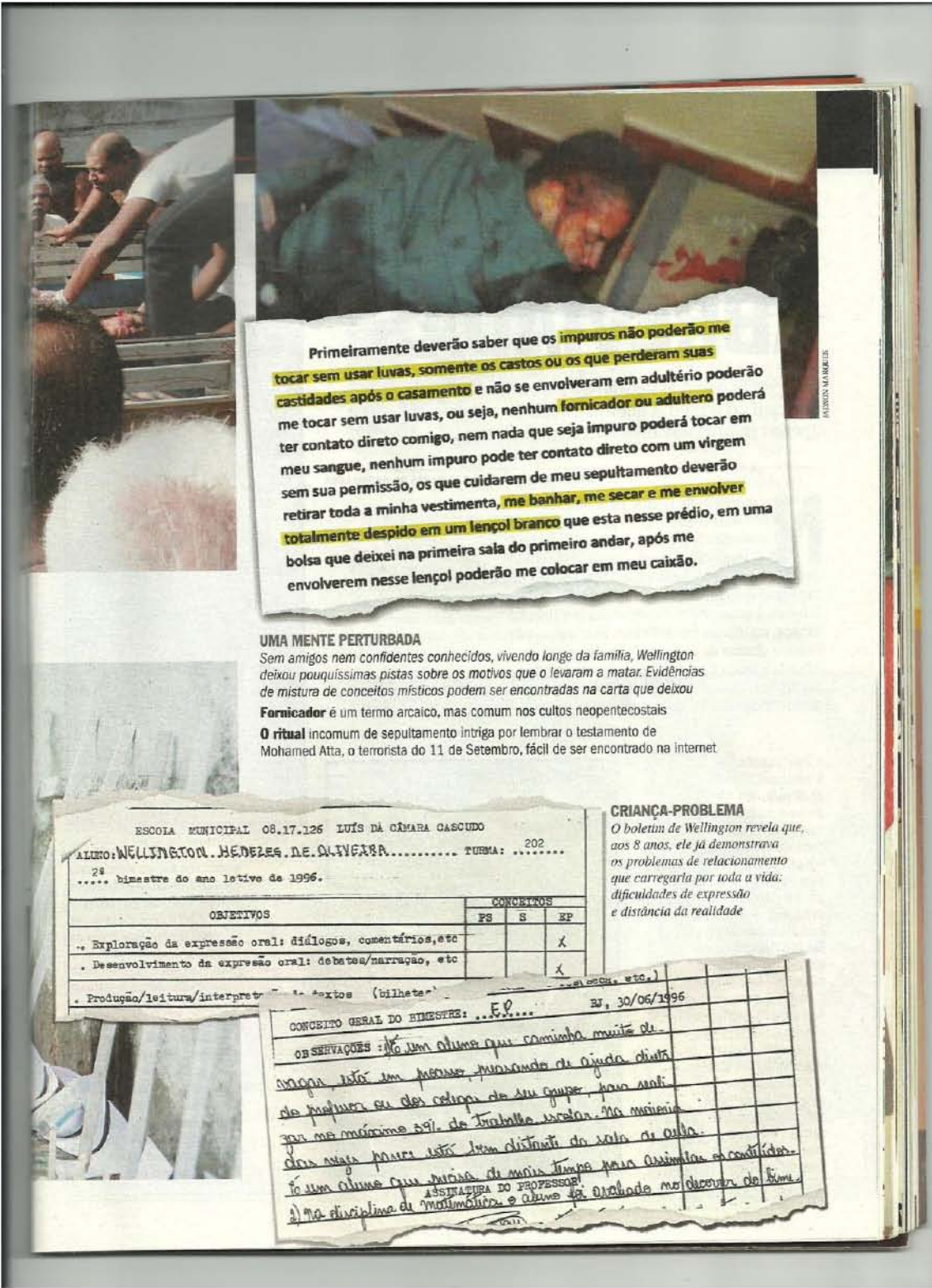
COM REPORTAGEM DE
CAIO BARRETO BRISO, HELENA BORGES,
FILIPE VILICIC, LEONARDO COUTINHO,
MARCELO SPERANDIO, RENATA BETTI,
ROBERTA DE ABREU LIMA



DOR E SOLIDARIEDADE

Pai de dois alunos que sobreviveram ao massacre ajuda no resgate de vítimas (acima). Abaixo, homem chora a morte dos adolescentes na tragédia que chocou o país





Primeiramente deverão saber que os impuros não poderão me tocar sem usar luvas, somente os castos ou os que perderam suas castidades após o casamento e não se envolveram em adultério poderão me tocar sem usar luvas, ou seja, nenhum fornicador ou adúltero poderá ter contato direto comigo, nem nada que seja impuro poderá tocar em meu sangue, nenhum impuro pode ter contato direto com um virgem sem sua permissão, os que cuidarem de meu sepultamento deverão retirar toda a minha vestimenta, me banhar, me secar e me envolver totalmente despido em um lençol branco que esta nesse prédio, em uma bolsa que deixei na primeira sala do primeiro andar, após me envolverem nesse lençol poderão me colocar em meu caixão.

UMA MENTE PERTURBADA

Sem amigos nem confidentes conhecidos, vivendo longe da família, Wellington deixou poucas pistas sobre os motivos que o levaram a matar. Evidências de mistura de conceitos místicos podem ser encontradas na carta que deixou

Fornicador é um termo arcaico, mas comum nos cultos neopentecostais

O ritual incomum de sepultamento intriga por lembrar o testamento de Mohamed Atta, o terrorista do 11 de Setembro, fácil de ser encontrado na internet

ESCOLA MUNICIPAL 08.17.126 LUIS DA CÂMARA CASCUDO

ALUNO: WELLINGTON HEINEZES DE OLIVEIRA..... TURMA: 202

..... 2º bimestre do ano letivo de 1996.

OBJETIVOS	CONCRETOS		
	FS	S	EP
.. Exploração da expressão oral: diálogos, comentários, etc			X
.. Desenvolvimento da expressão oral: debates/narração, etc			X
.. Produção/leitura/interpretação de textos (bilhetes, etc.)			

CONCEITO GERAL DO BIMESTRE: ...F.P....

BJ, 30/06/1996

CRIANÇA-PROBLEMA

O boletim de Wellington revela que, aos 8 anos, ele já demonstrava os problemas de relacionamento que carregaria por toda a vida: dificuldades de expressão e distância da realidade

ASSINATURA DO PROFESSOR

OBSERVAÇÕES: Não tem aluno que cominha muito de nada, está em pouco momento de ajuda de outros de profusão ou dos colegas de seu grupo, para senti por no máximo 5% de trabalho escolar. Na maioria dos casos parece estar bem distante do sala de aula.

é um aluno que precisa de mais tempo para assimilar e concluir a disciplina de matemática e aluno da sala de aula.

Especial

VIDAS ABREVIADAS

Os sonhos que o assassino da escola de Realengo destruiu ao atingir à queima-roupa jovens que apenas se preparavam para começar a viver

CAIO BARRETTO BRISO E ROBERTA DE ABREU LIMA

Na última quinta-feira, os sonhos de doze meninos e meninas — de ser advogado, marinho, modelo, jogador de futebol — implodiram junto com os estampidos dos revólveres que Wellington Menezes de Oliveira carregava quando chegou ao colégio Tasso da Silveira. Encurraladas e executadas por tiros na cabeça, no tórax e no abdômen, as crianças não tiveram chance de fugir ou de se defender. Entre a ameaça e os disparos, algumas ainda experimentaram o terror de ter de implorar, em vão, pela própria vida — que mal havia começado.

A PROFESSORA ►

A estudante Luiza Paula da Silveira, de 14 anos, sonhava ser professora, mas nos últimos meses só tinha um assunto com as amigas: os preparativos para sua festa de 15 anos, prevista para setembro deste ano. Já estava até providenciando os convites. Era fã de axé music e gostava principalmente da cantora baiana Ivete Sangalo. Quando o tiroteio na escola começou, ela se jogou no chão tentando escapar do assassino e telefonou para o pai. Telefonava para ele pelo celular quando o atirador apontou a arma para ela e disparou. Luiza morreu com um tiro no rosto e outro na barriga.



▲ A ADVOGADA

Milena dos Santos Nascimento gostava de jogar futebol e queimado com os meninos. Tinha 14 anos e queria ser advogada. Duas irmãs da menina, uma mais velha e outra mais nova, também eram alunas do colégio e estavam no local no momento do massacre. Ambas conseguiram escapar. Tainá, a mais nova, fazia parte da turma que foi salva pelo professor de geografia, ao bloquear a sala pelo lado de dentro. A outra irmã, Helena, se refugiou no auditório do 3º andar da escola, que não chegou a ser alcançado pelo bandido.

▼ O LATERAL DIREITO

O primeiro a dar o alerta à família do adolescente Igor Moraes da Silva, de 14 anos, foi o irmão caçula, Eduardo, de 9 anos, que estuda no mesmo colégio. Ao ver o irmão caído no chão, ensanguentado,



ele correu para casa, num condomínio próximo à escola. Igor era o queridinho dos professores da turma 1803, do 3º ano. Lateral direito de talento, treinava na escolinha do Vasco, embora fosse flamenguista roxo. Na véspera da tragédia, estreou uma chuteira nova.



▲ A OFICIAL DA MARINHA

Alegre e extrovertida, Gêssica Guedes Pereira, de 15 anos, estava na sala da turma 1803, a primeira invadida pelo atirador. Quando Wellington entrou, encontrou-a na primeira fileira, sonolenta. Foi alvejada ainda sentada. Sonhava ser oficial da Marinha. Usava o tempo livre para se preparar para a concorrida seleção do Colégio Naval, que fica em Angra dos Reis. No Orkut, Gêssica fazia parte de uma comunidade que pedia justiça para os assassinos da menina Isabella Nardoni.

▼ A VETERINÁRIA

Embora não costumasse sair muito de casa, a estudante Ana Carolina Pacheco da Silva, de 13 anos, era uma espécie de agitadora social de sua turma na escola. No início do ano, foi ela quem integrou os alunos recém-chegados aos amigos de longa data. "Ela dava a liga à nossa galera", afirma o amigo Leonardo Mello.

Apaixonada por animais, fazia planos de ser veterinária. Em dias de muito calor, gostava de tomar banho de mangueira. "Ela é muito alegre, afetuosa e feliz", disse o tio Marcos Aparecido, antes de saber que a menina estava morta.

▼ O PROGRAMADOR

Brincahão, Rafael Pereira da Silva, de 14 anos, era o piadista da turma. Estava na segunda sala invadida, a 1801. Ao ver o atirador assassinar a colega que falava ao celular, levantou os dois braços, num gesto de rendição, e pediu: "Pelo amor de Deus, tio, não me mata!". Wellington respondeu: "Fica calmo. Quero matar o menor número de meninos possível". Apavorado, Rafael tentou fugir. Acabou alvejado no pescoço.



▲ A NAVEGADORA

Até o ano passado, Laryssa Silva Martins, de 14 anos, ia para a escola com o pai todos os dias. "Ele era muito ciumento e se preocupava demais com a segurança dela", diz a madrinha, Sheila Tavares. Era justamente o pai, Clóvis Martins, o mais abalado pela morte da menina. "Não tenho mais razão para viver", repetia ele ao enterrar a filha. Valiosa, Laryssa costumava ir para a aula maquiada e de salto alto. Ultimamente, caprichava mais, por ter começado um namoro com um colega de escola. Sonhava trabalhar no mar.



Especial

▼ A PEDIATRA

Apaixonada por crianças, Bianca Lavares da Rocha planejava ser pediatra. Ela gostava de cuidar das pessoas — quando via um acidente de trânsito, por exemplo, sempre queria ajudar. Tinha uma irmã gêmea, Brenda, a quem era muito ligada. As duas tinham apenas 13 anos,



mas já faziam planos para a festa de debutante. Eram inseparáveis de outras duas meninas que morreram na chacina, Mariana Rocha e Milena Nascimento. Estavam todas na sala de aula quando os tiros começaram. Das quatro, agora, só resta Brenda, que tomou um tiro no braço e está internada.



▲ A APAIXONADA POR FOTOGRAFIA

Bonita, falante e vaidosa, Mariana Rocha de Souza, de 12 anos, era muito paquerada pelos garotos. Aluna aplicada, costumava ficar na sala de leitura após o término das aulas. Era ambiciosa, apaixonada por fotografia e ansiosa por conhecer outros países. Queria seguir a carreira de modelo para poder correr o mundo. "Ela sonhava em viajar para a Europa e tinha certeza de que seria uma modelo de sucesso", lembra a prima Letícia dos Santos, de 14 anos. Foi atingida ainda na primeira sala em que o assassino entrou.

▼ A MODELO

Sorridente, a estudante Larissa dos Santos Atanásio, de 13 anos, já havia se apresentado em desfiles para lojas de roupas do bairro de Realengo. A experiência a animou a querer ser modelo, algo que perseguia de forma tenaz. Nos últimos tempos, pediu de presente aos pais um book para apresentar a agências profissionais. Brincalhona e inteligente, formava uma dupla inseparável com Samira Pires, alvejada algumas carteiros adiante, na sala 1803. Tinha um irmão na escola, Alex, de 13 anos. Ele também foi ferido, mas sobreviveu e está em casa, em estado de choque.

▼ A ROQUEIRA

A adolescente Samira Pires, de 13 anos, era daquelas meninas que possuem um pequeno séquito de admiradores. Estava na primeira fileira da turma 1803 e foi atingida por um tiro na cabeça logo no primeiro ato do roteiro macabro do assassino de Realengo. Festeiro, ela era fã de Michael Jackson e adorava rock — ao contrário da maioria das colegas, que gostavam de funk. "As meninas tinham até inveja dela", diz o colega de classe Flávio Castro.



▲ A ATLETA

Só no fim da tarde da chacina o pai de Karine Lorraine de Oliveira, Julio Cesar de Oliveira, soube que a filha de 14 anos havia sucumbido na tragédia de Realengo. "Quando me deram a notícia, não acreditei", diz Vizinha do colégio, ela morava com a avó, Nilza Cruz, desde os 3 anos. Fã de esportes, praticava atletismo em uma escola militar. Relata a avó: "Antes de sair, ela pediu minha bênção, como sempre fazia. Eu respondi: 'Deus te proteja e te guarde, minha filha'. Desta vez, Ele não guardou".



Especial

SÓ O DEVER CUMPRIDO

O sargento Alves não atirava em ninguém havia quinze anos. Mesmo assim, diante do pedido de socorro de um aluno, fez o disparo que pôs o ponto final no massacre

Na última vez em que havia atirado em alguém, o sargento da Polícia Militar Márcio Alexandre Alves tinha 23 anos. Foi durante uma ação contra traficantes na favela da Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro, quando ele era soldado do Batalhão de Choque da PM. Desde então, transferido para o Departamento de Trânsito da corporação, sua rotina passou a ser as blitz destinadas a flagrar motoristas alcoolizados e carros irregulares. Hoje com 38 anos, Alves estava havia quinze anos distante de operações de risco quando um menino com o rosto baleado surgiu diante dele numa rua de Realengo, pedindo socorro e gritando que um homem estava matando os alunos dentro da sua escola.

Junto com o cabo Edinei Feliciano, seu parceiro na blitz da qual ele participava naquele dia, o sargento correu para o colégio Tasso da Silveira. Guiada pelo barulho dos tiros, a dupla galgou o primeiro lance de escadas do prédio sem conseguir ver o que, ou quem, encontraria lá em cima. Ao chegar ao andar superior, Alves ficou cara a cara com Wellington Menezes de Oliveira. O atirador recarregava seu revólver ao pé da escada que o levaria ao 2º andar — e a dezenas de crianças apavoradas que, naquele momento, tentavam se esconder dele. O sargento agiu como nos tempos do antigo batalhão: “Abaixe a arma!”, gritou. Wellington tentou reagir e Alves atirou. Wellington caiu e, de acordo com o relato do sargento, suicidou-se em seguida com um tiro na cabeça. Disse o sargento Alves: “Não sou um herói. Só cumpri o meu dever”.

PAI E HERÓI

O sargento Alves: “Na hora, só pensei em pará-lo. Depois, quando falei com meu filho, choramos juntos”

Policiais com experiência em situações de conflito que visitaram o local da barbárie concluíram que o sargento Alves e o cabo Feliciano correram muitos riscos. Eles agiram em um ambiente propício a todo tipo de erro. “É raro, numa circunstância como aquela, o policial ter calma para atingir apenas o alvo, sem matá-lo e sem machucar mais ninguém. O que o sargento Alves fez foi extraordinário”, diz o coronel Djalma Beltrami, coordenador do salvamento e responsável pelas investigações iniciais.

O sargento recebeu uma ligação do filho de 12 anos, que reconheceu a voz do pai na televisão. “Ele ficou preocupado. Ao ouvir sua voz, eu me dei conta da gravidade do que havia passado. Choramos juntos.” Casado com uma enfermeira, Alves tem ainda uma menina de 4 anos. Ganha cerca de 2.500 reais por mês na

PM e seu único patrimônio é uma casa em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio. “Gosto do que faço e de ajudar os outros. Só isso.” Na quinta-feira, “só isso” foi o bastante para evitar que, pelas escadarias da escola de Realengo, corresse ainda mais sangue. ■

RENATA BETTI





VIDAS A SER RECONSTRU

Depois do horror, os sobreviventes de Realengo têm uma batalha dura pela frente: aprender a conviver com as lembranças incanceláveis do massacre

ADRIANA DIAS LOPES E LAURA MING

A quase 9.000 quilômetros de distância do Rio de Janeiro, em Edmond, cidade do estado americano de Oklahoma, a notícia do massacre de Realengo reverberou como um cristal antigo que não cessa de se partir. Mais exatamente na casa da hoje pedagoga e escritora Crystal Woodman Miller, de 28 anos. Na manhã de 20 de abril de 1999, a então aluna da Columbine Institute, no Colorado, estudava na biblioteca quando ouviu tiros. A seu lado, uma amiga foi baleada no ombro. Sem entender o que acontecia, Crystal se escondeu debaixo da mesa. Foi dali que ela testemunhou, durante sete minutos e meio, a morte de dez colegas, alvejados pelos psico-

patas Eric Harris e Dylan Klebold, estudantes da mesma escola, que já tinham matado outras três pessoas antes de irromper na biblioteca. Como não há como cancelar a memória da selvageria, coube a Crystal esmaecer até onde foi possível naquele dia. "Hoje estou bem", disse ela à VEJA. "Já não penso em Columbine todos os dias." O primeiro ano depois da chacina foi o mais difícil. À noite, Crystal era assombrada por pesadelos de sequestros, estupros e assassinatos. De dia, o cheiro da escola e o som do tiroteio vinham constantemente à sua cabeça. O coração disparava e ela não conseguia conter o choro. A qualquer barulho mais forte, jogava-se no chão. Ao entrar em um lugar público, instintivamente procurava um abrigo para se esconder.

"Meus sentimentos eram confusos: queria ser abraçada, mas o contato físico me fazia mal: sentia fome, mas tinha dificuldade para comer", lembra Crystal. "Cheguei a sentir culpa por ter sobrevivido." O medo, a angústia e a culpa só foram controlados depois de cinco anos, em sessões de terapia individual e em grupo com os outros sobreviventes de Columbine.

Cerca de 30% das pessoas que testemunham ou enfrentam uma situação de ameaça à vida desenvolvem algum tipo de transtorno do stress. Pertencente à categoria dos distúrbios de ansiedade, a doença é classificada como stress agudo e stress pós-traumático, caracterizados principalmente por recordações vívidas do acontecimento traumático (com as mesmas sensações



PRESENTE E PASSADO Jade (à esq.), sobrevivente de Realengo, e a americana Crystal, sobrevivente de Columbine

ÍDAS

físicas experimentadas durante o episódio desencadeador), dificuldade de concentração, insônia e pesadelos. No stress agudo, os sintomas se prolongam por até um mês depois do horror. No pós-traumático, estendem-se por mais de trinta dias ou, mais raramente, podem começar um mês depois da ocorrência do trauma. Um dos indícios da manifestação de um transtorno de stress é a incontinência verbal. "A pessoa fala sem parar sobre o ocorrido, como forma de evitar refletir sobre o que aconteceu, uma passagem tão dolorosa quanto necessária", diz o psiquiatra Fernando Asbahr, coordenador do Ambulatório de Ansiedade na Infância e Adolescência, do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo.

A maneira como Jade Ramos de Araújo, de 12 anos, se expressa ao relatar os nove minutos de terror na escola de Realengo prenuncia um quadro de

stress agudo. Nas imagens da Rede Globo, Jade aparece falando ininterruptamente, como se tivesse decorado um texto. "Ai ele chegou falando assim: 'Vou matar vocês'. Eu escutava muitos tiros e um monte de crianças gritando. Quando eu ia subir para o 2º andar, aí eu fui lá e falei assim: 'Meu Deus, o que será que vai acontecer comigo?', eu falei para minha amiga. A gente subiu e nisso ele ia atirando no pé das crianças para não subirem e mandando as crianças virar para a parede que ia atirar nelas. E as crianças falavam: 'Não atira em mim, por favor, por favor, moço'. Ele ia lá e atirava na cabeça das crianças", contou a menina. Na sala onde se escondeu, ela relata ter permanecido "desenhando uma casa na minha mão".

Não há cura total para os transtornos do stress. "O paciente recuperado é aquele que passa a sofrer menos com os sintomas", diz o psiquiatra Felipe Corchs, também do Instituto de Psiquiatria da USP. Tanto maior será a vulnerabilidade ao trauma quanto mais real for a noção do perigo no momento do episódio. O tratamento baseia-se

em terapia e medicamentos ansiolíticos e antidepressivos. No primeiro mês, o objetivo é fazer com que as lembranças da tragédia não se solidifiquem. É por isso que os especialistas evitam remédios para dormir ou aqueles que possam facilitar o sono — como a memória se sedimenta, sobretudo, durante o repouso noturno, horas maldormidas são benéficas nesse aspecto. Inicialmente, dá-se preferência à terapia de apoio, em que o paciente apenas fala espontaneamente sobre seus medos e aflições. Passado um mês, tempo necessário para que a memória seja consolidada, mas agora sem reflexões que poderiam adicionar peso ainda maior ao ocorrido, o tratamento é o oposto: remédios começam a ser ministrados de forma mais sistemática e o paciente é levado a confrontar-se concretamente com os elementos do trauma e pensar sobre seus desdobramentos. "O caminho é longo e penoso, mas é possível superá-lo", afirma Crystal. Jade, que quer ser bióloga, pode ter, sim, um futuro de seus sonhos, e não de seus pesadelos. ■

Especial

O QUE ESTES ASSASSINOS TÊM EM COMUM

Os autores de chacinas em escolas têm perfis diferentes, mas partilham de um mesmo sentimento, manifestado em doses brutais — a raiva de si próprios e do mundo

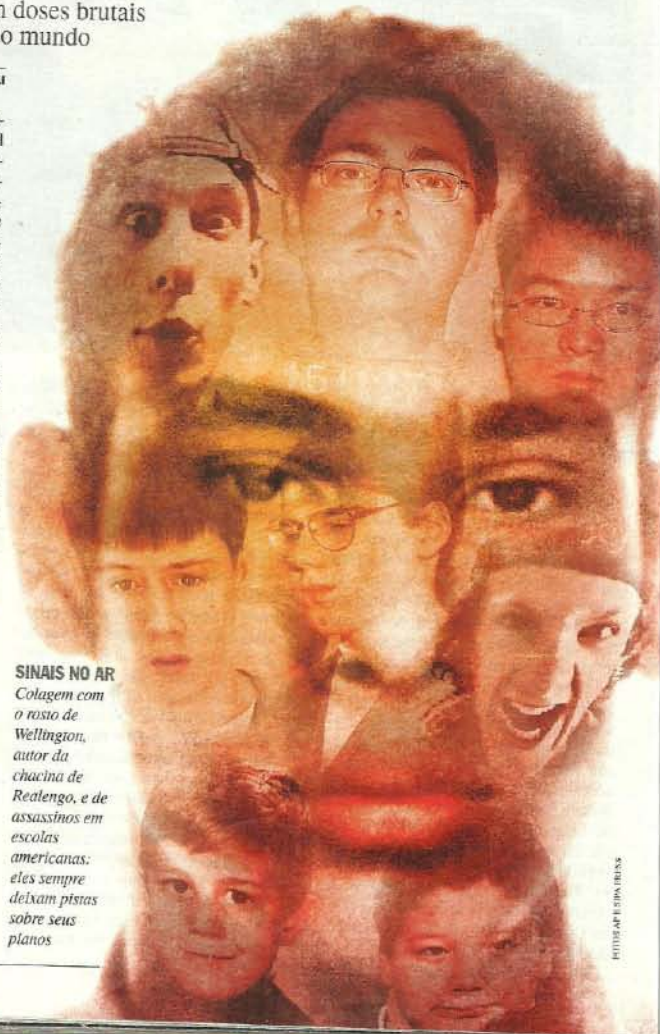
GABRIELA CARELLI

O psicólogo americano Peter Langman trabalhava no Hospital Psiquiátrico KidsPeace, na Pensilvânia, quando dois estudantes abriram fogo contra colegas e professores da escola Columbine, em 20 de abril de 1999. Nos dez dias que se seguiram ao massacre, Langman atendeu duas dezenas de pais, aflitos porque o comportamento de seus filhos tinha similaridade com o dos assassinos. Os jovens, relatavam os pais, desejavam ser famosos e populares, sofriam de depressão, tinham tendência ao suicídio, não gostavam da própria aparência, sentiam-se rejeitados, principalmente pelas garotas, e eram fascinados por armas. “Na maioria dos casos, havia motivos para preocupação. As características eram muito parecidas com as dos agressores”, contou Langman a VEJA. Se havia tantos traços semelhantes, por que, então, nenhum deles protagonizou um romântico de fúria assassina? E por que os estudantes de Columbine e outros tantos sucumbiram ao desejo de matar?

Langman, hoje um dos mais respeitados estudiosos de jovens criminosos dos Estados Unidos, passou a última década investigando a mente dos dez mais perversos assassinos que atacaram escolas em seu país para responder a essas perguntas. O resultado está no livro *Why Kids Kill: Inside the Minds of School Shooters* (Por que os Jovens Matam: por Dentro da Mente dos Assassinos Escolares), publicado em 2009. O psicólogo concluiu que os jovens homicidas estudados não se encaixam num único e definitivo perfil psicológico ou social. Mas todos, sem exceção,

SINAIS NO AR

Colagem com o rosto de Wellington, autor da chacina de Realengo, e de assassinos em escolas americanas: eles sempre deixam pistas sobre seus planos



FOTOGRAFIA/BRUNO

partilhavam um sentimento — a raiva. Odiavam suas vidas. Estavam desesperados e deprimidos a ponto de desejar a própria morte. Dylan Klebold, de 17 anos, um dos assassinos de Columbine, tinha seu próprio BMW, morava numa casa com piscina e quadra de tênis. Era considerado pacífico e doce, mas não era popular. Evan Ramsey, de 16 anos, autor de disparos no colégio Bethel, no Alasca, em 1997, morava em um apartamento sem aquecimento. Sua mãe era alcoólatra. "O que faz de um jovem um assassino em massa é uma complexa combinação de fatores, como ambiente, predisposição genética e características individuais", escreve Langman.

Um estudo realizado pelo serviço secreto americano com 41 jovens que perpetraram assassinatos em 37 escolas dos Estados Unidos também conclui que eles têm perfis diferentes, mas partilham denominadores comuns no terreno das estatísticas. Os homens são maioria absoluta. Dois terços pertencem a famílias bem estruturadas. Mais de 60% nunca tiveram mau comportamento na escola. Quase metade tirava notas altas e participava de atividades sociais dentro e fora da escola. Do ponto de vista psicológico, a pesquisa revela que 61% têm histórico de depressão, sede de vingança e tendência suicida. Pouco mais de 80% têm dificuldades em lidar com perdas e frustrações, e relatavam ter sofrido perseguições. "É preciso frisar que nada disso é determinante. Ninguém entra numa escola disparando tiros só porque sofreu bullying. Ser deprimido ou ter um distúrbio mental também não detona esses atos", disse a VEJA o psicólogo Randy Borum, da Universidade do Sul da Flórida, um dos autores da pesquisa.

Se entender a mente e as razões dos jovens assassinos é difícil, perceber que um massacre está prestes a acontecer é teoricamente mais fácil. Pouco antes de atacar, a maioria dos assassinos envia sinais diretos e indiretos de que haverá uma chacina. Pode alertar um amigo ou tentar recrutar um cúmplice, por exemplo. Indícios da tragédia sempre pairam no ar. Ou na internet. Infelizmente, na prática, é muito difícil prestar atenção em todos esses mínimos detalhes. ■

COM REPORTAGEM DE CAROLINA MELO
E RICARDO WESTIN



O alvo errado, mais uma vez

A culpa pelas mortes não é das armas, mas do atirador

Diante de uma tragédia como a que ocorreu no Rio de Janeiro, é natural que se tente imaginar inúmeras maneiras de evitar que uma brutalidade possa repetir-se. Passado o choque inicial, contudo, a racionalidade deve prevalecer. O governo entrou no debate de forma atabalhoada, tentando pôr a culpa pelo massacre nas armas — e não no atirador que puxou o gatilho. E, pelo jeito, deve seguir nessa trilha. O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, anunciou que sua prioridade será organizar uma nova campanha de desarmamento no Brasil. É um discurso fácil para um momento difícil, e que presta um desserviço ao turvar o foco da discussão. Numa campanha dessas, quem entrega suas armas são pessoas honestas, donas de pistolas ou espingardas fora de uso, herdadas de antepassados, ou cidadãos com habilitação legal para exercer o seu direito de acreditar que o porte de um revólver pode proteger sua família — e que, contrangidos por uma ocorrência como a de Realengo, cedem à pressão so-

DESARMAMENTO?

Quem entrega armas ao governo é gente honesta. Os bandidos, não

cial. Os bandidos, infelizmente, não costumam cooperar com esse tipo de campanha. As pistolas usadas por Wellington Menezes de Oliveira em Realengo eram ilegais. Uma havia sido roubada, outra tinha a numeração raspada. Como elas, o Instituto Viva Rio estima que haja mais 7,5 milhões de armas clandestinas em circulação no mercado negro brasileiro. Não é uma campanha de desarmamento que vai tirar essas armas das ruas. Quem mais alimenta o arsenal dos bandidos são policiais corruptos e contrabandistas que se valem da porosidade das fronteiras brasileiras.

Pufses em que armas de fogo são proibidas também foram palco de ataques em escolas. O Japão, por exemplo: no dia 8 de junho de 2001, na cidade de Osaka, Mamoru Takuma, então com 37 anos, invadiu um colégio e matou oito crianças usando uma faca de cozinha. Nenhuma autoridade japonesa pensou em proibir facas de cozinha. Qual é a diferença entre Takuma e Wellington? Atribuir o massacre de Realengo às armas de fogo é tão razoável quanto atribuir as mortes em acidentes de trânsito à existência de automóveis.

Especial

O EFEITO VIRAL DAS MATANÇAS

Por meio da internet, jovens desequilibrados aprendem a usar armas, publicam fotos e vídeos com ameaças e copiam roupas e métodos de outros assassinos escolares

DUDA TEIXEIRA

O massacre na escola em Realengo, no Rio de Janeiro, repete o modelo de ataques ocorridos em outros países nos últimos anos. O comportamento de Wellington Menezes de Oliveira assemelha-se ao exibido em matanças anteriores em aspectos como a busca na internet de treinamento e ideias para o crime, o uso de roupas pretas ou camufladas, o planejamento minucioso do ataque, a admiração por atentados terroristas e a intenção suicida. Esse padrão foi solidificado em 1999, quando os americanos Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17, mataram treze pessoas e feriram 24 na escola Columbine, no Colorado. Antes disso, muitas outras chacinas em escolas já haviam ocorri-

do, a maioria nos Estados Unidos, mas a de Columbine foi emblemática porque ganhou muita visibilidade e ocorreu em um momento de popularização da internet. Antes da carnificina, a dupla de adolescentes gravou vídeos em que realizava treinamentos de tiro e ameaçava explodir a cabeça dos colegas. Harris e Klebold foram filmados em sua ação insana pelas câmeras da escola, e alguns trechos foram usados em um documentário do americano Michael Moore de 2002. O filme *Elefante*, de 2003, do diretor Gus Van Sant, e o jogo de computador *Atirador Escolar: Tour Norte-Americano 2012*, lançado em fevereiro passado, foram inspirados no ataque. Foi a internet, contudo, a principal ferramenta a dar publicidade ao desatino da dupla. Estima-se que mais de cinquenta massacres em esco-



INSPIRAÇÃO MACABRA

Nos últimos 100 anos, foram registrados cerca de 400 massacres em escolas em todo o mundo, a maioria nos Estados Unidos. Desde 1999, esse tipo de crime se tornou mais comum, com os assassinos assumindo padrões de comportamento semelhantes entre si, inspirados na matança da escola secundária Columbine, no Colorado. O quadro mostra os principais ataques a escolas, que ficaram marcados pelo alto número de vítimas ou pela influência que exerceram sobre outros atiradores

UNIVERSIDADE DO TEXAS

Onde: Austin, nos Estados Unidos

Quando: 1966

Vítimas: 18 mortos e 33 feridos

Assassino: Charles Whitman, de 25 anos

Era aluno ou funcionário: sim

Armas: espingarda, carabina, revólver Magnum 357 e pistola 9 mm

Imitou outro ataque: não

FACULDADE ROSE-MAR

Onde: Mesa, nos Estados Unidos

Quando: 1966

Vítimas: 5 mortos e 2 feridos

Assassino: Bob Smith, de 18 anos

Era aluno ou funcionário: não

Arma: pistola calibre 22

Imitou outro ataque: sim

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA CALIFÓRNIA

Onde: Fullerton, nos Estados Unidos

Data: 1976

Vítimas: 7 mortos e 2 feridos

Assassino: Edward Charles Allaway, de 37 anos

Era aluno ou funcionário: sim

Arma: fuzil semiautomático

Imitou outro ataque: não

ESCOLA PRIMÁRIA GROVER CLEVELAND

Onde: San Diego, nos Estados Unidos

Quando: 1979

Vítimas: 2 mortos e 8 feridos

Assassina: Brenda Ann Spencer, de 16 anos

Era aluna ou funcionária: não

Arma: espingarda calibre 22

Imitou outro ataque: não



las — a maioria deles fracassada — tenham sido inspirados em Columbine. Em 2001, por exemplo, três jovens americanos que prometeram fazer algo “maior que Columbine” tiveram seus planos frustrados pela polícia. “Esta é a regra: sempre que o FBI apreende o computador de um desses criminosos

para analisar o conteúdo, constata-se que eles navegaram em páginas da internet com conteúdos relacionados a Columbine”, diz o sociólogo americano Jonathan Fast, autor de um livro sobre o assunto.

Jovens mentalmente desequilibrados, com baixa autoestima e cheios de

frustrações sociais e sexuais costumam enxergar esses assassinos em massa como guerreiros a ser imitados. O fato de as carnificinas atraírem atenção mundial também é um estímulo aos replicadores dos crimes. A isso se chama efeito viral das chacinas. Na Alemanha, o segundo país com o maior número de

GARY MAUER

ÉCOLE POLYTECHNIQUE

Onde: Montreal, no Canadá
Quando: 1989
Vítimas: 14 mortos e 14 feridos
Assassino: Marc Lépine, de 25 anos
Era aluno ou funcionário: não
Arma: espingarda calibre 22
Imitou outro ataque: não

COLÉGIO LINDHURST

Onde: Oliverhurst, nos Estados Unidos
Quando: 1992
Vítimas: 4 mortos e 10 feridos
Assassino: Eric Houston, de 20 anos
Era aluno ou funcionário: sim
Armas: pistola e espingarda calibre 22
Imitou outro ataque: não

ESCOLA PRIMÁRIA DE DUNBLANE

Onde: Dunblane, na Escócia
Quando: 1996
Vítimas: 17 mortos e 17 feridos
Assassino: Thomas Hamilton, de 43 anos
Era aluno ou funcionário: não
Armas: 2 pistolas e 2 revólveres
Imitou outro ataque: não

ESCOLA SECUNDÁRIA WESTSIDE

Onde: Jonesboro, nos Estados Unidos
Quando: 1998
Vítimas: 5 mortos e 10 feridos
Assassinos: Andrew Golden, de 11 anos, e Mitchell Johnson, de 13 anos
Eram alunos ou funcionários: sim
Armas: 7 pistolas e 3 espingardas
Imitaram outro ataque: sim

COLÉGIO THURSTON

Onde: Springfield, nos Estados Unidos
Quando: 1998
Vítimas: 4 mortos e 24 feridos
Assassino: Kip Kinkel, de 15 anos
Era aluno ou funcionário: sim
Arma: espingarda calibre 22
Imitou outro ataque: não

ESCOLA SECUNDÁRIA COLUMBINE

Onde: Littleton, nos Estados Unidos
Quando: 1999
Vítimas: 13 mortos e 24 feridos
Assassinos: Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17 anos
Eram alunos ou funcionários: sim
Armas: pistola, fuzil automático e espingardas de caça
Imitaram outro ataque: não

Especial

ataques a escolas, foi possível demonstrar esse fenômeno numericamente. Após o tiroteio em uma escola de Emsdetten, em 2006, a polícia conseguiu rastrear 75 adolescentes que planejavam ataques semelhantes, inspirados no primeiro. Criminologistas alemães identificaram que a maioria dos matadores dava indícios de suas intenções sangrentas na internet, seja postando vídeos e fotos em que posam armados, seja enaltecendo atentados terroristas ou outros desajustados como eles. Tim Kretschmer, que matou quinze pessoas em 2009, por exemplo, tinha em seu computador um vasto material sobre os ataques de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Wellington, segundo

relato de seus familiares, também admirava os terroristas islâmicos. Não é o fundamentalismo religioso que leva jovens como Wellington ou Kretschmer a se identificar com os terroristas, mas o fascínio por uma forma de suicídio em que se busca notoriedade da pior maneira: pela violência contra inocentes.

Nos Estados Unidos e na Alemanha, a polícia costuma se antecipar ao efeito viral e intensifica o monitoramento de redes sociais e fóruns da internet a cada novo ataque, para frustrar novas chacinas de estudantes. "Tiroteios em escolas em geral ocorrem em sequência, com pequeno intervalo entre eles, influenciados por eventos anteriores",

diz o sociólogo americano Eric Madfis, especialista em violência juvenil. No dia seguinte ao massacre em Realengo, as redes sociais brasileiras estavam cheias de comentários assustadores e enaltecimentos a Wellington. "Se Deus existe, ele estará do seu lado, irmão, viva a minoria", dizia um comentário no Orkut, na sexta-feira passada. "Olhem pelo lado dele, ele tinha problemas pessoais e sociais, era uma pessoa fraca que se deixou abater pelo prazer da vingança", lia-se no YouTube. "Pior é que eu sei o que se passava na cabeça dele", escreveu um integrante do Twitter. Comentários frios e aterradores como esses, enaltecendo o assassino, são justamente os sinais que a polícia da Alemanha e a

**COLÉGIO W.R. MYERS**

Onde: Taber, no Canadá

Quando: 1999

Vítimas: 1 morto e 1 ferido

Assassino: Todd Cameron Smith, de 14 anos

Era aluno ou funcionário: sim

Armas: espingarda calibre 22

Imitou outro ataque: sim

GINÁSIO GUTENBERG

Onde: Erfurt, na Alemanha

Quando: 2002

Vítimas: 16 mortos e 7 feridos

Assassino: Robert Steinhäuser, de 19 anos

Era aluno ou funcionário: sim

Armas: pistola Glock e espingarda

Imitou outro ataque: sim

COLÉGIO RED LAKE

Onde: Red Lake, nos Estados Unidos

Quando: 2005

Vítimas: 9 mortos e mais de 12 feridos

Assassino: Jeff Weise, de 16 anos

Era aluno ou funcionário: sim

Armas: pistolas Glock e Ruger e uma espingarda

Imitou outro ataque: sim

ESCOLA GESCHWISTER SCHOLL

Onde: Emsdetten, na Alemanha

Quando: 2006

Vítimas: 37 feridos

Assassino: Sebastian Bosse, de 18 anos

Era aluno ou funcionário: sim

Armas: pistola e 2 espingardas

Imitou outro ataque: sim

JARDIM DE INFÂNCIA SHINGUAN

Onde: Shinguan, na China

Quando: 2006

Vítimas: 12 mortos e 5 feridos

Assassino: Bai Ningyang

Era aluno ou funcionário: não

Armas: faca e gasolina, com a qual ateou fogo às crianças

Imitou outro ataque: não

VIRGINIA TECH

Onde: Blacksburg, nos Estados Unidos

Quando: 2007

Vítimas: 32 mortos e 25 feridos

Assassino: Cho Seung-hui, de 23 anos

Era aluno ou funcionário: sim

Armas: 2 pistolas

Imitou outro ataque: sim

Especial

dos Estados Unidos procuram para frustrar os imitadores. A maioria das afirmações, evidentemente, não passa de blufe, o que torna a prevenção ainda mais difícil. Mas o alerta é válido: em 2007, a polícia alemã atrapalhou os planos macabros de dois estudantes porque seus colegas denunciaram um deles, que se dizia admirador dos assassinos de Columbine.

A internet, além de fonte de inspiração, é utilizada pelos potenciais matadores para aprender a usar as armas e treinar para os ataques. Quase sempre, os massacres são meticulosamente planejados. Isso explica por que as mulheres estão por trás de apenas 5% de todos os assassinatos em massa em escolas. "Em geral, quando cometem crimes, as mulheres são impulsivas e não suportam

níveis de violência e brutalidade tão intensos", diz José Geraldo Taborda, professor de psiquiatria da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Ao planejarem os crimes, os atiradores têm como intuito provocar o maior número possível de vítimas e copiar fielmente casos anteriores. Harris e Klebold, de Columbine, vestiam-se com roupas pretas, botas e bonés com a aba para trás quase todo o tempo. Às vezes, posavam com sobretudo. Queriam ser conhecidos na escola como a Má-

fia do Casaco. Seus imitadores usaram trajes semelhantes, às vezes misturando roupas militares, mas raramente abandonaram o negro. Wellington seguiu o mesmo padrão de vestuário. Na cidade de Cleveland, em 2007, Asa Coon, um estudante de 14 anos que atirou em dois colegas e dois professores antes de se matar, vestia uma camiseta negra com a estampa do cantor Marilyn Manson, roqueiro também cultuado pela dupla de Columbine. O boné para trás foi adotado pelo finlandês Matti Saari e pelo coreano Cho Seung-hui em suas fotos posadas. Dominado pela necessidade de copiar seus antecessores, Saari chegou a viajar para comprar uma arma na mesma loja em que outro carniceiro escolar finlandês, Pekka-Eric Auvinen, adquirira a sua.

Considerando os elementos em comum com chacinas ocorridas em outros países, é de temer que Realengo tenha posto o Brasil no circuito do terror escolar. O fator viral desse tipo de crime ao menos contém uma esperança: como costuma ser precedido de sinais e pistas na internet, familiares, amigos e colegas talvez possam identificá-los a tempo para evitar mais um massacre de inocentes. ■

COM REPORTAGEM
DE JULIA CARVALHO

**JOKELA SCHOOL**

Onde: Tuusula, na Finlândia
Quando: 2007
Vítimas: 8 mortos e 10 feridos
Assassino: **Pekka-Eric Auvinen**, de 18 anos
Era aluno ou funcionário: sim
Arma: pistola calibre 22
Imitou outro ataque: sim

UNIVERSIDADE NORTHERN ILLINOIS

Onde: Dekalb, nos Estados Unidos
Quando: 2008
Vítimas: 5 mortos e 21 feridos
Assassino: Steven Kazmierczak, de 27 anos
Era aluno ou funcionário: sim
Armas: espingarda e 3 pistolas
Imitou outro ataque: sim

UNIVERSIDADE KAUHAJOKI

Onde: Kauhajoki, na Finlândia
Quando: 2008
Vítimas: 10 mortos e 1 ferido
Assassino: **Matti Juhani Saari**, de 22 anos
Era aluno ou funcionário: sim
Arma: pistola
Imitou outro ataque: sim

ALBERTVILLE REALSCHULE

Onde: Winnenden, na Alemanha
Quando: 2009
Vítimas: 15 mortos e 9 feridos
Assassino: Tim Kretschmer, de 17 anos
Era aluno ou funcionário: sim
Arma: pistola Beretta 9 mm
Imitou outro ataque: sim

ESCOLA PRIMÁRIA NANPING

Onde: Nanping, na China
Quando: 2010
Vítimas: 8 mortos e 5 feridos
Assassino: Zheng Minsheng, de 41 anos
Era aluno ou funcionário: não
Arma: faca
Imitou outro ataque: sim

JARDIM DE INFÂNCIA SHENGSHUI

Onde: Hanzhong, na China
Quando: 2010
Vítimas: 9 mortos e 11 feridos
Assassino: Wu Huanmin, de 48 anos
Era aluno ou funcionário: não
Arma: faca
Imitou outro ataque: sim

ANEXO G - Matéria da revista TIME - The Littleton Massacre: ...In Sorrow And Disbelief

By NANCY GIBBS;Julie Grace, S.C. Gwynne, Maureen Harrington, David S. Jackson, Jeffrey Shapiro and Richard Woodbury/Littleton Monday, May 03, 1999

High school is a haunted house in April, when seniors act up because the end is near. Even those who hate school sometimes cling to the devil they know. And for the kids who love it, the goodbyes are hard to think about. Two weeks ago, Sara Martin was chosen to be a graduation speaker for Columbine High, and she was struggling. She wanted to write about all the people she loved, in the choir and the Bible club and even the ones who turn left out of the right-hand lane in the parking lot.

"I have loved oysters at 7 in the morning in the teachers' lounge with Mme. Lutz and the halls that smelled like rotting Easter eggs," she wrote. "I have loved fire drills and Tai Chi on the lawn with Mr. Kritzer's philosophy class. I have loved you and our moments of folly together...We're all looking for passion, for something, anything, in our lives." And she wondered how to capture the spirit, "the humanity and integrity that walk the halls of our very own Columbine."

She was in the choir room last Tuesday when something very different was walking the halls. By the end of that gruesome day, by the time 15 people had died, her friends among them, she had her yearbook of humanity and integrity signed in blood. As Dylan Klebold and Eric Harris prowled the school with their guns and bombs, this is what the children did: a boy draped himself over his sister and her friend, so that he would be the one shot. A boy with 10 bullet wounds in his leg picked up an explosive that landed by him and hurled it away from the other wounded kids. Others didn't want to leave their dying teacher when the SWAT team finally came: Can't we carry him out on a folded-up table? A girl was asked by the gunman if she believed in God, knowing full well the safe answer. "There is a God," she said quietly, "and you need to follow along God's path." The shooter looked down at her. "There is no God," he said, and he shot her in the head.

Before we inventory the evil we cannot fathom, consider the reflexes at work among these happy, lucky kids, born to a generation that is thought to know nothing about sacrifice. They had no way of knowing what would be asked of them, what they were capable of. Among the kids who died and the ones who were prepared to die were the students who stayed behind to open a door, or save a friend, or build an escape route or

barricade a closet or guide the descending SWAT teams into the darkness.

The story of the slaughter at Columbine High School opened a sad national conversation about what turned two boys' souls into poison. It promises to be a long, hard talk, in public and in private, about why smart, privileged kids rot inside. Do we blame the parents, blame the savage music they listened to, blame the ease of stockpiling an arsenal, blame the chemistry of cruelty and cliques that has always been a part of high school life but has never been so deadly? Among the many things that did not survive the week was the hymn all parents unconsciously sing as they send their children out in the morning, past the headlines, to their schools: It can't happen here, Lord, no, it could never happen here.

Sure it can. It can even happen in Littleton, a town of 35,000 near the dusty-tan foothills of the Rockies, just southwest of Denver. It was once a small prairie town of gold rushers and traders, where the biggest scare was getting hit by a prairie dog. Now it's a stretched finger of the big city, with aspiring families who don't lock their doors, enclaves with names like Coventry and Raccoon Creek and Bel Flower, scrubland turned into golf courses, houses that run anywhere from \$75,000 to \$5 million or so. There's an arch over a hallway in the high school engraved with a motto: "The finest kids in America pass through these halls."

The day began with an omen. On the classroom video monitors, the "phrase of the day" was not exactly Ralph Waldo Emerson. Instead, noticed a student, it was something to the effect, "You don't want to be here." Below that was the date, not spelled out April 20, as was the custom, but written 4/20 in bold type, a pulsing message easily decoded. "It's weed-smoking day," one student said, referring to the shorthand for going out and getting stoned: marijuana is supposed to contain 420 different chemicals: the Los Angeles police department's code for a drug bust is 420.

And it was also, as we now know too well, Adolf Hitler's birthday. In the handwritten diary of one of the suspects, the anniversary, say the police, was clearly marked as a time to "rock and roll." Some members of Harris' and Klebold's clique, tagged in derision a few years before as the Trench Coat Mafia, had embraced enough Nazi mythology to spook their classmates. They reportedly wore swastikas on black shirts, spoke German in the halls, re-enacted World War II battles, played the most vicious video games, talked about whom they hated, whom they would like to kill. Harris and Klebold liked to bowl: when Harris made a good shot, he would throw his arm up, "Heil Hitler!"

But they were not really dangerous, right? Every school has its rebels, its Goths in

black nail polish and lipstick, its stoners and deadbeats, sometimes, as in this case, the very brightest techie kids who found solidarity in exclusion. "We hung out. We listened to music," says Alejandra Marsh, 16. "We went over to someone's house and watched cartoons. We loved Pinky and the Brain and Animaniacs." Fellow students described them as discarded, unwanted "stereotype geeks," who, like the jocks and preppies, had their own table in the cafeteria, their group picture in the yearbook with the caption, "'Who says we're different? Insanity's healthy. Stay alive, stay different, stay crazy.'"

"They do it for the attention," says Greg Montgomery, 19. "It's kind of like a rivalry with us," pipes in hockey player Chip Dunleavy, 17. "They hate us because we're like the social elite of the school."

That rivalry had been smoldering for months. Some students say even the teachers picked on the Trench Coats, blaming them for things they hadn't done and letting the jocks get away with anything because they were the crown princes. One athlete in particular liked to taunt them. "Dirtbag," he'd say, or maybe, "Nice dress." Others called them "faggots," inbreeds, harassing them to the point of throwing rocks and bottles at them from moving cars. "You have to understand that there were as many lies, rumors and intrigue as in Washington this past year," says Marsh. "It's almost the definition of a teenager to be cruel to those who are not like you. They don't like to admit it," she says, but "the ones who are the worst at spreading rumors and lies would be the jocks and the cheerleaders. There was one rumor we went around killing small animals. Another rumor that we had orgies."

Some of the Trench Coats tried to ignore the hazing, but some snarled back, and one reportedly flashed a shotgun at his abusers in the park. They made a video for class, a tale of kids in trench coats hunting down their enemies with shotguns. The graffiti in the boys' bathroom warned: COLUMBINE WILL EXPLODE ONE DAY. KILL ALL ATHLETES. ALL JOCKS MUST DIE.

It was all out in the open, all the needles and threats, but in a school of nearly 2,000 busy, ambitious kids, that quiet hissing sound was just background noise, drowned out by the gossip about who went to the prom with whom on Saturday night; the humming of the seniors' theme song, *The Way You Look Tonight*; and finally the normal sounds of a Tuesday morning, when the biology class was worrying about its test on the digestive system, the choir was rehearsing for its afternoon concert and it was warm enough outside to wear shorts, at last.

It was Free Cookie Day in the cafeteria, and there were hundreds of students

draped around the tables and waiting in lines at the 11:30 lunch hour when the sounds of the firing erupted outside. Students saw two boys in trench coats and masks firing at kids; one tossed something up onto the roof of the school, and it exploded in a flash. Some kids thought it was the long-awaited senior prank; they had been expecting balloons filled with shaving cream. Surely those are firecrackers, they thought. Surely those guns are fake. Is the blood fake? Can a fake bomb make walls shake? Then they were screaming and running. One boy could feel the rush of a bullet past his head.

"Get down!" the janitor yelled. "Get under a table!" They dove for cover, then began crawling--under furniture, over backpacks, slithering toward the stairs. Then they ran as the shots came again. "We heard boom after boom," says sophomore Jody Clouse. "The floor was shaking from the explosions." Bullets clanged as they bounced off metal lockers. Some tried to run upstairs, to the safety of the library. But there was smoke everywhere, the fire alarms had gone off, and the sprinkler system was turning the school into a blinding, misty jungle. So they retreated back downstairs, away from the library, which, by the time the mayhem ended, had turned into a tomb.

Cafeteria worker Karen Nielsen had rushed to help the bleeding students when she spotted the shooters. As she heard the shots blowing through the room, she shoved the kids into a bathroom. She pulled a phone along with her to call the police. But then she worried, "They'll see the cord. And then we'll be trapped."

Sheriff's deputy Neil Gardner, posted at the school for security, heard the shots and ran toward the cafeteria. When he spotted one gunman, he exchanged fire, then ducked for cover and called for backup. By this time the 911 calls were already coming in, and the SWAT cars were on the scene within 20 minutes. But the bombs were still going off, and the officers had no idea how many shooters there were--or which ones were killers and which were targets. "They didn't want to go in there with guns blazing," says Cathy Scott, mother of two students who escaped, "and kill the wrong kids." And so the police hunkered down, as the bombs kept exploding all around.

Upstairs in the science wing, science teacher Dick Will thought, "There go those chemistry people blowing things up again." But when the fire alarm rang, Will knew it was more than students at work. A group of his kids went down the hall to investigate and came back yelling and screaming, "They're shooting!" He herded his charges back to the corner of the room, shut off the lights and started turning over chairs and desks and piling them up against the doors.

Other teachers had the same instincts. Business teacher Dave Sanders was in the

faculty lounge when he heard the trouble, raced toward the cafeteria and went to war. "He screamed for us to get down and shut up," says freshman Kathy Carlston. "We crawled on the floor and made it to the stairs." When the firing began again, they got up and started to run. Sanders, on the ground, propped himself on his elbows, directing kids to safety as the killers moved in. Too terrified to look back, Kathy never saw the shooters, but she could tell they were close, very close. She stands over 6 ft.; she knew she made a promising target. So while other kids raced down a first-floor hallway, she leaped up the stairs toward the second floor. She tried the door to one science room, but it was already locked. Furiously she worked her way down the hall, finally to Science Room 3, into which two teachers were herding other kids.

The class had been taking a long, nasty biology test when the explosions came. Lexis Coffey-Berg, 16, saw Sanders running toward them, saw him shot twice in the back, with a jolt and spasm. "You could see the impact," she says. "You could see it go through his body. He was spitting up blood." He stumbled into the room, blood streaming from his chest, and collapsed over the desk, knocking out his teeth.

A teacher got the paramedics on the phone, and the classroom turned into a trauma ward. Aaron Hancey, a junior, had had some first-aid training, and the paramedics tried to talk the kids through the basic lifesaving treatment. Boys stripped off their shirts to make pillows for Sanders' head and bandages for the bloody holes in his torso. They found some emergency blankets stashed with the fire gear in that room and wrapped him up as his temperature started to fall. They could tell they were losing him.

"I can't breathe," he murmured. "I've got to go." But they kept talking to him, pulled his wallet out of his pocket and held up the pictures of his daughters. Tell us about them, they said. "He was breathing and awake the whole time," says Jody Clouse. "I'm sure the pain was great." They made a sign with the dry-erase board and held it up in the window for the rescuers to see: HELP, BLEEDING TO DEATH. As the students prayed, Sanders every now and then managed to cough and spit out some blood to clear his lungs. But the time kept passing, and no one came. Said Sanders: "I don't think I'm going to make it."

On the classroom TVs, the barricaded students could see the SWAT teams assembling, the news choppers hovering and eventually the parents beginning to gather, as they and the rest of the country watched the siege take hold of the school. "[The police] didn't know where the shooters were, or where the bombs were," says Lexis, "so they couldn't get us right away." Her friends began writing notes to their parents, saying that

they loved them, that they thought they were going to die. Everyone was praying. "In a world where there are so many religions," says Lexis, "everyone was praying the same way." One friend made a vow. "If I ever get out, I'm going to be nice to my little brother."

Elsewhere up and down the halls, students locked themselves in closets and classrooms, also calling out on their cell phones. They called police; they called parents; they called for anyone who could come and help get them out. Some could hear sounds of laughing in the hallways, as the shooters prowled through the smoke. They heard the jeering. "Oh, you f__ing nerd. Tonight's a good night to die." Senior Nick Foss and a friend ducked into a bathroom, punched through a ceiling panel and shimmied along the ventilation shaft. Suddenly one of the vents broke, and Foss fell 15 ft. down onto a table in the teachers' lounge. Somehow uninjured, he picked himself up and sprinted out a door to freedom as the shooting continued behind him. "They were shooting everywhere; it seemed like they wanted to kill everything in sight," he says. "I've never been so frightened in my life. It was run for your life or die."

His twin brother Adam, meanwhile, was in trouble down the hall. He had been in choir practice, preparing for a concert that afternoon at an elementary school. When the shooting started, Adam and about 60 others crammed into the choir-room office as the explosions seemed to come closer and closer. They pushed a filing cabinet and two upended desks against the door. In the hot, stagnant air, several kids began to gag and cough. Shhh, quiet, the others said, fearing any sound would lure the killers, who for all they knew were right outside. The choir room lay near the top of the stairs, close to where the carnage began, and very close to the library where it would finally end.

Someone in the choir room whispered, "Who's religious? Anybody in here religious?" The huddled students started to pray, very, very quietly. "I was terrified on the outside," says Craig Nason, a junior. "But on the inside, God gave me peace. I felt like many others outside the school were praying for us." The walls of the office kept shuddering with each shot and explosion, for an agonizing 20 minutes or so. Then things fell quiet, and they waited. When they reached the police by phone, pleading for rescue, they were told that the police had to move slowly because of possible booby traps. Some students with asthma started having trouble breathing, so others climbed up and pulled out some ceiling tiles, then lifted the students up to where the air was fresher. The quiet was cut when the office phone rang. It was the elementary school calling, wondering why the concert was being delayed.

Many of the kids who made it out the exits ran into the parking lots. Police had

heard rumors that the gunmen were exchanging clothes with the students, so everyone had to be checked, patted down, in order for the cops to be sure these were the victims escaping and not the killers. Neighbors arrived with blankets, bandages and gauze and brought kids into their homes. A nurse passing through the area found herself doing triage on a front lawn. The ambulances began shuttling the wounded--the ones who had been able to get out of the building on their own power--to area hospitals. Senior SWAT team agent Donn Kraemer spotted a boy in a window, limp, bleeding, desperate to get out. "He looked at us but was oblivious," Kraemer said. "He was going to come out headfirst." Kraemer and another agent grabbed him and pulled him to safety. The boy, with gunshot wounds in the head and foot, was so much in shock that he could barely say his name. Rick or Rich, they thought he said. His name was Patrick Ireland. He had taken two bullets to the head. Last week the 17-year-old was in serious condition, suffering from impaired speech and damaged motor skills to his right side.

Among the countless offers of help that came in during the siege was one the police did not accept. Well before any potential suspects had been named publicly, Klebold's father contacted police, saying he thought his son might be involved and offering to help negotiate a surrender. The SWAT team leaders decided they didn't think he could be of any use.

All the while the killers were still inside, going about their business. And in the end, they did their deadliest work in the school's quiet place, the best place to find people in a school when finals are looming and everyone worries about getting term papers done on time.

A teacher, identified by police only as Peggy, made it into the library a few steps ahead of the killers. First she called the police. Then, over the phone, she could be overheard desperately trying to warn the kids. "There's a guy with a gun!" she yelled, bleeding. "Kids, under the table! Kids, stay on the floor! Oh, God. Oh, God--kids, just stay down!" At first, Craig Scott thought it was all a prank, maybe the teacher was in on it. But the noise was real, and the fear was real, and he ducked under a table with his friend Matt Kechter and one of Columbine's few black students, a senior named Isaiah Shoels. And they heard the gunmen come in.

They were laughing, excited. "Who's next?" they said, "Who's ready to die?" The two moved through the room, calling out: "All the jocks stand up. We're going to kill every one of you." Seth Houy had come to the library to hang out with his sister and a friend; they ducked under a table and he lay on top of them so he would be the one to be

hit. "Honestly, I think that God made us invisible," he told the Denver Post. "We prayed the hardest we'd ever prayed, and God put an invisible shield around us."

The killers went round the room, asking people why they should let them live. Students heard one girl pleading for her life, then a shot, and quiet. They told wounded kids to quit crying; it will all be over soon, you'll all be dead. They approached another girl, cowering under a table, yelled "Peekaboo!" and shot her in the neck. Anyone who cried or moaned was shot again.

The murderers were utterly without pity. Survivors said they treated it like a video game. "We've waited to do this a long time," they said. At one point one of the gunmen recognized a student and said, "Oh, I know you--you can go." And then, "We're out of ammo.. gotta reload. We'll come back to get you three."

Craig took off his white baseball hat and hid it. When the killers walked by, they saw Isaiah and called him a "nigger." He pleaded with them not to shoot, just let him go home, he wanted his mom, and they pulled the trigger. Then they shot Matt. Craig, covered in his friends' blood, lay very, very still. As he told Katie Couric two mornings later, in an account almost unbearable to watch, Craig began praying for courage. "God told me to get out of there," he said. So he got up and started to run, yelling to others to come with him. One girl pleaded for help. "She had a chunk of her shoulder blown off with a shotgun," Craig said. "And I helped her get out. She was bleeding all over the place, and her--her bone was showing." They got out of the library, out to an exit, down to the cops, where Craig told them what the shooters looked like, where they were.

And then he asked the other kids if they had any brothers or sisters in the school, and they started praying for them. As the minutes passed, "All these people that I was praying for, 30 minutes later, their brothers and sisters were showing up." And he said to the others, "See, I told you, I told you prayer worked. I told you your sister was going to come out of this, I said--and they thanked me. And they kept praying for my sister." But something told him that all was not right for Rachel. Only the next morning did he learn, officially, that she had died. But he already knew.

Meanwhile, in the science room, Mr. Sanders was dying. Students kept giving the police specific directions to the room, but there was so much confusion, and the time just kept passing. Via phone, Sanders was told it would be another 10 to 15 minutes before help would arrive. "It's too long," he responded. "Tell my girls that I love them...my wife..."

In all it was 3 1/2 hours before the second-floor class was rescued. Students asked if they could please help carry Sanders out on a table. No, said the SWAT team, and they

herded the students through the halls, now filled with 6 in. of water from the sprinklers, past the bodies and the blood sprayed everywhere. In the cafeteria the half-eaten lunches lay soaking on the tables. "Everything was left in place," says Lexis, "like it was a normal day." She recalls the police yelling, "If any of you take your hands away from your head, we're going to pull you away immediately. Get up and put your hands on your head. Run! RUN!"

It was too late for Sanders. Gradually his breathing weakened, his face turned blue and pale. He died just minutes after paramedics reached him. "The wait for help was so long," says Jody Clouse. "Everything that happened just didn't seem real."

All the while, the terrified parents were watching it unfold in real time. They streamed toward the campus as the news spread, some abandoning their cars as they came. They approached anyone who looked official, begging for news of their children. Why were the police waiting so long? Their kids were in there, some were running out in gushes, but so many were still missing. Where are they? Who is helping them? In time the parents were told that everyone would be reunited at nearby Leawood Elementary School, and so the vigil moved there. The parents waited as the yellow buses pulled in one at a time, dispensing 40 or so kids into joyful reunions with family and friends, like some kind of awful lottery.

There were so many lists circulating, like the dreaded lists of the war dead, except these were survivor lists, and parents were desperate to see, hear anything, called out names, searched for their kids' friends to find out if they knew anything. They called homes, called hospitals, called anywhere they could think. Some of the kids who fled the school early on had gone into hiding at their friends' houses, in such shock that it was hours before they made contact with their parents.

"I'm so very happy," said Cathy Scott, mother of two, "and so very sad. My kids aren't going back to school anytime soon."

Bruce Beck searched each face coming out, looking for his stepdaughter Lauren Townsend. "You see all the kids run out of the building," he told the Rocky Mountain News. "You're just sure one of the kids is going to be yours." Lauren's mother waited by the phone, waiting for word. And it didn't come. As the afternoon turned to evening, the crowd finally became smaller and more desperate. At one point there were far more pastors and counselors than parents left. Over a basketball hoop was a pink sign-- PRAYER CORNER: PLEASE JOIN US. Though by this time the police had secured the high school, officials from the sheriff's office explained that there were bombs stashed

among the bodies and it was too dangerous to go in and move them. And then they asked parents to come back in the morning--with dental records. Two mothers fled the building and threw up outside. It took hours to catalog the carnage. "There were SWAT team people who were in Vietnam," said district attorney Dave Thomas, "who were crying and weeping over what they saw." But only on Thursday did officials truly appreciate the level of mayhem the killers had in mind. In the school kitchen, in a duffel bag, they found the sinister parcel containing a propane tank, gasoline can and nails and BBs and glass that would have taken dozens of lives in the busy cafeteria. The killers, Sheriff John Stone said, "were going to destroy the school."

Before they fired their last two shots into their own heads, the killers fired off an estimated 900 rounds, using two sawed-off shotguns, a 9-mm semiautomatic carbine and a TEC-DC 9 semiautomatic handgun. And as the smoke cleared, police discovered more than 30 bombs in all: several pipe bombs in the school and others outside in cars in the parking lot, an arsenal so large that suspicions immediately arose about whether Harris and Klebold could possibly have acted alone.

The hardest thing about the search for an explanation was the growing fear there might not be one. There would be lots of talk about the venomous culture that these boys soaked in--but many kids drink those waters without turning into mass murderers. There would be talk of deep family dysfunction, something in their past or their present, but nothing in the first days of archaeology turned up anything tidy that explained something so massively wrong. These were parents who came to all the Little League and soccer games. They even came to practices.

Dylan Klebold was said to be the weaker spirit of the two: quiet, reserved, looking for a leader, which he found in Eric Harris when the Harrises moved to Littleton from Plattsburgh, N.Y. Klebold's father Thomas is a former geophysicist who launched a mortgage-management business from his home. His mother Susan worked with blind and disabled kids at the local community college. They lived in a modern wood-and-glass home tucked under a stunning outcropping of red rocks in an area called Deer Creek Canyon. On the day before the shooting, neighbors of the Harrises saw Klebold's black BMW parked outside Eric's house. Harris' father Wayne was a decorated Air Force pilot. One neighbor heard one of them ask the other if he had a metal baseball bat. From the garage came sounds of hammering and breaking glass. "He was always in there with the door closed," said a fifth-grader who lived nearby. Police say it would be possible to build 30 bombs in a single afternoon, with less than \$200 worth of materials, all easily found at

hardware and sporting-goods stores.

As for the recipes, those are even easier to find for a kid with that much cyberskill. Harris' personal website, since taken down by AOL, detailed advice on building pipe bombs. "I will rig up explosives all over town," he wrote. "I don't care if I live or die." Elsewhere on the website he writes that a pipe bomb is "the easiest and deadliest way to kill a group of people," and he offers advice on shrapnel: "You can use screws, BBs, nails of all kinds..." According to an internal information memo in the possession of district attorney Thomas, Harris had spoken to a psychiatrist sometime before the shooting, and the doctor recommended that he begin taking antidepressants. The doctor said Harris had expressed anger about the world.

Klebold and Harris had charmed their way through the legal system. They were convicted of a felony in January 1998 after breaking into a van and stealing about \$400 worth of electronic equipment. They entered a juvenile-court rehabilitation program that allowed them to clear their records by participating in community-service programs and an anger-management seminar. Last Feb. 3 both were allowed to finish the program early, having been such model participants. "Eric is a very bright young man who is likely to succeed in life," said the termination report on Harris. As for Klebold, he too was "intelligent enough to make any dream a reality, but he needs to understand hard work is part of it."

If the professionals did not spot the warning signs, neither did the people who saw the boys every day. The owner of the pizza parlor where they worked says they were model employees. For all the talk of fierce racism, Harris was well liked back in Plattsburgh, where his best friends, according to the local Press-Republican, were black and Asian. As for the neo-Nazi Klebold, his great-grandfather was a prominent Jewish philanthropist back in Ohio.

Yet the police disclosed that the handwritten diary they had found was drenched in Nazi-philial: phrases in German punctuating a year's worth of meticulous planning for the attack on Hitler's 110th birthday. There were also annotated maps of the school showing the best places to hide and where and when the most students gathered. Again and again, hatred for the jocks emerged in the writings. Said Sheriff Stone: "They wanted to do as much damage as they could possibly do, destroy as many children as they could and go out in flames." The remains of their preparations were evident, he says: the barrel of a gun was clearly visible on the dresser of one suspect when investigators entered his room at home.

Whatever the threats and intentions, the killings were, in the end, blindly indiscriminate. They shot at the math whiz and the actress, the wrestler, the debater, jocks, brains, band members, freshmen, seniors. They shot at the head football coach; they shot at the science teacher. "They shot at everybody," says senior Nick Zupancic, "including the preps, the jocks and the people who wore Abercrombie & Fitch clothes. But it would be hard to say they singled them out, because everybody here looks like that. I mean, we're in white suburbia. Our school's wealthy. Go into the parking lot and see the cars. These kids have money. But I never thought they'd do this."

By the time the memorial services had been held and the flowers piled up in the soft spring snow in the parking lot, the recriminations were well under way. How could parents not know their garage was a bomb-making factory? How could a school not know the hatred in its halls was more than routine teenage alienation? Why had the SWAT team members been so cautious when people were trapped and bleeding to death? What if their kids had been inside?

There was nothing the school could have done differently, insisted Columbine's principal Frank DeAngelis. "We could have had the National Guard on alert, and it wouldn't have stopped this," he said. Metal detectors would not have stopped the rampage at the door, and he doesn't think the killers stashed their arsenal ahead of time, an argument that became harder to defend when it was reported that as a member of the audio-visual program, Harris may have had a key to the school. Maybe it would help to search routinely every car in the lot, the principal said, but that "is just not practical." DeAngelis passed the job back to students. "It's students' responsibility to report even idle threats. They must tell adults, and then it's our job to check them out." So how could glaring omens like Harris' website pages, on which he reportedly threatened another kid's life, or his violent fantasy stories and videos be missed? DeAngelis has no answer.

In the meantime, the Columbine survivors are left with their fear and grief. The grocery stores are out of cellophane cones of flowers. Prom pictures have become obituary shots. A bunch of kids went out to dinner at Applebee's Thursday night. Everyone stared. "They knew we were kids from Columbine," says junior Scott Schulte. "No one said anything. Then a waitress dropped a booster chair. We all jumped."

Sara Martin has come to her own conclusions. The graduation speaker now hopes she won't have to speak at all. "When those guys walked into the hallways in their trench coats, with their guns and their bombs, they brought in fear and hate and pushed out everything else--every ounce of life." In its place, students planted crosses: four pink ones

for the girls, nine blue ones for the boys--and two black ones, set apart, for the killers.

--Reported by Julie Grace, S.C. Gwynne, Maureen Harrington, David S. Jackson, Jeffrey Shapiro and Richard Woodbury/Littleton

ANEXO H - Matéria da Revista Time - The Littleton Massacre: Bang, You're Dead

By David E. Thigpen/New York;RICHARD CORLISS Monday, May 03, 1999

The young and the older always eye one another across a gaping chasm. Gray heads shake in perplexity, even in a week of mourning, even over the mildest expressions of teen taste. Fashion, for example. Here are these nice kids from suburban Denver, heroically documenting the tragedy for TV, and they all seem to belong to the Church of Wearing Your Cap Backward. A day later, as the teens grieve en masse, oldsters ask, "When we were kids, would we have worn sweats and jeans to a memorial service for our friends?" And of course the trench-coat killers had their own distinctive clothing: Johnny Cash by way of Quentin Tarantino. Should we blame the Columbine massacre on haberdashery?

No, but many Americans want to pin the blame for this and other agonizing splatter fests on pop culture. Adults look at the revenge fantasies their kids see in the 'plexes, listen (finally) to the more extreme music, glance over their kids' shoulders at Druid websites and think, "Seems repulsive to me. Maybe pop culture pulled the trigger."

Who wouldn't want to blame self-proclaimed Antichrist superstar Marilyn Manson? Listen to Lunchbox, and get the creeps: "The big bully try to stick his finger in my chest/Try to tell me, tell me he's the best/But I don't really give a good goddamn cause/ I got my lunchbox and I'm armed real well.../Next motherf_____ gonna get my metal...Pow pow pow." Not quite Stardust.

Sift through teen movies of the past 10 years, and you could create a hindsight game plan for Littleton. Peruse *Heathers* (1989), in which a charming sociopath engineers the death of jocks and princesses. Study carefully, as one of the Columbine murderers reportedly did, *Natural Born Killers* (1994), in which two crazy kids cut a carnage swath through the Southwest as the media ferociously dog their trail. Sample *The Basketball Diaries* (1995), in which druggy high schooler Leonardo DiCaprio daydreams of strutting into his homeroom in a long black coat and gunning down his hated teacher and half the kids. *The Rage: Carrie 2* (now in theaters) has jocks viciously taunting outsiders until one girl kills herself by jumping off the high school roof and another wreaks righteous revenge by using her telekinetic powers to pulverize a couple dozen kids.

Grownups can act out revenge fantasies too. In *Payback*, Mel Gibson dishes it out (pulls a ring out of a punk's nose, shoots his rival's face off through a pillow) and takes it (gets punched, switch-bladed, shot and, ick, toe-hammered). *The Matrix*, the first 1999 film to hit

\$100 million at the box office, has more kung fu than gun fu but still brandishes an arsenal of firepower in its tale of outsiders against the Internet droids.

In Littleton's wake, the culture industry has gone cautious. CBS pulled an episode of *Promised Land* because of a plot about a shooting in front of a Denver school. The WB has postponed a *Buffy the Vampire Slayer* episode with a schoolyard-massacre motif. Movie-studio honchos, who furiously resist labeling some serious adult films FOR ADULTS ONLY, went mum last week when asked to comment on any connection between violent movies and violent teen behavior. That leaves us to explain things.

Revenge dramas are as old as *Medea* (she tore her sons to pieces), as hallowed as *Hamlet* (seven murders), as familiar as *The Godfather*. High drama is about the conflict between shades of good and evil, often within the same person. But it's easier to dream up a scenario of slaving evil and imperishable good. This is the moral and commercial equation of melodrama: the greater the outrage suffered, the greater the justification for revenge. You grind me down at first; I grind you up at last. This time it's personal.

Fifty years ago, movies were homogenous, meant to appeal to the whole family. Now pop culture has been Balkanized; it is full of niches, with different groups watching and playing their own things. And big movies, the ones that grab \$20 million on their first weekend, are guy stuff. Young males consume violent movies, in part, for the same reason they groove to outlaw music: because their parents can't understand it--or stand it. To kids, an R rating for violence is like the Parental Advisory on CDs: a Good Housebreaking Seal of Approval.

The cultural gap, though, is not just between old and young. It is between the haves and the self-perceived have-nots of teen America. Recent teen films, whether romance or horror, are really about class warfare. In each movie, the cafeteria is like a tiny former Yugoslavia, with each clique its own faction: the Serbian jocks, Bosnian bikers, Kosovar rebels, etc. And the horror movies are a microcosm of ethnic cleansing.

Movies may glamorize mayhem while serving as a fantasy safety valve. A steady diet of megaviolence may coarsen the young psyche--but some films may instruct it. *Heathers* and *Natural Born Killers* are crystal-clear satires on psychopathy, and *The Basketball Diaries* is a mordant portrait of drug addiction. *Payback* is a grimly synoptic parody of all gangster films. In three weeks, 15 million people have seen *The Matrix* and not gone berserk. And *Carrie 2* is a crappy remake of a 1976 hit that led to no murders.

Flash: movies don't kill people. Guns kill people. "What's more troubling," asks Steve Tisch, producer of *Forrest Gump* and *American History X*, "a kid with a sawed-off shotgun or a kid with a cassette of *The Basketball Diaries*? It's not just movies. Lots of other wires have

to short before a kid goes out and does something like this. It's a piece of a much bigger, more complex puzzle."

Some images in recent films are both repellent and (the tricky part) exciting. Some song lyrics express a rage that's not easy to take as irony. And, yes, a movie or song or TV show may inspire some sick twist to earn satanic stardom with a gun. But most kids deserve the respect their parents wanted when they were kids: to be able to consume bits of pop culture and decide on their own whether it's poetry, entertainment or junk.

There is a lapse in parental logic that goes from "I don't get it" to "It must be evil," and from that to "It makes kids evil." Today, moms and dads gaze at the withdrawn souls across the kitchen-table chasm. They see what their kids wear; they may know what their kids see. But, in another Manson lyric, they "fail to see the anguish in my eyes." Parents should try looking into their kids' eyes. If they do, and do more, they might even "see the tragic/Turnin' into magic."

--With reporting by David E. Thigpen/New York

ANEXO I - Matéria da Revista TIME - The Littleton Massacre: Coming to Clarity

About Guns

By LANCE MORROW Monday, May 03, 1999

An item neglected in the rush of the week's news: it was revealed that Russell Eugene Weston Jr., who stormed the U.S. Capitol last summer, killing two police officers, did it because he feared being contaminated by "Black Heva," a blight that he considered "the deadliest disease known to mankind." Black Heva (which exists only in Weston's mind) spreads by way of the rotting flesh of cannibals' victims; Weston shot the policemen because they were cannibals preventing him from getting to the "ruby satellite," a device that is the key to halting Heva-breeding cannibalism.

Evil on paper looks impressive (one of mankind's most important words, invested with the dignity of mystery and theology). But evil in actuality, when it touches down on earth like a tornado for a moment--as it did in Weston's visit to the Capitol, or last week in Littleton--may have a style so tacky, so moronic or so indelibly crazy that it gives off a radiant tabloid weirdness. This almost novelistic sheen of the loony makes the tragedies curiously hard to evaluate. The evil effect is evident--innocent blood everywhere; the cause, in the case of Littleton anyway, remains obscure. Evil is, after all, a mystery. The uniqueness of individual evils owes something to chaos theory. Perhaps we should not try to explain something like the shootings but should sit very still, and pray, and await the arrival of clarity.

Nah. We all begin chattering at once: American society in the late '90s is a busy chat room set up for just this kind of thing (Oklahoma City, O.J.), with noisy experts on tap, interrupting one another from different quadrants of the screen. We round up the usual suspects--in the current case, our cretinous popular culture; the Internet, with its rancid cul-de-sacs; violent movies; idiot television; vicious rap; ubiquitous sex. One high school counselor cast a wide net on MSNBC: "It's all those things, ekcedra, ekcedra, ekcedra." The "ekcedra" includes adolescence itself, a form of temporary insanity that in America is rendered even crazier by all of the above.

But the massacre in Colorado did raise a serious issue, yet again: gun control. Newspapers all over the world published sanctimonious editorials about the "American gun culture." The National Rifle Association went on sensitivity alert; in a rare moment of self-effacement it canceled the festive public events and gun show planned around its annual meeting, but not the meeting itself, which by coincidence is scheduled for this week in

Denver.

The anti-gun forces took some energy from public outrage over the shootings. California's assembly approved a bill designed to limit handgun sales. The gun lobby in Colorado had been expecting to get passage of three bills (to loosen restrictions on concealed-weapons permits, to ban local lawsuits against manufacturers and to pre-empt local ordinances on firearms). State legislators quickly withdrew two of them, and Governor Bill Owens promised to veto the third. Earlier in April, Missouri voters defeated a referendum to lift a constitutional ban on concealed weapons. So far this year, New Mexico, Kansas and Nebraska have defeated bills that would allow concealed weapons. The struggle goes on, state by state.

We may be witnessing the beginning of one of those tectonic shifts in our culture and morality: the terror haunting the gun industry is the precedent of tobacco. At some point in the last couple of generations, smoking became disreputable in American life--a sort of moral consensus formed. If juries were to start awarding damages to cities, or to individual gunshot victims, extracting millions from gun manufacturers, or at least forcing them to mount expensive defenses in hundreds of suits, then it is possible that the N.R.A. and other defenders of the gun might abandon their cold-dead-hand absolutism and begin to compromise a little. At least one Brooklyn jury has already issued a warning: last February it ordered three gun companies to pay a young gunshot victim \$500,000 after finding that they had engaged in the "negligent distribution" of their product.

If N.R.A. president Charlton Heston had a canner sense of public relations, he would knock himself out campaigning to stop the sale of semiautomatic weapons, ban armor-piercing bullets and do all possible to keep firearms away from criminals, children and psychotics. He would legitimize his own case by pre-empting the best ideas of the other side.

I live on a farm and own four long guns. I learned to shoot when I was 10 years old, under the tutelage of the N.R.A. It was not a flawless education: when I was 13, I nearly blew a friend's head off, by accident, with his father's .38 revolver. (I was lucky enough to be permitted to learn a lesson the hard way; my friend was plain lucky.) I find that I sympathize with both the gun culture and the anti-gun culture. I do wish the gun culture were a lot more intelligent.

ANEXO J - Matéria da Revista TIME - The Littleton Massacre: What Politicians Can't Do

By ANDREW FERGUSON Monday, May 03, 1999

There are moments when politics seems a grand calling, but the eruption of evil among schoolchildren isn't one of them, and so a curious and altogether appropriate quiet settled over American politicians in the wake of the nightmare at Columbine High. Not absolute silence, mind you--there's only so much we can expect of our politicians--but quiet: a kind of humility that suggested they knew they had come up against the limits of their trade.

The response of Richard Gephardt was typical. As ranking Democrat in the House of Representatives, Gephardt felt compelled to release a statement, but there was about his words something wan and attenuated. "Ultimately," he said, "the answer will not be found in state legislatures or in the halls of Congress. The answer lies somewhere in the hopelessness and the hateful hearts of the children who have lost their way." Gephardt is an activist liberal, a voluptuary of governmental solutions, so his concession carries an interesting significance. You saw it from the political right too. "There's not a magic wand you can wave," said Gary Bauer, a conservative activist who coincidentally launched his presidential campaign the day after the Littleton murders. Even Pat Buchanan, after firing off a few half-hearted rounds at the "poison of our popular culture," could offer little more than a shake of the head. "There was something sick and wrong inside those boys," he said. "I don't know how to stop it."

As always, it was President Clinton, the most finely tuned politician of the age and the bully pulpit's current occupant, who best captured the prevailing political tone. From global warming to lagging test scores, from car safety seats to unmet alimony payments, the President is quick to launch a program for any problem, no matter how obscure, with three points or five points or seven--the more points the better. And, yes, he did urge school boards to apply for federal grants that would put armed police officers in schools. But in the face of the carnage, he mostly dropped the wonkery and assumed the role of National Grief Counselor. "It is very important to explain to children, all over America, what has happened," he said, "and to reassure our own children that they are safe." If anyone thought it odd that the government's chief executive officer was advising parents on what to whisper to their children as they tucked them in at night, nobody said so. Under the circumstances, the President's words seemed tasteful and well chosen.

This is something new in American politics, but it didn't start with Littleton. It has been in train for many months or maybe longer, and it crosses party lines. A bipartisan

consensus--that holy grail of establishmentarians everywhere--has been reached that politicians can no longer concern themselves merely, even primarily, with the workaday stuff of politics: marginal tax rates, crime control, defense expenditures, environmental and labor laws, the international balance of power. Our politicians are transcending politics. They are turning their attention, for better or for worse, to matters of the human heart.

Consider, if you can force yourself to do so 19 months before the election, the current roster of presidential candidates. When they lapse into the hortatory mode, their language is drawn more often from the lexicon of pop psychology than from traditional politics. In announcing his candidacy, Dan Quayle said, "You know, even though we are No. 1, we know that something is missing. Something fundamentally isn't quite there." And where is there? Bill Bradley has an answer: "For starters we can look deeper into the soul of America," he said last week, "to peel back the layers of denial and defense" that obscure our national dialogue. And Republican candidate John Kasich too speaks frankly of "saving the soul of America."

This is more than platitude, or, more accurately, it is a new kind of platitude. It represents at once a new humility and a new hubris on the part of pols: a recognition on the one hand that some difficulties are not susceptible to the manipulation of public policy and, on the other, a determination that they will come to our rescue anyway. With so much going so right in the U.S.--with the creation of fabulous wealth, with falling rates of divorce and crime and abortion--politicians are aching to stay in the game. You are well advised not to dwell on the many contradictions--how it is, for example, that politicians who for years promised to keep government out of our bedrooms now see fit to invite their way into our souls. They have cast themselves as empaths; soul fixing is their job.

Nearly 25 years ago, Jimmy Carter got elected by promising to create a government as good and decent as the American people. Our current candidates seem to be promising the reverse: to make the American people as good and decent as the political class that tries to lead them. I am not sure this is an improvement. But politics is a market-tested enterprise, and politicians respond to the demands of their consumers. Their bet is that America today wants a Therapist in Chief. Another horror like Littleton, and they may be right.

ANEXO K - Matéria da Revista TIME - The Littleton Massacre: What Can The Schools Do?

By John Cloud;Cathy Booth/Los Angeles, Leslie Everton Brice/Atlanta, Jodie Morse/Trumbull, Tim Padgett/Miami and Desa Philadelphia/New York Monday, May 03, 1999

As the country watched Littleton last week, we seemed to be hurtling toward a National Moment, a late-'90s version of, say, the sinking of the Maine, or the Kent State shootings during Vietnam, or Rock Hudson's death. These moments can be dangerous, as such soul searching quickly turns into lawmaking. History may remember last week because of what happens in the next few weeks, so let's try to get it right.

We might go ahead and dismiss a few of the too tiny suggestions (those mesh backpacks you keep hearing about still carry guns--just stinky ones wrapped in gym clothes) as well as the too big ones (Ohio Representative James Traficant used Littleton to try to revive the idea of prayer in schools, which the Supreme Court has ruled illegal about 38 times). But what about New Mexico Senator Jeff Bingaman's proposal to spend \$10 million turning schools into little fortresses, with security better than that at the nuclear lab in his state? Or more gun control, as New York Senator Charles Schumer urged when he reminded us that "a teenager can only do so much damage with his fists"?

By week's end, a sense of panic had crept from the 24-hr. "Terror in the Rockies" broadcasts into the statehouses as well. Some were more panicked than others: California Governor Gray Davis spoke of the importance of guidance counselors, but, reflecting the differences in the men and their states, Virginia Governor Jim Gilmore ordered superintendents to report any potentially dangerous student to police immediately. School districts are alarmed by the governmental consternation. Just last week, 150 calls were directed to Russ Ebersole, who runs a small but suddenly lucrative Bethesda, Md., firm that takes \$500 from schools to bring in Labrador retrievers that sniff out bombs and gunpowder. Even so, after the worst school massacre in this country's history, there must be something we can do. Right?

If crime in the classroom is an epidemic, it's like tuberculosis--one we basically control, with a few flare-ups every once in a while that beat the inoculation. Overall, school violence is not going up. Just 10 of every 1,000 students were the victims of serious violent crime at school in 1996. And while that's 10 too many, more than twice that number (26) were victims off campus. After the shootings that occurred in the 1997-98 school year, many

districts tightened security. It's having an effect, according to the National School Safety Center: there were 42 deaths in the 1997-98 academic year, and just nine--before last Tuesday--this school year, which ends soon.

What has increased over the past five years is the multiple-victim, video-game-like rampages that led up to the Littleton abomination. They are the Ebola virus of schools--horrifyingly bloody, yes, but perhaps so determined that we can't devise general means to stop them. On Saturday, authorities in Texas announced that five 14-year-old boys had been charged with plotting a murderous assault on their junior high school. Since Littleton, dozens of copycat threats have popped up around the country. There are two categories of dealing with them: first, nurture more; second, crack down. The latter is embraced by security experts and frightened school employees. For these folks, even zero tolerance is somehow too much; they want lock-downs and detector dogs and strapped rent-a-cops to be a regular feature of school life. (President Clinton also said the Federal Government would provide more money for schools to hire police. For the record, however, Columbine High School's armed cop couldn't do much to stop the shooters.)

Most schools blend the two approaches, to the extent that they can afford it. Trumbull High School in tony Trumbull, Conn., can afford a lot. The school has an armed, uniformed police officer at the entrance, and an 11-member team of counselors watches for warning signs and deals with problem kids. There are two guards inside, these in plainclothes; one of them, John Kichinko, wears Winnie-the-Pooh ties to keep kids at ease.

These measures put Trumbull on the cutting edge of safety, but even there, one gets the sense that prevention is as much a matter of luck as of planning. Last year a teacher happened to notice a student photocopying material about bombmaking. The teacher spread the word, and kids stepped forward to say the boy had downloaded the info from the Web and was building a device. Police found a ready-to-detonate bomb in his locker. He was expelled.

Across the nation, the most common violence-prevention measures are the cheapest--and the easiest for a couple of well-armed outcasts to blast past. According to a study published last year in the journal *Urban Education*, the direct-prevention plan most commonly reported by school administrators is to place teachers in hallways. Next come alternative schools, which lump the troubled kids together under one (ideally sturdy) roof; and finally, visitor registration.

The stark limits of such measures became clear after Jonesboro and Springfield and the rest, and many schools have added paranoia to their prevention plans. All bomb threats, at one time sifted for credibility, are taken seriously at most schools. After East Montpelier, Vt.,

canceled school seven times because of bomb threats, officials instituted a new policy: classes move outside when threats are called in, and trucks haul in lunch and Porta Potties.

Schools everywhere are experimenting with security measures developed in juvenile jails. Unmanned metal detectors--around which students can pass weapons--are out, and random checks with wand detectors are in. Urged on by the President, many schools have adopted uniforms--or at least require tucked-in shirts, which can't hide pistols. Some districts have purchased surveillance cameras or fancy fire alarms that guard against pranks.

But critics complain that such measures erase whatever fragile trust exists between students and administrators, making it less likely for kids to offer information about students on the edge. (Even at touchy-feely Trumbull, sophomore Mike Schubert notes the dangers: "You want to keep your mouth shut, or you might end up dead somewhere.") What's more, the high-tech gizmos probably couldn't have prevented any of the shootings of the past two years.

Real prevention is much harder; it means addressing the underlying causes of violence. The boys involved in last year's shootings shared three traits: they were estranged from family and classmates (in some cases owing to poorly treated mental illness); they had immersed themselves in a violent entertainment subculture; and they had ready access to guns.

Now, of course, we enter the uncertain and fraught territory of social change--the gun debate alone is already deafening--but not all the social advocates are woolly-headed. The awkwardly named group Fight Crime: Invest in Kids counts eight crime survivors and more than a dozen police chiefs on its advisory board, including former New York City police commissioner William Bratton. The Washington-based group's four-point plan is touchingly well meaning: 1) give kids something to do after school; 2) make sure young children have access to quality child care; 3) help schools identify troubled kids early and provide counseling for them; 4) prevent child abuse.

All are things that should be done in any case. But they are just the sort of pricey domestic programs we reward politicians for flaying. Consider that in the average school district, the harried psychologist must see 10 of his charges every day just to see each of his students once a year. In California, 50% of the schools don't even have guidance counselors. It's nearly impossible in such an environment to separate the kids tinkering with bombs in the garage from kids whose only offense is a love for Marilyn Manson.

So does anything work? Sort of. Dedicated mentors can make a difference, and--though they sound hopelessly mushy--programs that help bullies deal with frustration have been shown to

reduce school violence. Schools that try very hard to connect to families and communities can find potentially destructive students earlier. Not surprisingly, the districts that have had the most success are the ones with schools in or near big cities, which have had to combat violence the longest. Five years ago, DeKalb County officials in Georgia were finding so many weapons on campus that they began a campaign to alert parents.

"We spoke at churches, community groups--and we stressed gun responsibility," says Garry McGiboney, who heads the system's disciplinary tribunal. "We'd tell them, 'If you think your kids don't know you have a gun, you're kidding yourself. Or if you think they don't know where that gun is, you're also kidding yourself.'"

DeKalb officials urge kids to warn them about troubled classmates, and a civic group gives \$100 rewards for students who tattle on weapons violators. Counselors look for bullies; dogs hunt for guns. DeKalb has this success to report: five years ago, it confiscated 76 weapons; this year, it confiscated "only" eight.

That may be the best schools can do. "The society outside our schools today means the unbelievable availability of weapons and the reinforcement of the violence culture by the media," says Jose Garcia, principal of a Florida middle school that had a fatal shooting in 1997. "No principal can shut that out of a school. Nobody can."

--With reporting by Cathy Booth/Los Angeles, Leslie Everton Brice/Atlanta, Jodie Morse/Trumbull, Tim Padgett/Miami and Desa Philadelphia/New York

It's late 1998--long before the phrase Columbine school shooting enters your lexicon--and you're a researcher at a hate-group-monitoring center. Your job is to trawl the Web, surf literally thousands of "anarchy" links and make a note of the really nasty ones. One day you stumble across a high school student's website that contains a lot of hateful teen posturing and some plug-ins for a best-selling violent computer game. Do you bookmark it?

The answer is no--at least, not for researchers at the Simon Wiesenthal Center in Los Angeles, who came across Eric Harris' home page on America Online some six months ago but didn't include it on their CD-ROM directory of hate sites. "It didn't have explicit threats against any individual or institution," explains the center's associate dean, Rabbi Abraham Cooper. "We see very, very ominous websites regularly--by the hundreds."

AOL yanked Harris' site within hours of last week's shooting, preserving its contents for an FBI investigation. But copies were already circulating across cyberspace--along with a few sick hoaxes--and their contents made many folks eager to blame the Internet for this tragedy. Others pointed to violent video games, particularly Doom and Quake, Harris' favorites. In these seminal works, players wander through claustrophobic corridors in a terrifyingly real first-person perspective, blasting the guts out of their enemies with a blistering array of weaponry. "You can actually set the gore level on some of [these games]," notes Jeff Inman, a specialist in youth intervention in Cobb County, Ga. "How much blood do you want to see splattered? It's sickening. It gives kids a lack of respect for life."

Even more ominous is when the games go beyond serving up generic gore and start trafficking in fantasies of bias crimes. There are video games out there that make Doom look like an art-house flick. For example, white supremacists can stage virtual lynchings with a game called Hang Leroy, clandestinely available on Klan sites. Racist versions of Doom also exist, with a plug-in that changes the color of the victims. "Hate is available in many flavors on the Internet," says Raymond Franklin, a Maryland police executive and publisher of the Hate Directory. He says that neo-Nazis could take advantage of what was until recently a largely young white male audience online--a fertile recruiting ground. Rabbi Cooper too is worried about such groups' having "unassailable full-time access to America's young people in the most powerful cultural medium ever created."

And yet there is no way of calculating how much of a role was played by propaganda and video games in Harris and Dylan Klebold's killing spree. Quake and its ilk may have helped desensitize a generation--but you're blasting cyborgs, not classmates, and you're

certainly not constructing pipe bombs. Harris' online essay on how to make these devices suggests that he made most of his discoveries through trial and error, not on the Net. The computer age may be giving kids a new outlet for their dark fantasies, but that hardly means it is turning them into killers.

--By Chris Taylor. With reporting by David Nordan/Atlanta, Elaine Shannon/ Washington and James Willwerth/Los Angeles

ANEXO M - Matéria da Revista TIME - The Littleton Massacre: We're Goths and Not Monsters

By Chris Taylor; Wendy Cole/Chicago and Tim Padgett/Miami Monday, May 03, 1999

In any other week, the disclaimer on the door of Inkubus Haberdashery, a Gothic fashion store in Miami's Coconut Grove district, would have seemed as out of place as the boutique itself. THE GOTHIC COMMUNITY IN NO WAY CONDONES THE USE OF VIOLENCE, it read. WE ARE APPALLED BY THE KILLINGS AND BY THE INFERENCE THAT THE MURDERERS BELONGED TO OUR CULTURE. Inside, owner Malaise Graves lamented the spotlight the Littleton killings had suddenly thrown on Goth culture. "I'm afraid this violent stereotyping of us is only going to get worse now," she sighed.

The initial assumption that Eric Harris and Dylan Klebold were Goths--simply because they wore black trench coats, painted their fingernails black and listened to Marilyn Manson music--got real Goths everywhere hot under the black leather collar. "Teenagers tend to go after the most powerful images they can," explains Seth Baker, a Los Angeles Goth. "They put together a lot of images." Real Goths have nothing to do with violence.

Still, if Klebold and Harris were wolves in Goth's clothing, there was plenty to identify with. "We romanticize the darkness of humanity," says Peter Stover, 21, a photography major at Chicago's Columbia College, who has midnight blue hair and regulation pale skin. "We're creatures of the night."

The current manifestation of Gothic culture began with the British punk scene in the early '80s. Bands like Bauhaus, Siouxsie and the Banshees, and Joy Division created the atmospheric doom-rock sound. A clothing style evolved that was part Johnny Rotten, part Anne Rice and all black. Acolytes sometimes took an interest (purely academic) in subjects such as Satanism and blood drinking, which ensured this was one rebellion that would never enter the mainstream. In the '90s shock rockers like Manson appropriated the image and blurred the lines--until any shaggy-haired, trench-coat-wearing teen could be considered a Goth by his peers.

--By Chris Taylor. With reporting by Wendy Cole/Chicago and Tim Padgett/Miami

ANEXO N - Matéria da Revista TIME - The Littleton Massacre: Where Were the Parents?

By Amy Dickinson Monday, May 03, 1999

As much as we've read and heard about Eric Harris and Dylan Klebold, we know very little about their family life. We know even less about their parents. But we do know that these two high school boys sent up flares advertising their anger and alienation, but these signs were either ignored or dismissed.

Since last Tuesday, an army of experts has marched through our living rooms to educate us on the signals our children send before they fly off the rails. Does your child show an unusual interest in guns? Is he a bully? Does he have violent fantasies? Does your child seem sad or depressed? If so, he may be in trouble, and a parent should intervene immediately. When I hear this I think: Well, duh. And I wonder: Where were these kids' parents?

Maybe Eric and Dylan suffered from some organic psychosis that even the most loving and attentive parents couldn't cure. Maybe the signs that seem so obvious to us now, in retrospect, were well obscured in the Harris and Klebold homes. Teenagers are good at hiding their true selves--or the selves they're trying out this month--behind the "grandma face" they wear when they're trotted out to see the relatives. Behind that pleasant mask there can be volumes of bad poetry, body piercings and tattoos.

But is it possible for parents to miss homicidal rage? I can't help asking: Where were the Harrises and Klebolds when their sons were watching *Natural Born Killers* over and over? Have the parents seen that movie? Have they ever played *Doom* and the other blood-soaked computer games that occupied their children? Did these "educated professionals" take a look at the hate-filled website their kids created?

Were the Harrises aware of the pipe-bomb factory that was in their two-car garage? The kid down the street was aware of it, and he's 10 years old. So I wonder: Where the hell were the parents? And then, like most parents I know, I wonder: Where are the rest of us? Are we vigilant enough?

Most teenagers exist in a state of near constant mortification at the prospect of supervision by their parents. But surely a parent can risk his child's embarrassment, and his own discomfort, to get in his or her face a little bit. Surely we can manage to love them a little louder. To find the time to read their school papers, listen to their music, watch what they watch and get to know their friends. I have a memory of my mother, bless her, sitting at our

dining-room table and reading the liner notes to Thick as a Brick the year my brother was 16 and deeply into Jethro Tull.

Every parent knows that raising children requires bicycle helmets, Beanie Babies, notebook paper, prayers, skill, the grace of God and plain dumb luck. But what many of us don't ever come to grips with is this: we must take responsibility for the world our children inhabit. We make the world for them. We give it to them. And if we fail them, they will break our hearts 10 different ways.

So far, the only people assuming any kind of recognizable parental responsibility for the shootings in Colorado are some of the parents of the victims. In his anguish, Michael Shoels, father of 18-year-old Isaiah, wonders aloud if there is anything he might have done to get between his son and the killers. But, no, Mr. Shoels, it's not your fault. You did your job. You knew him well. Your son knew that life isn't a video game. He was in the library working on a research paper when he was killed.

Dickinson is a new TIME contributor. She also writes a column for America Online

ANEXO O - Matéria da Revista Time - The Littleton Massacre: A Curse Of Cliques

By ADAM COHEN;Harriet Barovick, Des Moines/Philadelphia and Elaine Rivera/New York, Laura Laughlin/Phoenix, Jodie Morse/Trumbull and David Nordan/Atlanta Monday, May 03, 1999

When the shooting finally stopped at Columbine High School, and students ran out of their hiding places to safety, some of the most hulking male students had stripped off their shirts. They weren't posing for the cameras. Word had spread through the school that the "Trench Coat Mafia" was hunting for athletes, and at Columbine a polo shirt--and a white baseball cap--marked the wearer as a jock.

It was the first day in Columbine history that it was dangerous to be a jock--and that kind of humiliation may have been just what the killers had in mind. Video games and the easy availability of guns may have contributed to the Littleton horror. But what role did the ingrained cliquishness of American high schools play? Part of the story is old: the embittered outcasts against the popular kids on campus. But what kind of new conflagrations should we expect if the Revenge of the Nerds can now be played out to the firing of semiautomatics?

In the movie version of the 1950s, schools split into two camps: the fresh-scrubbed kids (frats, preppies) and the leather-clad rebels (hoods, greasers). It's more complicated these days. Columbine's 1,935 students look a lot alike--mostly white, well off and primed for success. But students have no trouble ticking off a startling number of cliques--jocks, hockey kids (a separate group), preppies, stoners, gangbangers (gang-member wannabes), skaters (as in skateboarders) and, as they say, nerds. Other high schools have variations on these themes. California has its surfer cliques, and Austin High School in Texas has the hicks--or kickers--who show up at school in cowboy boots, big hats and oversize belt buckles.

It's a cliché that jocks and cheerleaders rule, but it is largely true. While others plod through high school, they glide: their exploits celebrated in pep rallies and recorded in the school paper and in trophy cases. "The jocks and the cheerleaders, yes, have the most clout," says Blake McConnell, a student at Sprayberry High School near Atlanta. "They get out of punishment--even with the police. Joe Blow has a wreck and has been drinking, and he gets the book thrown at him. The quarterback gets busted, and he gets a lighter sentence."

At the other extreme are the Trench Coat Mafias of the world--the kids on the margins. Each school has its own brand of outsiders with their own names--nerds, freaks, punks, ravers. And each group has its own way of standing out. At Atlanta's Sprayberry, says

sophomore Shawn Cotter, "the outcasts are mainly people who dress up differently, guys who wear makeup and dress in feminine ways, people who wear black leather and chains."

But high school outcasts have moved beyond the chess club and the audio-visual squad. Now they are wearing black T shirts, trench coats and hard-kicking Doc Martens. Many are also wearing face powder and black eyeliner. "A lot of it is just a front--a mass cry for attention," says McConnell. "Mostly there's nothing behind it."

Still, the worst of high school fringe groups do seem more disturbed than in the past. The awkward kids aren't just smiling inappropriately during science-lab frog dissections. Some high schools have white supremacist cliques. Then there are groups like the Straight Edge, a presence at schools like Salt Lake City's Kearns High School. They are puritanical punks who are anti-drug, anti-alcohol, and anti-tobacco--and they are violent. If you smoke or drink in their presence, some Straight Edgers will attack you with a baseball bat.

The so-called good cliques can do just as much as the outsiders to foment trouble. There really is a Lord of the Flies dynamic at work among kids. Even nice kids seem to spend a lot of time being cruel to their less socially prominent peers. Social science literature is filled with the gritty details--categorized under headings like "the spiral of rejection." Patti and Peter Adler, sociologists who do field research on cliques, found that a 17-year-old girl in one group they observed could raise her status by getting a boy to spend money on her and break up with another girl for her--and then dump him. Another clique member told a researcher that "one of the main things to do is to keep picking on unpopular kids because it's just fun to do."

The dynamics between cliques are often very raw, particularly for the groups at the extremes of the social spectrum: jocks and outcasts. Even at the relatively well-integrated Liberty High School in Bethlehem, Pa., it is not unheard of for the punks--who often sport black clothing, tattoos and spiky hair--to be taunted in the hallways. "They call 'em dirty, say stuff like 'Why don't you bathe?'" says a student. Often it is the athletes who dish out the abuse. Haakon Espeland, 14, switched out of Brooklyn's Fort Hamilton High, where he was one of the "freaks." The reason he fled: a stream of abuse, starting on his first day at school, when "all these huge people beat on me, basically for being there."

Adolescents are psychologically fragile, and mistreatment from schoolmates leaves deep wounds. Sometimes, says Augustana University education professor Larry Brendtro, "kids who feel powerless and rejected are capable of doing horrible things." Jason Sanchez, 15, a student at Phoenix's Mountain Pointe High School, understands why Harris and Klebold snapped: "If you go to school, and people make fun of you every day, and you don't have

friends, it drives you to insanity."

There is probably no way to stop high schools from breaking down into cliques. We may be hardwired for it. As early as preschool, researchers have found, kids begin rejecting other kids. And even in kindergarten, children have a good idea which of their classmates are popular and which are not. But schools can take the edge off the situation through inclusiveness. "I can't remember ever going to a pep rally and having the skaters show off their talents," says Curtis Cook, a parent at Phoenix's Desert Vista High School. Says New York City psychoanalyst Leon Hoffman: "All kids need to belong, and if they can't belong in a positive way at the school, they'll find a way to belong to a marginal group like a cult or a gang."

The Columbine High shootings seem to have given at least some cliques around the country pause. At Trumbull High School in Connecticut, the Goths have stopped wearing their trademark trench coats. And students in more mainstream cliques may be a little more cautious about taunting students who don't fit in--if only out of an instinct for self-preservation. "I'm not going to talk about them anymore," says Nathalie Kirnon, a Trumbull freshman. "They might do it here."

--Reported by Harriet Barovick, *Desa Philadelphia* and Elaine Rivera/*New York*, Laura Laughlin/*Phoenix*, Jodie Morse/*Trumbull* and David Nordan/*Atlanta*

